

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Escola de Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura



AS CAMPANHAS JORNALÍSTICAS DE LIMA BARRETO (1915 -1922):

UM PROJETO POLÍTICO

Rafael da Silva Lopes

Rio de Janeiro, 2020

AS CAMPANHAS JORNALÍSTICAS DE LIMA BARRETO (1915 -1922): UM PROJETO POLÍTICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

Rio de Janeiro, 2020

Banca examinadora:

Aprovado em:

Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho (PPGCOM/URFJ)

Prof^a. Dr^a Ana Lúcia Vaz (UFRRJ)

Prof. Dr. João Paulo Carrera Malerba (UERJ)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, peço benção a meu Pai, dono de todos os caminhos, que rege meu Ori: Laroyê, Exu! Orixá responsável pela comunicação entre o Aiyé e o Orum, aquele que dá movimento à vida.

Peço benção também as minhas ancestrais, que trouxeram da África, em seu ventre, a nossa história e com isso, a possibilidade desse trabalho ser tornar realidade.

Benção daquela que me trouxe ao mundo, minha mãe Marilene, que sempre batalhou para que seus três filhos pudessem ter um destino melhor que o dela.

Agradeço também as minhas irmãs, Verônica e Juliana, pelo apoio e amizade de sempre, nessa caminhada, pelas longas horas de conversas e força nos momentos em que os pés cansaram. E à minha dupla dinâmica Maria Helena e Maria Tereza, minhas sobrinhas.

A meu pequeno Ogum, Bento, que me ensina “que a batalha ao seu lado é uma escolha”, meu parceiro de música e fã de Phil Jo Jones.

À minha mãe de Orixá, Leila de Onira. Que nosso Ilê tenha sempre esse axé acolhedor.

A Samantha Su por ter gentilmente aberto as portas de sua casa em Todos os Santos, para que eu pudesse finalizar esse trabalho na vizinhança de Lima Barreto. E por ter coordenado com ela, neste 2020, a comunicação da campanha de nossa amiga Benny Briolly, a primeira vereadora trans, eleita no Estado, pela cidade de Niterói. Dias duros,

mas que trouxeram essa companhia suave, em tempos tão difíceis. Tenho muito orgulho e admiração por você.

Aos meus amigos André Miranda, Fernanda Paixão, Eduarda Carvalho e Daniele Ferreira, quarteto fantástico que sempre me joga pra cima. Sem vocês isso também não seria possível.

Gratidão aos meus colegas Fátima Thomaz, Carmem Kemoly, Wellington Silva, Evandro Conceição, e Júlio César Sanches, meus colegas e irmãos de cor do Programa e cabeças pensantes do Coletivo Beatriz Nascimento. Juntos fizemos história!

Agradeço especialmente ao meu orientador nesse trabalho, prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho, que me indicou muitas leituras para essa pesquisa, antes mesmo de fazer parte desse programa, quando ainda estava na graduação e me deparei com a obra dele, nos trechos que falam sobre o Lima Barreto.

A Ana Lúcia Vaz, minha querida mestra, que me acompanha desde a graduação. Obrigado pelos puxões de orelha teóricos e da vida.

A João Paulo Malerba, por ter aceito fazer parte desta banca e ter contribuído intelectualmente com esse trabalho. Tem trechos inteiros sobre o anarquismo e sátira que surgiram de suas contribuições.

E por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio à educação pública e de qualidade.

RESUMO

A presente dissertação propõe-se a estudar a produção jornalística de Afonso Henriques de Lima Barreto, entre os anos de 1915 e 1922, como um projeto político formulado pelo escritor. Essa produção na imprensa deve ser contextualizada pela carência de uma rede que representasse uma visão contra-hegemônica às recentes mudanças político-sociais de seu tempo. Parto do pressuposto de que o grupo de literatos e jornalistas atuavam para a construção e manutenção da visão dominante, do ideário de modernização e progresso, na chamada *Belle Époque* carioca, como intelectuais orgânicos da nova classe, surge também vozes dissonantes. O “reformismo pelo alto” que representou a transição da Monarquia para a República acabou também por dar a tônica de uma produção intelectual que não levou em consideração os anseios dos movimentos populares, ou seja, um “divórcio entre povo e nação”. É a partir dos desdobramentos desses fatos, que Lima Barreto constrói a base de sua militante literatura. E são as fissuras das mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais que ele vai perceber a possibilidade de se romper de vez com a velha ordem estabelecida. Dessa forma, Afonso Henriques de Lima Barreto percebeu o novo sentido social que essas mudanças deveriam imprimir à realidade: a ampliação e consolidação da sociedade civil era o *a priori* para a formação de um novo consenso democrático e nacional-popular. É nessa perspectiva que Lima Barreto defende a literatura como “o poder de contágio que a faz passar de um simples capricho individual, em traço de união, em força de ligação entre os homens”. E a imprensa e a literatura eram consideradas por Lima, naquele momento, o lugar das disputas de ideias. Por isso, a partir desse contexto, pode-se indicar que a obra do escritor carioca se apresenta como potência de ruptura, pensando um modelo de sociedade na qual as questões humanas, histórico-sociais, fossem de fato levadas em consideração, como base formadora.

Palavras-Chaves: Comunicação, jornalismo, Lima Barreto, cultura, contra-hegemonia.

ABSTRACT

This dissertation proposes to study the journalistic production of Lima Barreto, between the years 1915 and 1922, as a political project formulated by the writer. This production in the press must be contextualized by the lack of a network that represents a vision that is hegemonic to the recent political and social changes of its time. Starting from the assumption that the group of literary and journalists who worked to build and maintain the dominant vision, the ideals of modernization and progress, in the so-called Belle Époque in Rio, as organic intellectuals of the new class, there are also dissonant voices. The “reformism from above” that represented the transition from Monarchy to Republic, also ended up giving the tone of an intellectual production that did not take into account the desires of popular movements, a “divorce between people and nation”. It is from the unfolding of these facts that Lima Barreto builds the basis of his militant literature. And it is the cracks in political, social, economic and cultural changes that he will perceive as the possibility of breaking with the old established order. Lima Barreto realized that the new social meaning that these changes should give to reality, with the expansion and consolidation of civil society, was a priori for the formation of a new, democratic and national-popular consensus. It is in this perspective that Lima Barreto defends literature as “the power of contagion that makes it pass from a simple individual whim, in a line of unity, in a force of connection between men”. And the press and literature were considered by Lima, at that time, the place of disputes of ideas. For this reason, from this context, it can be indicated that the work of the writer from Rio de Janeiro is presented as the breaking point of a model of society in which human, historical and social issues were in fact taken into consideration, as a formative basis.

Keywords: Communication, journalism, Lima Barreto, culture, against hegemony

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1- A formação da consciência de Lima Barreto.....	20
1.1 - Recordações de Lima Barreto.....	21
1.2 - O encontro com o jornalismo e a <i>belle époque</i>.....	27
1.3 - “Imprensa, o quarto poder fora da Constituição”.....	33
Capítulo 2 - Profissão: jornalista.....	45
2.1 - A importância das revistas nas campanhas jornalísticas de Lima Barreto..	47
2.2 - A revista A.B.C. no contexto de Lima Barreto.....	52
2.3 - A <i>Careta</i>.....	73
2.4 - A imprensa libertária.....	76
Capítulo 3 - O jornalismo de Lima Barreto: um projeto político.....	87
3.1- As ideias sócio-literárias de Lima Barreto.....	89
3.2 - O lugar de Lima Barreto na literatura.....	100
Considerações finais.....	106
Anexos.....	111
Referência bibliográfica.....	120

INTRODUÇÃO

Em 1997, quando fui cursar o “segundo grau”, no Liceu Nilo Peçanha, em Niterói, não fazia ideia de quem era o ilustre desconhecido do busto que ficava no interior da unidade de ensino, com uma placa destacando que ele havia estudado ali. Nessa época, a leitura dos livros considerados clássicos para a literatura nacional era obrigatória. No ano seguinte a minha entrada, tive que ler “*O Triste Fim de Policarpo Quaresma*”, de Lima Barreto, como etapa de uma avaliação da disciplina de Literatura.

Anos depois, para ser mais exato, em 2010, já no curso de Jornalismo, a professora da disciplina “Comunicação e Linguagens I”, Maria Luísa Castro e Silva, durante a apresentação de sua ementa curricular, disse que trabalharia com este livro durante o semestre. Na ocasião, na sala de aula, ela perguntou quem tinha realizado a leitura do livro anteriormente. Para meu espanto, apenas eu levantei a mão. E acho que esse fato chamou atenção dela, que em seguida, me pediu para esperar porque gostaria de conversar comigo após a aula. Esperei. E ela logo me perguntou se eu sabia que Lima Barreto era também jornalista. Disse, com sinceridade, que não.

Nessa mesma semana, num caderno de cultura de um jornal do Rio, li que estava sendo lançado o livro “Contos Completos de Lima Barreto”, de organização e introdução de Lilia Schwarcz. Coincidência ou não, comprei-o. Na leitura do texto “*Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República*”, tive o impacto com o meu primeiro contato com a leitura que falava sobre a vida dele. Aquele era um escritor, um intelectual negro, apesar de aparecer repetidas vezes o termo pejorativo “mulato” na mesma obra, que falava de questões de um Brasil contemporâneo para mim, e, sobretudo, falava do mesmo lugar que eu, de alguém marginalizado pela sua condição de raça e classe. A partir desse instante, Lima Barreto se tornou um amigo ligado pelo tempo e espaço, dada à vivacidade das linhas que estavam ali, na minha frente.

E desse contato, surgiu meu trabalho monográfico “*Quotidiano, identidade jornalística e narrativa: o jornalismo impresso no início do século XX sob o olhar de Lima Barreto*”, de 2013, apresentado em novembro, na Universidade Estácio de Sá. Durante esse processo de imersão em sua obra, para escrever o trabalho acadêmico citado, tive o contato com um trecho do livro “*Os Cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República*”, de Eduardo Granja Coutinho, por intermédio de uma amiga que

cursava História na UFF. Interessado em saber quem era o pesquisador que afirmava que Lima Barreto era a voz dissonante de sua época, descobri que ele era professor da Escola de Comunicação da UFRJ. E, em resumo, foi assim que cheguei a este Programa de Pós-Graduação para continuar a pesquisa sobre a vida e obra de Lima Barreto.

Pensar e analisar o jornalismo do nosso grande escritor brasileiro, como a tentativa de um projeto político de caráter nacional-popular dessa literatura militante, dentro do período no qual ele viveu, 1881 a 1922, é o desafio de agora. A escolha dessa categoria gramsciana se deve ao fato de que a produção de Afonso Henriques possui uma identidade de concepção de mundo, entre o que ligou organicamente o escritor ao próprio meio social em que viveu. Não houve a ruptura entre atividade intelectual e o seu lugar de realidade. Melhor, os anseios dos grupos sociais marginalizados do Brasil da República Velha eram vividos pelo próprio autor. Não havia um “divórcio” entre produção literária e os problemas reais das classes subalternas expostos em seus textos. E aqui cabe outro ponto importante para esta sustentação dessa dissertação.

Também, na trilha do comunista italiano, era de se esperar que, com a queda da Monarquia, o regime republicano trouxesse consigo uma nova classe de intelectuais e uma ampliação e consolidação das instituições da sociedade civil. De fato, foi o que aconteceu, mas os intelectuais da Primeira República e boa parte dessas novas entidades não romperam com o velho sistema. Fizeram uma conciliação pelo alto.

No plano da literatura e do jornalismo, essa passagem de regime representou uma mudança de estilo. A corrente literária naturalista-realista ganha força e faz com que escritores/jornalistas rompam com o Romantismo ufanista brasileiro. Eles abandonam o plano das ideias e passam a olhar para a realidade da vida do homem. No caso brasileiro, é preciso observar alguns pontos político-sociais para que se compreenda essa ruptura. De 1860 a 1890, as questões do abolicionismo e republicanas desembocam nesse novo estilo literário no Brasil.

O autor romântico sai de cena, já que esses procuravam divulgar mitos idealizantes e representavam a velha ordem: “a mãe natureza, amor-fatalidade, o herói-prometeu, a defesa da Nação, Pátria, Tradição.” (BOSI, 1982, p,186). O problema é quando as metas abolicionistas e republicanas são alcançadas, pois “a maioria dos intelectuais cedo perdeu a garra crítica de um passado recente e imergiu na água morna de um estilo ornamental, arremedo da *belle époque* europeia (...)” (*Ibidem.*, p. 219.)

Mesmo que no plano estético a corrente naturalista-realista tenha representado um certo aprofundamento da narração de “costumes contemporâneos”, isso não representou de fato uma quebra.

Os escritores/jornalistas começaram a analisar as mazelas da vida pública e seus contrastes, mas numa posição de “fora”, ou seja, de observadores, enquanto que Lima Barreto se apresentava como o intelectual orgânico das massas populares. E é justamente essa falta de identificação o entre intelectual e nação que torna a obra barreteana “um dos fenômenos mais desconcertantes da historiografia literária nacional.” (COUTINHO, 2011, p, 91). Sigo também parte da investigação formulada por Carlos Nelson Coutinho, ao analisar “*O significado de Lima Barreto em nossa literatura*”. Esse singular artigo me trouxe a possibilidade de perceber essa cisão entre regimes, e o vazio criado, na qual a obra de Lima Barreto surge e ocupa esse vazio como a experiência mais profusa de caráter realista e democrático-nacional. E talvez, até hoje, uma prática dessa envergadura não tenha sido realizada.

Desta vez busquei, em primeiro lugar, concentrar o escopo deste trabalho no período de produção jornalística de 1915 a 1922. Recorte que compreende a fase mais produtiva e regular da contribuição de Lima Barreto para a imprensa carioca, tendo como fonte as revistas *A.B.C.* e *Careta*; e a imprensa anarquista. Desta última, o fundamental fica por conta do contato com a concepção revolucionária que tanto influenciou seus escritos e, principalmente, sua concepção política de literatura. Estão aí, nesse momento, o alicerce da crítica dirigida à República, aos escritores, à política nacional, e ao racismo, que se intensifica dentro desse contexto de conturbadas transformações sociais no Brasil: da Monarquia à República; do modo de produção escravista ao capitalismo tardio; do rural ao urbano; e do Brasil da virada do século XIX para o XX são determinantes para a solidificação da visão de mundo do jovem Afonso Henriques. Além disso, durante essa fase, houve o contato dele com obras filosóficas que sustentam esta perspectiva, mesmo que para tal construção de mundo, tenha se ancorado num ecletismo teórico, que pode deixar, à primeira vista, o leitor ou leitora confusos.

Há também romances publicados pelo autor, entretanto, não menos importantes para essa construção contra-hegemônica de sociedade, não são o foco deste trabalho.

Desse ciclo anterior ao período delimitado nessa pesquisa, destacam-se a publicação do romance “*Memórias do Escrivão Isaías Caminha*”, de 1909, e a revista

“*Floreal*”, de 1907, que durou apenas quatro edições, a primeira tentativa de se construir um veículo contra-hegemônico à visão da época. Então, aqui temos esse processo embrionário que irá se desenvolver ao longo da vida do autor.

No decorrer desse percurso, o jornalista também viu sua trilha profissional abalada por uma série de problemas de saúde. Além do vício no álcool, Lima Barreto sofreu uma sequência de internações em hospícios, que acabou levando-o a se aposentar em 26 de dezembro de 1918, com apenas 37 anos, quatro anos antes de sua morte. De agosto de 1914 até a data citada, Lima Barreto tirou uma série de licenças das atividades como amanuense do Ministério da Guerra, lugar que ocupava desde 1903, para tratamento. A passagem pelo Hospício Nacional (atual corredor do Programa de Pós-Graduação da ECO) deu origem ao romance incompleto “*O Cemitério dos Vivos*”, que Lima Barreto retirou dos apontamentos de “*Diário do hospício*”. Ou seja, a aposentadoria de Lima Barreto representou por um lado a quebra do vínculo que o autor acreditava ser um empecilho à posição crítica acerca da política nacional, mas, por outro lado, o momento mais produtivo da carreira como jornalista. “Aposentado como estou, com relações muito tênues com o Estado, sinto-me livre e feliz, podendo falar sem reboços sobre tudo o que julgar contrário aos interesses do país”.¹

Apesar destas muralhas sociais impostas a Lima Barreto e as próprias vicissitudes do autor, ele soube defender sua obra, seu ponto de vista. Ao mesmo tempo em que a própria vida entrava num turbilhão de problemas, ele não deixava de buscar novas possibilidades, grupos literários e até mesmo tentar ocupar uma cadeira de imortal na Academia Brasileira de Letras (ABL). É neste ponto que a pena crítica da contribuição à imprensa de Lima Barreto ganha a envergadura, a profundidade de um jornalismo como plano de disputa de concepções.

É por este caminho que busco demonstrar a contribuição da obra de Lima Barreto, no destino de sua literatura, apontando que sua obra é resultado de um processo pessoal de tomada crítica da realidade, de como o seu tempo forjou o DNA do que lemos através de seus textos.

A negritude, apesar de não ser um conceito sistematizado de maneira mais robusta nas análises de Lima Barreto, a questão do racismo estrutural transversaliza o tempo

1 BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Apud Toda Crônica*. Apresentação e notas Beatriz Rezende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, Volume II, p. 7.

inteiro a sua vida, e, portanto, sua obra. Num contexto de avanço das teorias eugênicas, a mobilidade social de negros e mestiços mais escuros se transformou em mais uma barreira para a (des) valorização de sua produção. A ponto de confessar em seu diário: “É difícil não ser branco”.² Confissão essa que revela a exata noção de que ser negro no Brasil, e no caso dele, se posicionar como tal, indica o destino da população afrodescendente: a marginalidade social. Outrossim, contribuía sistematicamente para a sustentação da inferioridade entre as raças, os intelectuais da nova classe brasileira. Influenciados por tais teorias colocaram os problemas da questão social não como uma categoria oriunda da formação social-política brasileira de origem escravocrata, mas no lugar de uma evolução biológica das populações, onde o negro era “cientificamente” inferior ao branco. E com isso, todas as mazelas sociais e patologias psicológicas eram consideradas entraves insuperáveis por conta da introdução da “sub-raça” na sociedade. Assim, criminalidade, loucura, embriaguez, prostituição etc., eram comportamentos considerados degenerativos, inerentes à natureza da população afrodescendente. E Lima Barreto, na qualidade de intelectual que surgiu das massas populares e não optou por fazer um “divórcio” com os anseios destes, era de se esperar o silêncio em torno de sua obra durante a vida do autor. Se deslocar nos círculos marginais literários foi a possibilidade de resistência frente a esse cenário.

Por causa do posicionamento literário com a tônica política e da crítica social, Lima Barreto construiu, junto aos círculos de escritores, a imagem de “maldito e voz destoante”. Mesmo assim, em 21 de agosto de 1917, Lima Barreto se candidatou à vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL). A primeira tentativa nem sequer foi analisada. Dois anos depois, ele tentou mais uma vez o lugar de imortal, recebendo dois votos na primeira e na segunda etapa, e apenas um voto nas triagens seguintes. Em 1921, com a morte do escritor e jornalista João do Rio, Lima Barreto apresentou pela terceira vez interesse em integrar a associação no mês de julho. Porém, em setembro, o próprio escritor retirou a candidatura, alegando problemas pessoais. Talvez pela menção honrosa que a ABL conferiu ao livro “*Gonzaga de Sá*”, em 1920, Lima Barreto tenha se encorajado a entregar a carta para concorrer ao maior título literário brasileiro.

Considerado um escritor pré-modernista, pela intenção de romper com a influência lusitana nas letras, Lima Barreto não poupou críticas à literatura “Sorriso da

² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956f.

Cidade”, na qual Coelho Neto, Afrânio Peixoto e Machado de Assis eram alguns dos alvos prediletos, por considerá-los vazios e afastados da realidade do povo brasileiro: “(...) eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou me exalto.” ()³

O estilo de escrita de Lima Barreto é considerado autobiográfico em determinados pontos, até porque, a invasão dos problemas raciais, por exemplo, encontrada em sua produção jornalística/literária reflete muito do que o próprio autor viveu. São por esses prismas que Lima Barreto enxergou seu mundo. Mundo que representou para ele a impossibilidade de ascensão social. Morador do subúrbio carioca, Lima Barreto sabia bem o que esses mecanismos do poder representavam e descrevia o local como o cemitério dos infelizes, só ia para lá os derrotados na sociedade.

As suas reflexões revelam, através dos vestígios de sua produção jornalístico/literária, a imagem alternativa de Brasil: uma visão popular, do início do século XX. Através de seus textos temos a possibilidade de analisar o passado nacional, num sentido diferente ao que foi imposto pela classe dominante. O intelectual orgânico nos oferece a trilha para a compreensão de determinações que perduram até os dias de hoje. Nesse sentido, a obra do autor adquire a dimensão política formulada por Gramsci de superação da “mera recepção passiva” à “conscientemente para a totalidade das relações subjetivas e objetivas”. É pensar sua visão de mundo como ferramenta de uma práxis transformadora.

A obra de Lima deve ser contextualizada pela falta de uma rede de produção intelectual, identificada com o universo popular no início do século XX. Dentro do período marcado pelo domínio de uma literatura representante do poder hegemônico, que era inábil em construir uma consciência crítica, os escritos barreteanos se apresentam como a possibilidade para que se evitasse o que a escritora nigeriana Chimamanda Adchie (2018) chama de “o perigo de uma história única”. Por esse motivo, o trabalho barreteano recebe forte caráter documental para se contrapor aos embates da jovem República brasileira. Ou seja, reside aí a importância do caráter *nacional-popular*⁴, a articulação

3 BARRETO, Lima *Apud* SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto Escritor Maldito*. Rio de Janeiro: 1976, p. 41.

4 Conceito de Antonio Gramsci que o formula como via alternativa à cultura elitista italiana, por conta da característica de implementação do capitalismo em seu país, numa revolução que aconteceu “pelo alto”, sem que os intelectuais criassem um vínculo com o povo. Ou seja, na visão do pensador, esse

orgânica entre intelectual, realidade que o cerca, e as parcelas marginais da sociedade presentes em sua obra para a cultura brasileira.

Tanto a prática literária quanto jornalística de Lima Barreto surgem como representação da tentativa de renovação de nossa literatura. Entendendo-a como uma camada de disputa de projeto societário, busca na imersão da realidade social brasileira, da relação entre centro de poder e periferia, do início do século XX, a medida da interpretação barreteana de sociedade. Essa tentativa, é bem verdade, nunca foi sistematizada em escritos de mais fôlegos, em forma de livro, por exemplo.

O que Lima Barreto deixa através de seus textos são vestígios de sua concepção política. A leitura pulverizada de seus artigos e crônicas, ou lida em ordem cronológica, não consegue destacar essa dimensão de projeto político. Mas, ao agrupar seus escritos em eixos temáticos, como ele próprio o fez, a partir de 1917, busca, outrossim, reunir suas crônicas e as divide mais ou menos em conteúdos específicos, como a crítica ao racismo científico, por exemplo. Dessa forma, temos aí, a possibilidade de sustentar a hipótese sobre a intenção do escritor com seus textos.

E até no caso da série que mais tarde deu origem ao livro *Os Bruzundangas*, mesmo nesse caso, Lima Barreto não consegue ter regularidade na publicação dessa sequência satírica. Ao fazer esse trabalho de reunir seus textos em livros, Lima parece exatamente querer nos mostrar que existia um eixo, ou melhor, eixos centrais, nos quais orbitavam seus personagens e análises de publicações dos grandes jornais e nos deixar esse caminho indicado.

E é nesse sentido que a leitura do trabalho jornalístico barreteano pode ser compreendida como uma proposta política que visava a ressignificação da função social do escritor, como um ser capaz de ligar as almas a partir do compartilhar de questões comuns vividas pelos indivíduos da sociedade brasileira. Como nos aponta Carlos Nelson Coutinho, uma literatura que criasse os elos comunicacionais necessários para que os grupos sociais tivessem a compreensão de seus problemas concretos, criando assim, uma percepção de mundo capaz de produzir as condições para superação de questões histórico-nacionais. Esse é o ponto de análise da importância da contribuição jornalística do intelectual Lima Barreto: um ser que encarnou, através de sua vida e obra, o espírito dos

distanciamento entre literatos e artistas, se deve a não participação da população nesse período transitório. Carlos Nelson Coutinho se apropria dessa categoria ao analisar as linhas de evolução da literatura nacional.

marginalizadas, buscando elaborar uma concepção de mundo, de vida, e portanto, de comunicação e cultura, onde houvesse efetivamente a participação da gente desse país. Produção intelectual esta que se apresenta como possibilidade alternativa à “via prussiana”⁵ dos literatos de sua época.

Os planos de criar uma democracia popular, defendida pelo jornalista de Todos os Santos, merece a análise dentro de uma perspectiva totalizante do conjunto de sua contribuição à imprensa, dentro da cultura brasileira, enquanto uma prática contra-hegemônica na busca por um outro consenso social. A crítica dirigida aos literatos de sua época e a busca por apresentar personagens e cenários à margem fazem parte de um projeto social que seguia na contracorrente, onde a participação efetiva da população e a construção de uma literatura que refletisse reais valores humanistas fossem possíveis. Apesar desse trabalho se debruçar sobre as publicações em periódicos, os romances do autor também não fogem a essa tentativa, a essa “pegada” barreteana.

No primeiro capítulo, destacam-se os principais aspectos históricos que influenciaram a vida e formaram a visão de Lima Barreto. A mudança política: da Monarquia à República, em 1889. A consequência dessa modificação na vida do escritor carioca, acaba sendo a desgraça da família, já que o pai do escritor, João Henriques, era tipógrafo de jornais de órgãos liberais ligados à Monarquia. Com apenas 7 anos, Lima Barreto assiste em plena praça pública a abolição dos escravos. Em seguida é apresentado o encontro com o jornalismo que se deu através da Escola Politécnica. O autor começou a vida de jornalista no periódico estudantil *A Lanterna*, a convite de um amigo. Em 1905, ele entrou na redação de um dos maiores jornais do Rio, o *Correio da Manhã*. No final do capítulo, mostra-se as modificações urbanísticas pelas quais passaram a Capital Federal, a partir de 1902, momento conhecido como *belle époque*. Nesse momento, Lima Barreto percebeu que as medidas políticas tomadas não levaram em conta a situação social dos negros e dos pobres. Ele rebelou-se contra a grande imprensa, literatos e os políticos corruptos da República, porque, para ele, essas instituições representavam o centro do poder.

No segundo capítulo, a análise da produção jornalística de Lima Barreto a partir de 1915. É nesse ponto em que se pretende mostrar como os temas mais recorrentes do

⁵ Carlos Nelson Coutinho se utiliza deste termo de Lenin para designar o caminho lento e irregular do progresso social brasileiro

jornalista servem como amostra da concepção militante do escritor. A pesquisa apresenta, em ordem cronológica, o seu caminho pela imprensa. O que de fato acontece em boa parte, simultaneamente. A tentativa foi de mostrar como os temas se repetem, criando, assim, um conjunto mais conciso da visão de mundo do autor. Dessa maneira, temas como feminicídio ganham mais corpo, por ser tratado diversas vezes através destes periódicos.

Essa fase marca a colaboração de Lima Barreto nas revistas e na imprensa libertária carioca, de maneira mais regular e contundente. Na *Careta*, uma revista nos moldes da *belle époque* carioca, ele publica textos regularmente em dois períodos, entre 1915 a 1922. Apesar de editorialmente Lima demonstrar certo desconforto, a contribuição mais profissionalizada e a remuneração colaboraram para a permanência do escritor nestas páginas.

Na semanal *A.B.C.*, uma publicação fora do eixo das publicações comerciais, de característica mais crítica, que contava com colaboradores mais à margem da produção jornalística e literária, entra em 1916. Em ambas só parou de escrever em 1922, ano de sua morte. É neste periódico que ele publica a série de textos sobre a *República dos Bruzundangas*, uma sátira da vida política, literária e de costumes do Brasil. A sátira é uma importante linguagem nos textos barreteanos. Utilizou consideravelmente do estilo para montar caricaturas das principais figuras da política e da literatura. Mas sobretudo para passar sua acidez crítica em forma de troça.

Escreve também frequentemente sobre a Primeira Guerra Mundial, e se coloca politicamente ao lado dos trabalhadores que estiveram no front da Revolução Russa e percebe nesta união um modelo para as mudanças sociais brasileiras.

Mas é na virada de 1918/19, durante sua última passagem em hospitais psiquiátricos, que a dimensão de jornalista é trazida à tona. Após uma série de internações nesses hospitais, em janeiro de 1919, consegue se aposentar das funções de amanuense da Secretaria de Guerra. Mas a entrada com os documentos requerendo este benefício começou em dezembro de 1918, quando a confirmação é publicada em Diário Oficial. Por acreditar que o serviço público criava barreiras em certas abordagens, o desligamento do quadro público estatal acaba tendo para Lima a sensação de fim de amarras. A sua aposentadoria representou a quebra do vínculo com o Estado, e teve impacto significativo, por ter representado o momento mais produtivo da carreira como jornalista.

E é desta passagem, outro ponto importante para este capítulo. Beatriz Resende, pesquisadora da obra barreteana, teve acesso aos arquivos de documentos das internações de Lima Barreto, identificando essa transição. No registro de entrada de 1914, ele se identificou como “empregado público”. Em outra passagem se declara “escritor”. Somente no documento de entrada de 1918 é que Lima Barreto se intitula “jornalista”.

No terceiro capítulo, será abordado como Lima Barreto se ancorou teoricamente para sustentar sua escrita contra-hegemônica na imprensa carioca. E de que maneira esse conjunto se apresenta como a proposta de comum humano tendo na função social do escritor seu principal alicerce. Ou seja, como ele articulou seus artigos e crônicas em torno de uma interpretação na qual sua visão de mundo se apresentasse como a possibilidade de uma leitura crítica da realidade. Do anarquismo, Lima trouxe o conceito de ‘solidarismo’, de Kropótkine, para mostrar que a felicidade geral dos seres humanos estava interligada aos demais, apenas dessa maneira seria possível superar os problemas sociais brasileiros. Outro alicerce para a compreensão sociológica de Lima Barreto é o conceito de ‘bovarismo’. Inspirado na obra do romancista francês Gustave Flaubert, o filósofo Jules de Gaultier, elaborou esse termo inspirado na personagem Emma Bovary, onde este termo seria a capacidade do homem em se definir como outro que não é. Ampliando essa visão para questões dos grupos sociais, Lima Barreto o coloca como uma espécie de entrave à tomada de consciência.

Capítulo 1: A formação da consciência de Lima Barreto

Na obra *A Ideologia Alemã*, Marx destaca que “São as relações materiais, concretas, que os homens estabelecem entre si, que explicam as ideias e as instituições que criam. Por isso mesmo, para se ter uma compreensão adequada da realidade, não se pode nem partir nem permanecer no mundo das ideias.”⁶. Para a compreensão da realidade objetiva é preciso estabelecer essa conexão.

Para que os indivíduos criem suas concepções de mundo, as ideologias, é necessário um tipo de saber, proveniente da realidade social. Ou seja, elas são o conjunto das relações sociais. Então, o posicionamento do literato, do jornalista ou de qualquer indivíduo não pode ser compreendido isoladamente da realidade social que o cerca, de seu tempo histórico. O ser social não é construído por partes isoladas, autônomas entre si. É através da totalidade dos fatos, dos processos histórico-sociais que os sujeitos são formados. Por exemplo, pela leitura do romance *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909, o jornalista/escritor nos dá a noção do funcionamento de uma redação da imprensa comercial carioca, no início do século XX e como se comportavam os jornalistas. A base desse romance é retirada da própria experiência do autor durante sua passagem na redação do jornal *Correio da Manhã*, em 1905. A percepção dos jogos de poder que a imprensa representava, a falta de intelectualidade percebida por ele por parte dos jornalistas, a corrupção dos políticos, dentre outros pontos, representada nesta obra, tem, na experiência concreta, seu alicerce, sua estrutura.

Vale destacar que esse romance não significa apenas uma crítica ao jornalismo/literatura praticado na época. Esta é também uma tentativa de enfrentar o “intimismo à sombra do poder” dos intelectuais que atuavam nas incipientes entidades da sociedade civil da época. Tomado por uma percepção humana da sociedade, ele se apresentou imediatamente na trincheira da luta contra os grandes nomes da grande imprensa, literatos e políticos, porque, para ele, essas instituições, sujeitos e seus aparelhos eram o centro do poder vigente. E é pelas páginas desta primeira obra publicada por Lima Barreto que temos os pilares de seu posicionamento. O mal-estar gerado pela publicação deste livro foi tão impactante, que esse foi responsável pelo fechamento das portas dos grandes jornais cariocas para o escritor.

De 1909 a 1917, Lima Barreto foi sumariamente ignorado nesse círculo. Por esse motivo que a análise dos principais fatos históricos do tempo do escritor carioca e a

⁶ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Expressão Popular. São Paulo, 2012, pág.17.

provocação intencional com a publicação deste romance são fundamentais para analisar o impacto da obra barreteana na cultura nacional.

1.1 Recordações de Lima Barreto

Para que se alcance uma compreensão geral da tomada de ponto de vista de Lima Barreto, pontuar os principais fatos históricos que o cercaram, de 1881 a 1905, o ciclo de juventude do autor, é fundamental para sustentar o caráter nacional-popular de sua literatura militante.

No final do século XX, o Brasil passava por uma profunda crise no cenário social, econômico e, principalmente, político. Segundo o historiador Francisco de Assis Silva (1992), a Monarquia já não atendia totalmente aos interesses nem das classes dominantes nem das massas populares, incluindo nesse ponto também a incipiente burguesia nacional. Os latifundiários estavam cansados dos impostos cobrados pela coroa aos produtos de exportação, representados nesse momento, sobretudo, pelo café do Oeste de São Paulo, que se sobrepôs à produção cafeeira fluminense.

O autor destaca que esse momento marcou a contraposição da burguesia aristocrática do Rio de Janeiro, ligada à mão de obra escravizada e a equipamentos de baixa tecnologia à burguesia paulista, que rapidamente se transformou no principal centro econômico do país e, também, foi responsável pela introdução do trabalhador assalariado no Brasil. O historiador explica que a mudança do eixo econômico afetou o poder político carioca, então principal centro nacional, já que São Paulo reclamava por maior representatividade nas decisões nacionais.

No decorrer desses fatos, a crise do Império só se agravou: a importação de mulheres e homens escravizados havia sido proibida em 1850, o que gerou significativo impacto aos senhores de engenho e traficantes. A imigração de trabalhadores europeus livres cresce; o capitalismo industrial ganhava força, as ideias positivistas, incorporadas pelos militares após a campanha da Guerra do Paraguai, em 1870, começam a moldar as bases das ideias políticas dos homens de farda. A independência dos Estados Unidos, em 1776, baseadas em concepções liberais; a Revolução Industrial na Inglaterra e o encontro de jovens burgueses, que iam estudar na Europa, com filosofias republicanas e liberais são determinantes para a corrosão do Império.

No livro *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, Emília Viotti da Costa explica que o sistema colonial começou a ruir quando o crescimento do capital industrial e o absolutismo de Estado “tornaram inoperantes os mecanismos restritivos de comércio e de produção” (COSTA, 1979, p. 20). Ao se apresentar como obstáculo aos interesses da burguesia industrial e a aspiração por mudanças sociais e políticas por parte das classes subalternas, a monopolização da velha classe permitiu que ideias revolucionárias, isto é, abolicionistas e republicanas, ganhassem espaço nos centros urbanos brasileiros, dando outra tonalidade às entidades da sociedade civil.

A historiadora narra que findada a Guerra do Paraguai, em março 1870, o resultado acabou sendo desastroso para a política monarquista brasileira. Em primeiro lugar, a crise financeira foi agravada pelos empréstimos contraídos para a campanha. Outro ponto foi o fortalecimento do Exército enquanto instituição da sociedade civil. O alto oficialato era constituído basicamente por jovens das classes abastadas brasileiras, muitos deles haviam estudado fora do Brasil, como citado acima. Dessa experiência veio na bagagem o Positivismo, fundado pelo filósofo francês Auguste Comte e com ele o “Ideal da Salvação Nacional”⁷. Como nessa época o exército contava em seu quadro com muitos negros livres, ex-escravizados e homens de diversas camadas sociais, o novo discurso caiu como luva na busca por melhorias nas condições sociais de vida, já que a ala militar saiu “vitoriosa” da guerra.

Como um dos pilares do Positivismo estava ancorado na “solução dos problemas humanos através do método científico” (RIBEIRO, 1982, P. 66), na concepção da ordem e do progresso, os militares se sentiam os guardiões das reformas políticas necessárias à época. Esse argumento, introduzido por Benjamin Constant, através da Escola Militar, na Urca, ao longo dos anos de 1880, conduziu boa parte dos militares ao encontro das ideias republicanas. Isso acirrou ainda mais o clima tenso entre os conservadores monarquistas e os defensores da República ao longo desse processo.

Essa pressão exercida fez com que os monarquistas tentassem, sem sucesso, criar medidas e leis que ludibriassem, ou que, pelo menos, esfriassem, momentaneamente, os ímpetus revolucionários. Por esse motivo, buscando ser hábil na solução dessas questões, o primeiro-ministro da época, o Visconde de Ouro Preto, a partir de 1887, anunciou uma

⁷ Pensamento militar brasileiro adquirido no pós-Guerra. A introdução do positivismo pelo Exército fez com que a Instituição acreditasse que fosse a única capaz de tirar o Brasil da crise em que se encontrava.

série de propostas como, autonomia às províncias e temporariedade para quem ocupasse uma cadeira no Senado. Nenhuma proposta foi aceita pelos descontentes Civis e militares liderados por Benjamin Constant pregaram a revolta. Para engrossar a voz revolucionária, Deodoro da Fonseca, que na época era o oficial mais prestigiado, foi convocado para liderar os militares, que a essa altura eram fundamentais para o golpe. Um boato foi a fagulha necessária para eclosão do levante:

De acordo com o boato o governo havia decretado a prisão de Deodoro e Benjamin Constant, além de pretender deportar vários contingentes militares e substituir o Exército pela Guarda Nacional no Rio de Janeiro. O boato se espalhou pelos quartéis e provocou a sublevação de dois regimentos militares sediados em São Conrado, no Rio de Janeiro. (SILVA, 1992, p.187)

Acompanhado pelo Exército, o marechal Deodoro invadiu o Ministério da Guerra, onde encontrara-se o Visconde de Ouro Preto, e à força da espada proclama na tarde de 15 de novembro de 1889 a República, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Dentro desse conturbado cenário é que são registrados os primeiros passos da família Lima Barreto. Por volta de 1870, o negro liberto João Henriques de Lima Barreto, filho da escravizada Carlota Maria dos Anjos e de um português madeireiro, com quem nunca teve convívio, começou a trabalhar na tipografia do jornal *A Reforma*, periódico ligado ao Centro Liberal, que se arvorava como o porta-voz democrático da oposição “Ou a Reforma ou a Revolução!”. Apesar de toda a estrutura racista, com ambição de se fazer doutor, ele frequentou o Instituto Comercial da Corte, aprendeu francês e chegou a estudar para os exames preparatórios para a Escola de Medicina. Porém, nunca alcançou tal objetivo.

Toda essa mudança acontece após a saída dele das oficinas do *Jornal do Commercio*, aos 19 anos de idade. Dessa passagem, o biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa, destaca que a decisão de saída de um periódico para outro, realizada por João, se deu após o tipógrafo se sentir injustiçado em seu antigo emprego. A função de chefe da oficina havia vagado, depois da morte de um colega. Certo de que merecia a promoção, João se apresentou como candidato para vaga a seus superiores. Porém, seu chefe imediato resolveu negar a solicitação por achá-lo jovem demais para a função. Inconformado com o fato, João pede demissão.

No periódico liberal, cujo um dos proprietários era o senador monarquista Afonso Celso de Assis Figueiredo, o futuro Visconde de Ouro Preto, João encontra as ideias que

eram publicadas diariamente no jornal de oposição, como a reforma eleitoral, reforma judiciária, a emancipação política dos afrodescendentes, dentre outras medidas, encontrando ali um local adequado aos seus posicionamentos político-pessoais. Habilidade, como pontua o biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa, João Henriques por conta da dedicação no trabalho logo conquista a confiança de seus chefes, principalmente de Afonso Celso e passa de simples compositor a chefe da paginação.

É desse mesmo período que João conhece a futura esposa e mãe de Lima Barreto. Ainda de acordo com o biógrafo, não se sabe ao certo como João Henriques travou amizade com a abastada família dos Pereira de Carvalho. Mas a casa contava com numerosos agregados, descendentes dos antigos escravizados. E dentre as mulheres e homens afrodescendente livres que lá residiam estava Geraldina Leocácia da Conceição, mãe de Amália Augusta. Da herança africana materna, mais precisamente a bisavó, Maria da Conceição, Lima Barreto dedica um trecho de um texto inacabado.

Dessa relação de João Henriques surge o contato com Amália Augusta, que aos 15 anos foi pedida em casamento. No entanto, sentindo-se extremamente responsável pelo destino da futura família, João acaba enfrentando problemas de saúde mental e permanece por seis meses internado na Casa de Saúde e Convalescença de São Sebastião, no Rio de Janeiro, com todas as despesas custeadas pelo Visconde. Logo depois desse episódio, em dezembro de 1878 acontece a cerimônia de núpcias. Em seguida, o casal fora residir em Laranjeiras. Ela dirigia um pequeno colégio para moças, o Santa Rosa “Não seria evidentemente uma escola para gente rica.” (BARBOSA, 2012, p. 47).

Nos primeiros anos, os pais de Lima Barreto não tinham do que reclamar, viviam da renda do colégio e do salário proveniente do jornal. Somado a isso, também por influência do senador, João Henriques consegue ser nomeado funcionário de primeira classe na Tipografia Nacional, que mais tarde passa a se chamar Imprensa Nacional.

A professora Amália quase morreu por ocasião do nascimento do primeiro filho, em 1879, mas a criança, Nicomedes, veio a óbito em apenas oito dias. Desse parto, a mãe de Lima Barreto sofreu sério trauma que ocasionou a paralisia das pernas. Mesmo enfraquecida pela doença, no dia 13 de maio de 1881 nasceu Afonso Henriques de Lima Barreto. O primeiro nome fora escolhido em homenagem ao ilustre padrinho, o Visconde de Ouro Preto, com quem o pai do futuro romancista travara uma relação amistosa e Henriques por causa de um rei de Portugal do século XII.

Com a saúde cada vez mais debilitada, Amália fechou o colégio. Isso fez com que a dificuldade financeira entrasse no lar dos Lima Barreto. Porém, a desgraça seria ainda maior: antes de completar sete anos, Lima Barreto perde a mãe, vítima de tuberculose, aos 35 anos. “A mais forte impressão nos primeiros anos de vida, foi sem dúvida a morte da mãe.”⁸ Ao que tudo indica, o conto “O filho de Gabriela” foi usado como um autorretrato desse momento. Passou a ser frequente um sentimento de abandono e rejeição, ao ponto de escrever em seu diário, em outro momento, que sentiu vontade de cometer suicídio após ser acusado injustamente de furto, ainda na infância. Sabia que havia passado pela primeira situação de racismo.

Paralelo a isso, o historiador Silva mostra que na vida política, o Brasil vivia um momento turbulento e na tentativa de conter a onda republicana, em 1888, no mesmo dia do aniversário de sete anos de Lima Barreto, a princesa Isabel assina a Lei Áurea, que abole oficialmente a escravidão no país. Desse momento, nos mostra o biógrafo Barbosa, Lima Barreto ficou maravilhado com o que viu “João Henriques levou o filho ao Largo do Paço e à missa do Campo de São Cristóvão, para testemunhar o grande acontecimento.”⁹ O próprio escritor nos deixou as impressões sobre a abolição em seu diário íntimo.

Era bom saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão. Quando fui para o colégio público, à Rua do Resende, a alegria entre a criançada era grande.¹⁰

Da proclamação da República, somente um ano após, o infante Lima Barreto não reteve a mesma impressão como nos mostra Lilia Moritz Schwarcz (SCHWARCZ, 2010). A estreita relação com os monarquistas fez com que João Henriques perdesse os dois empregos, que acumulava na época, da *Imprensa Nacional* e da *Tribuna Liberal*. E em março de 1890, o antigo tipógrafo se vê obrigado a aceitar o trabalho mal remunerado como almoxarife, nas Colônias de Alienados, na Ilha do Governador. O destino seria pior se não conseguisse esse emprego, por intervenção do ministro Cesário Alvim, seu conhecido, na época em que trabalhava no jornal *A Reforma*.

8 *Ibidem*, p. 61

9 *Ibid.*, p.63.

¹⁰ BARRETO, Lima *Apud* Barbosa, Francisco de Assis, *Ibidem*, p.64

Em 1891, por intermédio do padrinho Visconde de Ouro Preto, que ficou exilado na Europa e só retornaria meses após a instauração da República, Lima Barreto consegue ingressar no Liceu Popular Niteroiense, escola de classe média alta. Assim, como destaca Antônio Arnoni Prado (1980-1981), o estudante pobre, que já entrava na adolescência, obtivera êxito no curso, vendo a família apenas nos finais de semana.

A paz familiar seria abalada por outro momento histórico da vida política brasileira, a República ditatorial imposta pelos militares, com Deodoro da Fonseca como presidente, estava no limite. De um lado, os militares, e do outro, os civis que compunham o Governo Provisório, não se entendiam na condução do novo regime. No mesmo ano em que Lima Barreto foi para o Liceu de Niterói, o país passou por mudanças de representatividade. Para o historiador Francisco Assis Silva, a Constituição de 1891 estabelecia a República Federativa Presidencialista, sob o nome de Estados Unidos do Brasil. O autor ainda explica que no dia seguinte à formulação da constituição, ocorreu a primeira eleição presidencial do país. O Partido Republicano Paulista apresentou seu candidato de oposição, o civil Prudente de Moraes, que era ligado à elite cafeicultora, mas a candidatura fracassou, porém o vice-presidente da chapa paulista Floriano Peixoto conseguiu a vitória.

O curto governo de Deodoro chegou ao fim, definitivamente, quando o almirante Custódio de Melo assumiu o controle de torpedeiros na Baía de Guanabara e ameaçou bombardear a cidade do Rio de Janeiro.

Floriano Peixoto assume o poder no mesmo dia da renúncia do marechal. No entanto, o clima de instabilidade continua, os deoderistas não aceitavam a legitimidade da posse do novo presidente. Mais uma vez aparece em cena o almirante Custódio de Melo e em 1893 começa a Revolta da Armada. Com a Marinha sob seu comando, o almirante bombardeia a capital brasileira. Em resposta, Floriano recebe o apoio do Exército e do povo. O levante não alcança seu objetivo e Custódio de Melo foge para o sul do país.

Por causa dessa revolta, a Ilha do Governador, residência dos Lima Barreto, foi invadida por marinheiros. Como anota o biógrafo barreteano, no internato do Liceu, Afonso Henriques, com apenas 12 anos, fica um mês sem poder retornar à casa paterna.

(...) a ilha acabou sendo invadida pelos homens de Custódio e Saldanha. (...) Os soldados carregaram gêneros, roupas e medicamentos das Colônias.

Mataram um boi, “o Estrela”. E depois se retiraram em paz. O menino viu tudo. Na manhã seguinte, João Henriques mudou-se com a família para o Engenho da Pedra, no litoral da Penha. (BARBOSA, 2012, p.81)

A forma truculenta dos marinheiros, os saques e a destruição da propriedade da família ficaram registrados na memória do menino, aumentando ainda mais a antipatia pela República. Terminado esse episódio, em 1894 o estudante termina seus estudos no Liceu Niteroiense e retorna à capital. Lima Barreto agora começa a se preparar para os exames do Ginásio Nacional e poderia sonhar com o título de doutor, sonho também que era do pai.

1.2 O encontro com o jornalismo e a *belle époque*

Após se preparar por dois anos, Lima Barreto, próximo de completar 16, enfim consegue ser aprovado para Politécnica de Engenharia, no Largo de São Francisco, no Centro da cidade. O ano letivo começou para valer em 1898. Segundo o biógrafo de Barreto, o aluno não vai bem nos estudos, já que o curso era escolha do pai, e a graduação não levou em conta as aptidões do futuro jornalista. Para agravar a falta de tino para as questões matemáticas, Lima Barreto ainda foi perseguido pelo professor Licínio Anastásio Cardoso¹¹, considerando-se “ele próprio uma barreira”. Nos três primeiros anos, a vida não foi fácil para o estudante negro, numa instituição dominada por jovens da alta sociedade.

O autor destaca que no final de 1901 um fato iria mexer com o ânimo dos universitários cariocas: a fundação da Federação de Estudantes. A ideia logo se espalhou pelas escolas: Medicina, Direito, Ciências Sociais e Jurídicas e Belas-Artes aderiram ao grupo. “Lima Barreto não formava entre os ‘grandes’, mas nem por isso deixou de tomar parte no movimento. Tinha poucos amigos como Otávio Carneiro, Manuel Ribeiro de Almeida, Bastos Tigre, João Luís Ferreira, Nicolao Ciancio ou José Oiticica (...)” (BARBOSA, 2012, p. 105)

Desses amigos, destaca-se Bastos Tigres, o rapaz que era apontado como oposto de Lima Barreto, sempre feliz, falante e conhecido entre os colegas, representava a Politécnica no jornal estudantil *A Lanterna*. O jornal de estudantes fundado por Júlio Pompeu de Castro e Albuquerque, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.

¹¹ Professor de cálculo da Politécnica. Reprovou Lima Barreto por três anos consecutivos.

Francisco de Assis Barbosa relata que um dia *Alfa Linha*, pseudônimo de Bastos Tigres no periódico, simplesmente deixou de entregar o artigo para publicação.

- Que isso, ó Tigre! O número está a sair. Quando me mandas o artigo? - Sabes, Pompeu. Não vou mais escrever a seção. Quem vai fazê-lo daqui por diante é o Lima Barreto. - Mas quem é esse Lima Barreto? - Um rapaz muito inteligente. Você vai gostar dele. Bem, até logo. Estou com muita pressa. Tenho certeza de que você gostará do Barreto.¹²

A colaboração de *Alfa Z* ou *Momento de Inércia*, as respectivas assinaturas de Lima Barreto no “órgão oficioso da mocidade das escolas superiores”¹³, fez crescer o círculo de contatos. É início do século XX e os cafés, livrarias e redações de jornais são frequentados por intelectuais e estudantes. Nessa época, Lima Barreto morava em uma pensão modesta na Rua das Marrecas, no Centro da capital e dividia o quarto com o italiano Nicolao Ciancio. Esse ambiente propiciou a colaboração progressiva em outros periódicos.

O pesquisador Arnoni Prado nos informa que esse contato foi responsável pela passagem de Barreto por *Quinzena Alegre*, *O Diabo*, “a revista infernal de troça e filosofia”, junto com Bastos Tigre (PRADO, 1980 - 1981). Em seguida, a redação de *O Pau* e da *Revista Época*. Porém, a doença repentina do pai fez com que essa rotina fosse interrompida em parte, e retira Lima Barreto da universidade e da roda dos intelectuais boêmios. Era 1902, João Henriques teve um acesso repentino de loucura. Schwarcz afirma que por causa da doença do progenitor, que foi obrigado a se aposentar e deixar a Ilha do Governador, Lima Barreto, com 21 anos, decide prestar concurso público para vaga de amanuense da Secretaria da Guerra. Cai nos ombros de Barreto a responsabilidade de arcar com todas as despesas da casa e o cuidado com o adoecido pai. Ainda de acordo com a autora, por causa do pouco salário, Lima Barreto mudou-se com a família para o subúrbio do Rio, mais precisamente em Todos os Santos (na atual rua Lima Barreto).

Schwarcz acrescenta que mesmo com a rotina de cinco horas por dia como amanuense da Secretaria de Guerra, Lima Barreto continua sua atividade jornalística. Para completar a renda familiar, Barreto começa uma odisseia pelos periódicos cariocas:

12 *Ibidem*, p.106. Depoimento de Júlio Pompeu concedida a Francisco de Assis Barbosa.

13 Modo como os próprios alunos que colaboram em *A Lanterna* se intitulavam.

ABC, O Suburbano, A Lanterna, O Tagarela, O Malho, Almanak d'A Noite, Argos, Voz do Trabalhador, Careta, Gazeta da Tarde e Correio da Noite.

No cenário político, a vida do Rio de Janeiro não ia bem. Para a historiadora Marieta de Moraes Ferreira (2010), apesar de ser a sede do poder político republicano, a capital, após o golpe de 15 de novembro, enfrentava diversas dificuldades econômicas, oriundas principalmente da mudança do polo cafeeiro que se transferiu para São Paulo. Para piorar a situação, a Federação que antes vivia do imposto sobre o produto e da mão de obra escrava, viu cair drasticamente o recolhimento tributário, fazendo a elite carioca buscar novas alternativas geradoras de renda.

Para se ter ideia dessa mudança na cidade do Rio de Janeiro, o historiador Nicolau Sevcenko (1997) comenta que após a abolição, 85.547 pessoas que antes eram ligadas ao trabalho nas fazendas de café do Vale do Paraíba, chegaram à cidade, além dos 48.939 libertos que já estavam na capital. De 1890 a 1900, o Rio vê sua população passar de 522.651 habitantes, para 691.565. Nesse mesmo período, 70.298 europeus chegaram ao porto do Rio. Mesmo com o crescimento da indústria, essa verdadeira massa não seria absorvida pelo recém-nascido capital industrial. Num primeiro momento, as antigas casas coloniais do Centro se transformaram em verdadeiras aglomerações humanas e isso acontecia às vistas não só dos pobres, mas da elite carioca, que junto com a classe política não enxergavam isso com bons olhos. As doenças eram facilmente proliferadas: varíola, tuberculose, malária, febre tifoide, lepra, escarlatina e a febre amarela. Além disso, os gêneros alimentícios não chegavam a todos.

Para tentar sanar esses problemas, após quase cinco anos de governo militar dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, (1889 a 1894), - que não possuíam nenhum senso para assuntos políticos - o Brasil teve que passar por uma série de medidas de austeridade econômica, na tentativa de retirar o país da difícil situação em que se encontrava. Nesse clima, tomou posse em março de 1894, o primeiro presidente civil da história: Prudente de Moraes. Ligado à elite cafeeira de São Paulo, a vitória republicana também representava a posse do poder pelos grandes barões do café.

O jornalista Laurentino Gomes (2013) afirma que Prudente de Moraes tomou uma série de medidas na tentativa de desmilitarizar a máquina governamental. “O objetivo era a desmilitarização do país. As medidas incluíam a demissão de funcionários contratados irregularmente, a exoneração de oficiais que ocupavam cargos civis (...)” (*Ibidem*, p. 375).

Talvez os fatos mais importantes de seu governo não estariam ligados propriamente dito à política. A Guerra de Canudos (1896 a 1897), no sertão da Bahia, foi usada como argumento de um possível levante monarquista. Liderados por Antônio Conselheiro, os sertanejos criaram um estado dentro de outro estado. O outro episódio foi uma tentativa de assassinato sofrida pelo então presidente. O fato se dá quando o Exército retorna de Canudos, no Arsenal de Guerra, um militar tentou matar a facadas o presidente, mas não conseguiu. Por causa disso, Prudente de Moraes, governou o Brasil sob estado de sítio até o fim do mandato.

Ainda de acordo com Gomes, Manuel Ferraz de Campos Sales (1898 a 1902), sucedeu o conterrâneo à presidência da República, em meio a uma forte crise financeira que o levou, logo nos primeiros meses, a renegociar as dívidas brasileiras. O plano de saída para a crise ficou conhecido como *Funding Loan*, que visava a renegociação dos empréstimos contraídos por governos anteriores. Dessa medida, Campos Sales conseguiu a suspensão do pagamento dos juros, um novo empréstimo e 63 anos para saldar o valor. Com o problema da saúde financeira aparentemente estabilizada, Campos Sales entrega a condução do governo ao terceiro paulista consecutivo, o também civil, representante do Partido Republicano Paulista, Rodrigo Alves.

O historiador Francisco de Assis Silva mostra que a “estabilidade” do momento possibilitou a realização de diversas obras públicas. Novos portos foram construídos, ferrovias e a urbanização da capital.

(...) a obra mais edificante de Rodrigues Alves foi a urbanização do Rio de Janeiro. Com o auxílio do prefeito Pereira Passos, o presidente modernizou a capital federal, até então cheia de becos e vielas sujos e estreitos e em cujas ruas proliferavam o lixo e a sujeira. O alargamento e a abertura de ruas, praças e avenidas, o saneamento da Lagoa Rodrigo de Freitas, a remoção dos cemitérios da região central para a periferia, a melhoria no abastecimento de águas, o surgimento de novos bairros como Copacabana, a proibição de mendigos e bandos de vacas de perambularem pelas ruas (...) foram algumas das obras que transformaram a cidade do Rio de Janeiro numa atração internacional. (SILVA, 1992, p.211)

Logo que se deu início à série de obras que visavam modernizar a capital federal, a imprensa foi fundamental como ferramenta de apoio ao novo programa de desenvolvimento. Politicamente, o terror de um levante monarquista estava longe de ser realidade; economicamente fortalecido, apesar das dívidas, o capital industrial conseguiu

nesse período crescer, além de avançar como poder hegemônico. Era preciso apagar os resquícios da velha classe.

Sevecenko nos mostra que periódicos como *Fon-Fon*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio* e o *Gazeta de Notícias* reservaram parte de suas páginas à nova mentalidade. Começou uma verdadeira caça aos velhos costumes imperiais. As serenatas e, conseqüentemente, o violão passaram a ser vistos como sinônimos de vadiagem, o carnaval teve que absorver características europeias (pierrô, colombina etc.). A tradicional malhação do Judas e manifestações religiosas (líderes messiânicos, curandeiros, feiticeiros, candomblés etc.) aconteciam de forma controlada pelo governo. Diferentemente da campanha da Independência que buscou a identificação com elementos nacionais, esse momento marcou o sonho de transformar, pelo menos o Rio, em capital europeia. Até pássaros foram importados, principalmente pombos e pardais, para dar ao Rio de Janeiro o tom de Paris. A coluna “O Binóculo”, da *Gazeta de Notícias* escrita pelo figurinista Figueiredo Pimentel ditava a moda, o *smart*. Até uma lei que obrigava o uso do paletó para todos que transitassem pelo Município Neutro foi aprovada.

Do outro lado da euforia, de ver o Rio de Janeiro se transformar em Paris, o povo que foi expulso do centro e jogado à própria sorte no subúrbio, sem estrutura e nas zonas periféricas e morros, fez crescer o clima de insatisfação. A situação se agravou quando o governo impôs, em 1904, a vacinação obrigatória contra a varíola. A Revolta da Vacina representou a insatisfação popular contra as medidas modernizadoras que em nada os havia beneficiado:

O descontentamento generalizado levou à explosão da revolta popular em novembro de 1904. Durante vários dias a cidade tornou-se um campo de batalha. De pequenos distúrbios, a revolta atingiu dimensões gigantescas, com a massa dos cortiços e das favelas, operários e comerciantes enfrentando as tropas, fazendo barricadas, queimando bondes, invadindo delegacias e postos policiais.

Lima Barreto foi crítico ferrenho dessa medida e escrevia nos periódicos constantemente sobre o fato e até em suas anotações pessoais. Na esteira desse momento efervescente da cidade é que em 1905, Lima Barreto chega à grande imprensa. A professora Beatriz Resende (1999) comenta que por causa das escavações do Morro do Castelo, no Centro do Rio, a geografia acidentada era vista como entrave ao avanço da

urbanização proposta pelo prefeito Pereira Passos e a ampliação do passeio público nos moldes parisienses. No local seria erguida uma exposição em comemoração ao Centenário da Independência, a escavação se destacou dos acontecimentos por causa da possível descoberta de um tesouro.

O morro, que nesse período era ocupado por ex-escravizados, anteriormente foi sede do Convento dos Jesuítas. Quando foram expulsos no final do século XVIII pelo Marquês de Pombal, acreditava-se que durante a fuga, os jesuítas esconderam estátuas e relicários de ouro para não serem pilhados pelo Marquês. A lenda apontava que nos subterrâneos do morro ainda existiam esses tesouros de valor incalculável. O *Jornal do Commercio* chegou a publicar em 27 de abril de 1905 que operários haviam descoberto uma galeria, uma série de túneis que levariam ao encontro do tesouro. Contratado para acompanhar as escavações, Lima Barreto escreve durante 22 dias sobre os avanços e descobertas da obra.

Para Lavina Madeira Ribeiro (1998), a imprensa carioca, a partir de 1880, absorve a pluralidade discursiva, apresentada pela modernização do centro urbano, a cidade se apresenta como sujeito. Na visão da autora, é nesse momento que o jornalismo político, - característica do tempo da monarquia, quando os jornais eram intrinsecamente ligados aos órgãos estatais, a favor e contra - começa a ruir. O pensamento empresarial entra na imprensa e os periódicos se fortalecem enquanto entidade da sociedade civil. Além disso, o jornalismo começa a se institucionalizar, ou seja, apresentar características próprias, se afastando, em parte, do puro jogo discursivo das elites.

1.3 “Imprensa, o quarto poder fora da constituição”

É função dos intelectuais tornar orgânica uma visão de mundo hegemônica e contra-hegemônica. Logicamente isso não ocorre de forma autônoma nas relações políticas, econômicas e sociais de cada tempo. E a mídia possui papel central na reprodução da vida social, porque ela, enquanto aparelho privado de hegemonia, exerce essa função de *medium* entre as camadas populares e seus dirigentes. Porém, isso não quer dizer que a imprensa seja suficiente para garantir a persuasão popular, tanto do ponto de vista da organização quanto ideológico, do consenso. No plano da cultura, na

construção de visão de mundo, os veículos de comunicação são uma instância fundamental na luta política. Pois é principalmente por meio destes instrumentos que uma classe impõe sua concepção às demais frações sociais. Sejam questões morais, intelectuais etc.

Obviamente que é dessa pressão exercida pelos de cima que são abertas brechas de resistência pelos grupos marginais e subalternos, surgindo, assim, as vozes dissonantes. Ou seja, é nessa instância, na cultura, que são travadas as lutas pelas concepções ideológicas, pela busca de consenso. Vale destacar que quando se fala em cultura este não é um conceito abstrato, fruto puramente dos jogos discursivos, como defendem algumas linhas teóricas, pois criar consenso envolve o pensar e, portanto, as práticas concretas que advêm de tal conjunto de ideias. A visão dos de cima é difundida por organizações da sociedade civil e/ou pelos aparelhos coercitivos, criando uma complexa rede que se retroalimenta e não deixa nada escapar. Melhor, a concepção hegemônica de mundo atravessa todas as esferas da vida e refletir sobre as armadilhas de convencimento, de pedagogia, de formação do ser social requer diferentes táticas de enfrentamento.

No sentido da luta política, a mídia tem por função principal a consolidação da coesão do conjunto da visão de mundo da classe dominante, com a intenção de criar e assegurar a adesão e submissão dos grupos subalternos. Esse jogo não é duro, em diversos momentos os jornais contestam o poder vigente, absorvem práticas contra-hegemônicas etc. Por essa lógica, é possível destacar o papel dos jornais cariocas durante a virada do século XIX para o XX. É nesse período que a mídia do Rio de Janeiro absorve uma verve empresarial e pedagógica. E aqui se localiza uma das camadas de intelectuais mais importantes para a consolidação da infante República brasileira: os jornalistas.

Os jornalões eram o *front* de defesa e ataque dos interesses dos dirigentes na busca pela difusão, manutenção e controle de suas ideias. E os jornalistas cumpriam a função de intelectuais orgânicos. A imprensa e a literatura eram importantes instrumentos na disseminação e proteção das mudanças do traçado urbano e dos costumes do tempo da Primeira República, que ficou conhecida como a *belle époque* carioca, numa relação visceral entre poder econômico e manutenção da sociedade de castas. Nos portos chegavam produtos importados, revistas de moda e roupas, a Rua do Ouvidor era a vitrine *chic* da cidade. As mudanças não ficavam apenas no âmbito da arquitetura ou da política, precisavam se expandir e tornar o seu discurso hegemônico, ou seja, burguês.

De acordo com Rosane Feijão (2011), a imprensa foi um dos principais pilares do tempo da Regeneração. “O Rio Civiliza-se”, sob esse jargão, o figurinista Figueiredo Pimentel dava o tom dos novos tempos, ele também funda a “Liga contra o Feio”.

Outro fator importante para se explicar esse *frisson* da novidade que a imprensa anunciava, era a introdução do capital industrial estrangeiro na vida econômica do país. Essa nova forma de dominação chega ao jornalismo, que se vê atrelado aos interesses do capital estrangeiro.

No texto, *Imprensa e hegemonia na Primeira República*, Eduardo Granja Coutinho (2008) evidencia essa estreita relação. Ele esclarece que o Brasil estava sob o forte domínio do imperialismo estrangeiro e essa subordinação explica o posicionamento da imprensa perante a rápida transformação do país em um grande mercado consumidor de produtos industrializados, importados principalmente da Europa. O jornalismo passa a funcionar como instrumento de “mediação entre classes e indução de correntes de opinião”¹⁴

Essa visão está sintonizada com o crítico literário Luiz Silva que vê a literatura burguesa como doutrinária, assim como outras manifestações artísticas: dança, música, pintores, atores etc. Ao introduzir a relação do tipo capitalista, as produções humanas passam a ficar à mercê da vontade do “freguês”. Ele divide as funções literárias em recreativas e educacionais: “Com a primeira o povo esquece a opressão que sofre; com a segunda, aprende valores que o induzem à obediência, às normas do poder instituído.” (SILVA, 2011. p, 21).

Essa estratégia hegemônica de agir fica evidente também no livro *Moda e Modernidade na Belle Époque Carioca*, de Rosane Feijão (2011). A autora nos mostra que sem o apoio da imprensa, dificilmente a Regeneração conquistaria a opinião pública. O teor disciplinador do discurso, tratado como banalidade, acabou sendo absorvido facilmente. Esse processo de europeização da burguesia nacional visava derrubar os velhos hábitos e ditar as novas relações sociais.

Além de operar modificações no urbanismo e na arquitetura, o projeto ambicionava modificar também os hábitos da população que habitava a Capital Federal, moldando-os a partir da estética e do estilo de vida adotados pela burguesia européia. A aceitação desses novos padrões foi determinante para a

14 *Ibidem*, p. 221.

construção de novas aparências para ambos – cidade e habitantes. (FEIJÃO, 2011, p.?)

Ainda de acordo com a pesquisadora, as praias que até então eram utilizadas apenas com finalidade terapêutica, começam a receber seus primeiros banhistas. A cidade expande seus limites para Zona Sul, surge Copacabana.

Mais uma vez, a França aparecia como país modelo para justificar a necessidade de mudanças. A exemplo da República, influenciada pelo positivismo francês, a remodelação do Rio de Janeiro foi inspirada na Cidade Luz. Os bulevares, os quarteirões e os passeios públicos cariocas do início do século XX dariam a Paris Tropical o mesmo projeto aplicado na França pelo barão Gerges-Eugène Hausmann, na metade do século XIX. O próprio prefeito do Rio, Pereira Passos, quando estudante em Paris assistiu às reformas de Hausmann.

Para o jornalista Eduardo Oliveira (2009), o endereço parisiense do Rio era a recém inaugurada Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco). No local, no alvorecer da *belle époque*, foram construídos a Biblioteca Nacional, a Escola de Belas Artes e Theatro Municipal. À biblioteca, o *Panthéon* de Paris serviu de modelo; o *Louvre* para a Escola Nacional de Belas Artes, e o Theatro Municipal é uma cópia do *Théâtre de L’Opera*.

Rapidamente a cidade se transformou em “floresta de signos”¹⁵, vitrines, cartazes, automóveis e telefones. Os jornais cariocas modificaram o planejamento gráfico, ilustrações e publicidades, como explica Marialva Barbosa: “Pelos cidades vitrinas ampliavam as letras sob a forma de gravuras alfabéticas e cartazes pelos muros, postes e em outros suportes possíveis faziam ecoar as informações sob forma visual.” (2013, p. 192). Esse crescimento da imprensa fez com que os cinco principais periódicos do Rio, *Jornal do Brasil* (1891), *Correio da Manhã* (1901), *Gazeta de Notícias* (1875), *O Paiz* (1884) e *Jornal do Commercio* (1821) chegassem em 1900 a tiragem de 150 mil exemplares.

Apesar desse clima cosmopolita, grande parte da população vive à margem do avanço e das benesses republicanas. O operariado, classe que surgiu com o advento da burguesia como poder hegemônico, vive em condições sub-humanas, mora ou em zonas afastadas do Centro comercial, subúrbio, ou nos morros e cortiços em áreas mais próximas. Com jornadas de trabalhos que superavam muitas vezes 12 horas, os portuários

15 Referência ao poeta francês Charles Baudelaire (1821 – 1867) Ele acreditava que a cidade havia se transformado num lugar de múltiplas leituras audiovisuais.

e ferroviários, profissões que mais absorviam mão de obra, começavam a se organizar. Os trabalhadores europeus que chegavam traziam as ideias socialistas e anarquistas.

O pesquisador Vito Giannotti aponta que durante o início do século XX aconteceram mais de 400 greves pelo Brasil. As lutas começaram pelo aumento de salário, melhores condições de trabalho, redução de jornada para oito horas e o direito à organização de classe. Jornais circulavam entre os trabalhadores, as péssimas condições de moradia e trabalho serviram de palha seca à fâsca revolucionária. A princípio, a burguesia não se mexeu. No entanto, as constantes greves levaram em 1907 à criação de uma lei que permitia a criação de sindicatos e cooperativas: “Aparentemente reconhecia a existência dos sindicatos, mas, na prática, era uma tentativa de controlá-los.” (GIANNOTTI, 2009, p.70).

O próprio Lima Barreto, por morar em Todos os Santos, foi vítima dessa política de exclusão das classes populares - das regiões nobres e do Centro da cidade - período também conhecido como a política do “bota-abaxo”, que era excludente dos negros e pobres. A rápida passagem pela redação do *Correio da Manhã*, dirigida por Edmundo Bittencourt, e mais tarde, precisamente em 1907, pela revista *Fon-Fon* acabou por convencer o jovem escritor de que a imprensa burguesa não seria o caminho para a publicação de seus textos. O biógrafo barreteano nos apresenta um trecho da carta enviada por Lima Barreto ao amigo e escritor gaúcho Alcides Maia, responsável pela colaboração do jornalista na folha, onde ele desabafa e afirma que “(...) as minhas coisas não agradam, ficam à espera enquanto as de vocês nem sequer são lidas, vão logo para a composição.”¹⁶

Ora, Lima Barreto buscava como fonte inspiradora da escrita: o subúrbio, o negro e a crítica à política. Por conseguinte, era de se esperar que a imprensa da época não fosse o lugar que veiculasse sua visão de mundo, porque mesmo com a aproximação dos jornais ao cotidiano da cidade, os donos dos periódicos barravam determinadas tomadas de posicionamento das vozes dissonantes. Em outro livro sobre Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa (2005) fala da intenção do escritor em romper com a corrente da produção literária e jornalística de sua época. Isso fez com que ele fosse acusado de ser um escritor de segunda categoria, desleixado. Beatriz Resende afirma que a consciência de ser negro, pobre, morador do subúrbio e discriminado radicaliza-se nesse ponto. “É nesse contexto que se evidencia, de maneira particularmente clara, a sua concepção de rebelde da

16 BARRETO, Lima *Apud*, Barbosa, Francisco de Assis, p. 175.

literatura e sua opção por uma literatura moral” (SCHWARCZ, 2010, p. 39). Não é à toa que a autora chama Lima Barreto de “termômetro nervoso de uma frágil República”¹⁷.

É certo que nesses anos da iniciação ao mundo das letras, realizada por Lima Barreto, diversos círculos anarquistas, libertários e socialistas se formavam na cidade, na intenção de fazer contraponto aos “reformismos pelo alto”, operado pela classe dominante. E de fato, ele não se encontrava alheio a toda essa movimentação. E fora da imprensa burguesa, Lima Barreto não se deixou abater, e encontrou nesses grupos excluídos, uma possibilidade de veicular suas ideias, sem as amarras dos grandes jornais. Porém, ao mesmo tempo em que colaborava nas folhas desse circuito, não se sentia tão à vontade por ocupar um cargo público.

Em 1906, Pausílipo da Fonseca, um desses amigos que dirigia o semanário *Novo Rumo* - um periódico panfletário das reivindicações proletárias - chegou a fazer um convite para que Lima Barreto participasse da Comissão Central do Partido Operário Independente. O partido não foi à diante. Barreto nega o convite:

Sendo teu jornal de oposição rubra, e eu empregado público subalterno, não fica bem à minha lealdade que ande armando o ridículo dos grandes personagens, meus superiores. Se não estou contente com ele, devo pedir demissão. Não achas?¹⁸

De 1903 a 1918, Lima Barreto assume essa postura, até se aposentar e sentir-se livre dessas amarras.

É diante de um cenário de falta de uma produção literária, verdadeiramente nacional, que José Veríssimo afirmava com apuro crítico sobre a precariedade da produção literária que, para ele, refletiam as faltas de “condições materiais e morais de nosso país”¹⁹. No ano seguinte, em 1907, reunido com alguns amigos dos círculos marginais literários, Lima Barreto lança a revista *Floreal*, com a clara intenção de lutar contra “os mandarins da literatura”, que em grande parte também eram homens de prestígios da imprensa. Com essa revista, ele buscava publicar seus textos que foram barrados no *Correio da Manhã* e na *Fon-Fon*.

17 Expressão usada por Schwarcz em *Contos Completos de Lima Barreto*, 2010.

18 BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva: primeiro tomo, Vol. XVI*. Rio de Janeiro: Braziliense, 1956d, p. 156

19 VERÍSSIMO, José *Apud* Barbosa, Francisco de Assis, p. 169

A pequena edição contou com apenas quatro publicações, morrendo no início de 1908, sendo vendida apenas 38 exemplares na primeira edição e 82 da segunda. Mesmo assim, essa modesta publicação mereceu a atenção do crítico e escritor José Veríssimo, que também achava a literatura brasileira “sem sinceridade, cerebral e artificial.”²⁰. Mesmo com a felicidade dos confrades, a valorosa referência pouco contribuiu para a fortuna da revista.

Com o fim da *Floreal*, Lima Barreto retoma com força outro projeto que iniciara em 1905, a conclusão do romance *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*. O livro apontado como autobiográfico por Francisco Assis Barbosa, narra a história de um adolescente negro recém-chegado do interior do Rio de Janeiro à Capital. Num primeiro momento, o rapaz fica deslumbrado com as novidades da cidade, e com a movimentação da Rua do Ouvidor. Porém, as dificuldades financeiras e o racismo sofrido começam a mudar o espírito pueril de Isaías. Em seguida, o jovem entra como contínuo na redação do jornal fictício “*O Globo*”. Lá, ele descobre como a imprensa funciona, as relações de interesses e os artigos bajuladores de personalidades políticas e literárias. Os jornalistas escrevem com a nítida intenção de obter dinheiro e posições de privilégios, “à sombra do poder”, a qualquer custo, e se acham os grandes pensadores da sociedade.

No final, todo o sonho de igualdade e ascensão social é descartado por causa da impossibilidade imposta pela sociedade, que só permite aos brancos e ricos lugares de destaque. Em 1909 é publicado o livro. O *Correio da Manhã* lhe serviu de molde para o romance e jornalistas como João do Rio também aparecem satirizados. A publicação que mostra o funcionamento da grande imprensa carioca no início do século XX acabou fechando para Lima Barreto as portas para a conquista de grande autor que ele tanto almejava.

1.3.1 Recordações do Escrivão Isaías Caminha: o alter ego de Lima Barreto

O fim do projeto acabou abatendo ainda mais Lima Barreto. Em seu diário, em julho de 1908, ele desabafa sobre seu estado de espírito, com a sequência de decepções sofridas, da falta de energia que se encontrava diante de tudo:

Só o álcool me dá prazer e me tenta (...)Tenho um livro, de que falta escrever dous ou três capítulos. Não tenho ânimo de acabá-lo. Sinto-o bêsta, imbecil, fraco, hesito em publicá-lo, hesito em acabá-lo. É por isso que me dá gana de

20 BARRETO, Lima *Apud* Barbosa, Francisco de Assis, p. 177.

matar-me; mas a coragem me falta e me parece que é isso que me tem faltado sempre. (BARRETO, 1956f, p.136)

Esse livro ao qual ele se refere nesse trecho é precisamente o *Isaiás Caminha*, que já havia publicado os dois primeiros capítulos e um trecho do terceiro na revista *Floreal*. Mesmo abatido pela depressão, Lima Barreto procura incansavelmente alguém que pudesse se interessar pela publicação do livro. Pensou na Casa Garnier, a maior editora da cidade, responsável pela publicação de livros dos nomes consagrados da literatura, mas sabia que suas chances eram poucas. Desistiu antes de tentar. Em seguida, lembrou da rede de amigos e conseguiu uma carta de recomendação de João Pereira Barreto - colega dos tempos da *Floreal* - a um livreiro, no país lusitano. Mas faltava o principal, que seu manuscrito chegasse ao velho continente, às mãos do português. Seu amigo Antônio Noronha dos Santos, que tinha viagem marcada para Europa, leva na mala os manuscritos do livro para o editor A. M. Teixeira.

Nesse tempo, ele trabalhava em dois projetos de romances, *Isaiás Caminha* e *Gonzaga de Sá*. O motivo pelo qual ele escolhe publicar a história do escrivão é simples para ele. Em cartas trocadas com o amigo Gonzaga Duque, afirmando que os capítulos publicados estavam cheios e impregnados de sua vida, destaca: “Mandei as Recordações do Escrivão Isaiás Caminha, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes (...). Espero muito nêle para escandalizar e desagradar (...)” (BARRETO, 1956d, p. 169)

Pelas próprias confissões do autor, era de se esperar que esse livro fosse uma tentativa de atingir o círculo de intelectuais e literatos elitistas. A obra é transversalizada o tempo inteiro pela experiência pessoal do autor dentro do mundo do jornalismo, tendo como base os principais eventos históricos que marcaram sua vida. Em 1909, é publicado o romance *Recordações do escrivão Isaiás Caminha*. Nessa época, os jornalistas ainda não eram regidos por uma ética profissional. Porém, pelas páginas do livro, Lima Barreto apresenta seu olhar, o que ele via e entendia dos jornalistas, grupo ao qual fez parte até sua morte em 1922. Isaiás Caminha, o narrador da história, são os olhos do leitor dentro da redação do fictício *O Globo*, um “jornal independente, órgão do povo e dos sofredores, pesadelo dos ministros, espada de Dâmocles, suspensa sobre a tríade política e administrativa da República”.²¹

²¹ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*. Rio de Janeiro: Braziliense, 1956j.

O personagem nos expõe os jornais como pólos de poderes autônomos às instituições da sociedade civil de sua época. Mas que ao mesmo tempo, possuem estreitas relações com os poderes institucionais. A sala do diretor do jornal é descrita como um lugar de negociações políticas e financeiras. Os jornalistas como seres vaidosos, dono de um prestígio junto ao público de semideuses, de protetores. Mas, no entanto, Isaías desconstrói essa imagem ao colocá-los como homens vazios de ideias e copiadores uns dos outros. As intrigas do mundo jornalístico carioca do início do século XX estão ali, expostas. O ego fala mais alto. “O Redator despreza o repórter; o repórter, o revisor; este por sua vez, o tipógrafo, o impressor, os caixeiros do balcão. A separação é a mais nítida possível (...)” (*Ibidem*, p.225)

Por apresentar os grandes da imprensa de forma satírica no romance, Lima Barreto ficou por anos sem colaborar em jornais de grande circulação, só retornando em 1917 no *Jornal do Commercio*, onde publicou em forma de folhetim o livro *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Para que se compreenda a intenção narrativa de Lima Barreto é preciso recorrer à sátira, o gênero romano que visava criticar os nomes públicos de forma cômica, debochada. A passagem do jornalista/escritor pelo *Correio da Manhã* foi satirizada através do seguinte esquema apresentado no livro: Ricardo Loberant – Edmundo Bittencourt; Ivan Gregorovitch Rostoloff – Mário Cataruzza; Pacheco Rabelo (Aires d’Ávila) – Leão Veloso (Gil Vidal); Veiga Filho - Coelho Neto; Gramático Lobo – Cândido Lago; Floc – Jic, João Itibirê da Cunha; Leporace – Vicente Pirajibe; Adelermo Caxias – Viriato Correia; Losque – Gastão Bousquet; Raul Gusmão – João do Rio; Laje da Silva – Pascoal Segreto; Casa da Valentina – pensão da Tina Tatti, conhecido prostíbulo da Rua do Russel; *O Globo – Correio da Manhã*.²² Segundo Francisco de Assis Barbosa, a sátira de Lima Barreto atingia diretamente os altos jornalistas do *Correio da Manhã*. É pela construção desses personagens que Lima Barreto apresenta o funcionamento da grande imprensa carioca.

Do outro lado do Olimpo está Isaías Caminha, o narrador-personagem. A história é a reminiscência do menino negro, pobre, que saiu de Caxambi, interior do estado do Espírito Santo, com uma carta de recomendação do Coronel Belmiro. A missão era entregá-la ao deputado Castro, homem de boas relações na capital. Ao entregar a carta, o

22 Cruzamento do esquema-chave apresentado por B. Quadros, na revista *Vida Nova*, em 1936 e por Godin da Fonseca, em 1940 *Apud* BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, p. 195.

deputado rejeita a ajuda. Lima Barreto nos mostra através de Isaías o inevitável: o negro que não consegue vencer por causa do preconceito, “um rapaz inteligente, bom, honesto, ambicioso, possuindo todos os requisitos para vencer na vida, menos um – a cor” (BARBOSA, 2012, p.182), comenta o biógrafo de Barreto sobre o narrador- personagem.

No livro, a tônica do racismo científico é apresentada em três momentos: o primeiro, quando Isaías está no trem que segue para o Rio de Janeiro, e um homem branco, apesar de estar posicionado atrás dele na fila é servido antes. Já na capital acontece um roubo no Hotel, o único hóspede que segue para delegacia é o personagem. E o terceiro episódio é quando ele é rejeitado para uma vaga de entregador de pães. Sem dinheiro e trabalho, o jovem Isaías passa boa parte do tempo no restaurante do hotel que estava hospedado.

Desse trecho, vale destacar que com o fim da escravidão, em 1888, como elevar o status social dos negros? As explicações monarquistas sobre a escravidão não serviam como fundamento republicano, era preciso um novo mecanismo que garantisse o domínio sem modificar o *status* social. Foi através dessa fenda que as ideias científicas das raças ganharam terreno na República.

Marilena Chauí (2000) explica que inspirados pelo naturalismo evolucionista e positivismo, os defensores da ideia, representados principalmente por Sílvio Romero e Nina Rodrigues, sistematizaram a estrutura da configuração social brasileira, afirmando que o caráter nacional era a combinação de condições climáticas, raciais e morais. O clima, explica Romero, é insalubre, provocando todo tipo de doença, excesso de chuva em algumas regiões, e calor abundante em outras. A natureza é profusa, possui bons frutos, não sofria de nenhum desastre natural como terremotos, furacões e erupções vulcânicas. Em relação à raça, o autor de *O caráter nacional e as origens do povo brasileiro* deixa evidente que: “(...) o brasileiro é uma sub-raça mestiça e crioula, nascida da fusão de duas raças inferiores, o índio e o negro, e uma superior, a branca ou ariana. Para evitar a degeneração (...) será preciso estimular seu embranquecimento.”²³ Em relação à moral, Romero julga os latifundiários como parasitas da sociedade e a solução desse problema seria o crescimento da industrialização e do comércio.

23 CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 49.

As teorias eugênicas não explicam apenas a situação precária em que viviam os negros nos primeiros anos da República, evidenciam também o descrédito intelectual da “sub-raça”. Lima Barreto, negro, tinha à sua frente a escolha de “apagar a cor” e entrar na correnteza, no fluxo dos escritores consagrados, mas escolheu o oposto.

O fictício restaurante do Hotel Jenikalé era o reduto dos jornalistas e poetas cariocas. Lá, Isaías conhece o jornalista russo Gregorovitch Rostoloff, que escrevia sobre política interna em *O Globo*. O personagem descreve-o de maneira singular: o jornalista é formado em Línguas Orientais e Exegese Bíblica. Pela voz de Isaías, Lima Barreto estava criticando a mania de se fazer doutor no Brasil. O título do russo era inútil, é verdade, mas era um título.

Não é à toa que Lima Barreto escolhe uma redação de jornal para ambientar seu romance. Ele sabia que a imprensa era o hábitat dos grandes escritores, dos homens que mandavam tanto na política como nas letras ao ponto de escrever no final do capítulo VIII do livro que “Era a imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!” (BARRETO, 1956j, p. 174). Além disso, o próprio nome *O Globo* parece querer dizer sobre um ecossistema autônomo, onde diversos satélites giravam em torno. Ricardo Loberant, ou melhor, Edmundo Bittencourt, era o deus desse universo “era o homem mais poderoso do Brasil; fazia e desfazia ministros, julgava juízes e o presidente (...)”. (*Ibidem*).

O jornal é descrito como popular, de linguagem simples, que faz oposição ao poder. Isaías apresenta a imprensa como preocupada em noticiar crimes, escândalos domésticos e públicos, curiosidades banais “Guiados pelas mesmas leis, obedecendo quase a um único critério, todos eles se parecem; e, lido um, estão todos lidos.” (*Ibid.*, p. 178).

Em determinado momento, Loberant percebe que a venda de um concorrente de *O Globo* cresce, o diretor da redação brada aos jornalistas “Não quero mais gramática, nem literatura aqui!... Nada! Nada! De lado essas porcarias todas... Coisas para o povo, é o que eu quero!”. (*Ibid.*, p. 189). Quando uma revolta eclode na cidade por causa de uma lei de uso obrigatório de sapatos, ao que tudo indica, Lima Barreto satirizou com essa passagem a vacinação obrigatória da população, episódio que ficou conhecido como a Revolta da Vacina. Nesse momento da história, Isaías fala sobre o posicionamento do jornal “As vitórias do povo tinham hinos de vitórias da pátria. Exagerava-se, mentia-se,

para se exaltar a população.” (*Ibid.*, p. 249). Ao mesmo tempo, ele destaca a queda de vários ministros, que foram atacados pelo jornal por causa do motim: “As nomeações saíam de lá e as demissões também.” (*Ibid.*, p. 256). Apesar de se dizer do povo, Loberant estava visando somente o aumento das vendas.

Em outra notícia, dessa vez um crime: um casal fora encontrado dentro do carro morto a facadas e decapitado. A notícia chegou por telégrafo, a redação inteira ficou alvoroçada com a novidade, era preciso dar o *furo*. Ao ponto de Leporace, que era o braço direito do diretor, gritar: “Já um boletim... Já!”. O boletim nessa época era colocado na porta do jornal, em instantes a porta estava cheia de curiosos. As “notícias sensacionais” funcionam como campo polarizador, que atrai o público. Essa era a receita da popularidade do jornal. A venda diminuía logo se arrumava um escândalo. Quando soube da novidade, Loberant por saber que ia vender pelo menos mil exemplares a mais se entusiasma com o relato do repórter e ordena que todos corram em produzir a notícia.

Quando Isaías deixa a função de contínuo e começa a trabalhar como repórter, não fica mais sendo visto como meramente um negro, todos o tratam agora como “jornalista”. É como se Lima Barreto demonstrasse o processo de assimilação, cujos espaços de poder impunham àqueles que buscavam se conservar em lugares de prestígio, da época. Ou seja, Isaías é englobado pela tribo: “Dois meses antes era simples contínuo, limpava mesas (...); agora, poderosas autoridades queriam as minhas relações e a minha boa vontade.” (*Ibid.*, p.273). A relação jornalista/fonte é a todo momento evocada, mas baseada na única intenção de relações “infinitesimal de interesses” (*Ibid.* p. 190).

A figura do repórter do início do século XX, Isaías ilustra a vida profissional da seguinte forma: “O público que nos lê, não sabe o quanto esta vida de jornalista é esgotante e ingrata (...)”. (*Ibid.*, p. 253). Em outro ponto, ele fala que os repórteres eram enviados aos lugares mais perigosos da cidade e retornavam à redação trazendo a “ansiedade das ruas”. Além desse fato, eles se serviam de outros jornais para “receber inspirações neles”. E na hora de escrever, o importante é convencer o público, persuadi-lo. Lima Barreto afirma isso em seu romance, que os jornalistas eram marionetes nas mãos do diretor. Eles atacavam ou defendiam de acordo com os interesses políticos do jornal. E o posicionamento de *O Globo* era, por interesse, ao lado do povo; o jornalismo é uma poderosa ferramenta por conseguir “falar” para um grande número de pessoas.

A questão da linguagem *belle époque* também é abordada por Lima Barreto no romance. Ele denuncia os escritos dos jornais como vazios, empolados e sem sinceridade. “O pensamento comum dos empregados em jornais é que eles constituem, formam o pensamento do nosso país, e não só formam, mas ‘são a mais alta representação dele.” (*Ibid.*, p. 238). Na figura de Lobo, o gramático da redação, Lima Barreto dá voz ao parnasianismo vigente no século XX. Na passagem, um artigo é publicado com erros ao que ele retruca desmoralizado “Que dirá João Ribeiro? O Said Ali? O Fausto? E o Rui, que dirá?”. E Lima Barreto continua a crítica ao chamar a gramática de Lobo de “miopia exagerada”. De acordo com Alfredo Bosi, essa linguagem *belle époque*, surgiu da imersão na água morna dos intelectuais da virada do século XIX para o XX. A linguagem serve como cerca que delimita os dominantes dos dominados. É essa linguagem ornamental que Lima Barreto ataca no livro e em toda a sua vida, como sendo uma falta de originalidade dos escritores, guiados apenas pela vaidade e superficialidade estética.

A concisa análise deste livro nos serve, em linhas gerais, para identificar como Lima Barreto busca “resolver” as questões que o rodeavam em seu ciclo da juventude. É o processo embrionário de seu projeto, e estas linhas não desaparecem de sua literatura, mas amadurecem no período pós 1917, com sua aposentadoria. As influências das ideias teóricas que sustentam sua visão de mundo já estavam presentes nesse momento de sua vida. O positivismo, o bovarismo, o maximalismo, o socialismo, a Revolução Russa e, sobretudo, a concepção estética de arte e literatura, importadas dos escritores russos, como Tolstói e Dostoievsky, já estão ali, servindo de base para a concepção do destino da literatura, proposto por Lima Barreto, pouco antes de sua morte, em 1922. Paralelo a isso, é importante também compreender o lugar ocupado pelas instituições da incipiente sociedade civil brasileira, que explica e muito, dentro das relações de força, o posicionamento de Lima Barreto e a localização de sua obra, dentro deste cenário. São os indivíduos concretos, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram em seu tempo quanto as que produziram pela sua própria ação, que sustenta a concepção de mundo e a posição perante à realidade concreta que o cerca.

Capítulo 2 - Profissão: jornalista

A partir de 1915, a colaboração de Lima Barreto nas revistas e na imprensa libertária carioca começou a ser mais constante e duradoura. Na *Careta*, uma revista mais aos moldes da *belle époque*, ele publica textos regularmente em dois períodos, entre 1915

a 1922. Na semanal *A.B.C.*, que possuía uma pegada mais crítica e contava com colaboradores mais à margem da produção jornalística e literária, entra em 1916. Em ambas só parou de escrever em 1922, ano de sua morte. É neste periódico que ele publica a série de textos sobre a *República dos Bruzundangas*, uma sátira da vida política, literária e de costumes do Brasil; fala frequentemente sobre a Primeira Guerra Mundial, e se coloca politicamente ao lado dos trabalhadores que estiveram no *front* da Revolução Russa.

Mas é na virada de 1918/19, durante sua última passagem em hospitais psiquiátricos, que a dimensão de jornalista é abertamente defendida. Após uma série de internações em hospitais psiquiátricos, 1914, 1917 e 1918, neste último período, ele fica até janeiro de 1919, conseguindo logo após, se aposentar das funções de amanuense da Secretaria de Guerra. O trâmite para aposentadoria termina no dia 26 de dezembro de 1918, quando é publicado em Diário Oficial. Por considerar que o serviço público acabava por criar barreiras, o fim da carreira estatal acaba sendo um alívio. A aposentadoria de Lima Barreto representou por um lado a quebra do vínculo que o autor acreditava ser um empecilho à posição crítica acerca da política nacional, mas, por outro lado, o momento mais produtivo da carreira como jornalista. “Aposentado como estou, com relações muito tênues com o Estado, sinto-me livre e feliz, podendo falar sem rebuços sobre tudo o que julgar contrário aos interesses do país”²⁴.

Mas outro fato desse período chama atenção. De acordo com Beatriz Resende, pesquisadora da obra barreteana, que teve acesso aos documentos das internações do escritor de Todos os Santos, no registro de entrada em 1914, ele se identifica como “empregado público”. Em outra ocasião se declara “escritor”. Somente no documento de entrada de 1918 é que Lima Barreto se intitula “jornalista”.

Apesar dessa definição, vale pontuar que no Brasil da primeira metade do século XX, os literatos ainda tomavam conta das redações, porém, pouco a pouco, o jornalismo começou a mudar. Lavina Madeira Ribeiro define esse período como o ponto em que:

A nova variável presente na dinâmica dos jornais comerciais do começo do século XX advém do giro discurso em direção a um público mais heterogêneo, formado pelas classes médias urbanas, da ampliação do espaço público

24 BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Apud *Toda Crônica*. Apresentação e notas Beatriz Rezende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, Volume II, p. 7.

provocada por esse giro e do direcionamento do debate e da informação para questões oriundas do meio urbano. (RIBEIRO,1998, p. 110)

Esse conjunto permite um avanço no sentido da construção de identidade e profissionalização. No entanto, o jornalismo ainda era considerado secundário no processo. Muitos escritores procuravam esse caminho para se consagrarem como grandes escritores, como define Monique Benati Rangel em seu trabalho “*Profissionalização Jornalística: Identidade, Anonimato e Autoridade*”:²⁵

(...) a proximidade com a literatura fazia com que os textos jornalísticos não tivessem uniformidade. As formas de comentar e redigir cada notícia eram únicas, permitindo que cada jornalista desenvolvesse um estilo próprio. Os periódicos eram um espaço onde esses estilos transitavam livremente, sendo uma espécie de “vitrine” para o talento do escritor. Assim, o reconhecimento social do jornalista passava pela imprensa, mas não ficava nela. A figura do grande jornalista predominava em relação à figura do grande jornal. (RANGEL, 2006, p.??)

Héris Arnt explica que esse período é conhecido como jornalismo literário. O estilo empregado nos jornais do século XX no Brasil surgiu na metade do século XIX na Europa quando escritores começam a colaborar para os periódicos da época. Influenciados pela corrente romantismo\realismo, e em busca de mostrar suas produções para o maior número de pessoas possível, os autores não encontram dificuldades e são absorvidos no processo de produção de escrita. Os periódicos procuravam aumentar a tiragem de suas edições e os literatos estavam atrás de fama. Quase todos os grandes autores desse período que conhecemos hoje tiveram suas carreiras alavancadas pela imprensa: Honoré de Balzac²⁶, Machado de Assis²⁷, Gustave Flaubert²⁸ e Fiódor Dostoievski²⁹. Desse encontro nasceu o folhetim, a publicação fragmentada de romances

25 Trabalho apresentado no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

26 Honoré de Balzac foi um dos principais nomes do Realismo/Naturalismo da imprensa francesa (1799-1850).

27 Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro 1839 – 1908) escritor realista, fundador da Academia Brasileira de Letras (1897) e jornalista.

28 Gustave Flaubert (1821-1880) escritor realista francês e jornalista.

29 Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821-1881) escritor russo, foi editor da revista *A Época* (1864).

dia a dia nos jornais. No Brasil, no final do século XIX, nasce outro gênero: a crônica. O jornalista José de Alencar é apontado como o pioneiro desse gênero que mistura a observação dos acontecimentos sociais ao tratamento crítico desses temas, numa tomada pessoal sobre o tema. “Foi o cronista *flaneur* que caminhava pela cidade, ao ar livre, que desfilava pelos lugares mundanos, observando os movimentos das pessoas.” (ARNT, 2002, p. 58)

E é na crônica jornalística que Lima Barreto costurou o retalho, o *fait divers* da organização social da Velha República e construiu seu painel contra-hegemônico.

2.1 A importância das revistas nas campanhas jornalísticas de Lima Barreto

Antes de entrar especificamente na atividade jornalística de Lima Barreto em revistas, é preciso destacar alguns pontos que levam o autor a acreditar nesse caminho para a publicação de seus textos. Após a passagem pela redação de um grande jornal de tiragem diária, o *Correio da Manhã*, que frustrou muito as expectativas do romancista popular, Lima Barreto buscou um local para que pudesse ver seus escritos veiculados de forma mais adequada ao seu ponto de vista. Passou depois do fracasso da Floreal para a redação da revista ilustrada *Fon-Fon*, “que tinha como símbolo a imagem do automóvel que buzina a modernidade pela via da sátira visual e escrita”.³⁰

Nesse momento, o jornalista ainda utilizava uma gama de pseudônimos, como aponta Felipe Botelho Côrrea, com assinaturas como Amil, Xim, Horácio Acácio, Barão de Sumaret, J. Caminha, entre outros, que ora revelavam a real persona atrás dessas máscaras e ora o colocava mais em evidência, como o caso de J. Caminha, uma clara correspondência com o personagem de seu primeiro romance publicado, Isaías Caminha (1909). Contudo, essa era uma prática comum à época. Apenas os escritores consagrados da imprensa hegemônica tinham sua assinatura, porque conferia respeito às respectivas publicações. Segundo o pesquisador, além disso, o uso dos pseudônimos era uma estratégia das revistas semanais, pois dessa forma o leitor tinha a impressão de que o periódico contava com uma vasta gama de colaboradores.

Ainda de acordo com Felipe Botelho Corrêa, as revistas ilustradas não eram uma grande novidade naquele momento. Porém, o avanço técnico das fotografias, ilustrações e cores caíram bem no gosto da população carioca da época, que chegava a colecionar

³⁰ CORRÊA, Felipe Botelho. *Lima Barreto Sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016. p 13

recortes destes periódicos para decorarem suas casas. Com uma gama maior de abordagens temáticas, com seções de humor, crônicas, poesias, caricaturas e reportagens fotográficas, produzidas pelos intelectuais boêmios, além do deslumbre com as inovações gráficas, estas eram também mais facilmente distribuídas através das linhas férreas para outras regiões do estado, conseguiam também atingir circulação nacional, e chegava a outros países. Isso fica mais evidente em uma carta publicada na revista *Careta* em 1919:

Os jornais diários, mesmo os de grande tiragem, circulam pelo interior numa proporção mínima, comparada à circulação das principais revistas publicadas na Capital, que mandam para todo o Brasil, mesmo aos sertões mais longínquos, 60% a 70% das suas consideráveis edições, sendo talvez o meio mais prático de divulgação por todo o vasto território nacional não só dos acontecimentos da Capital como noções instrutivas de todo o gênero, seja pela sua profusa e nítida reportagem fotográfica, de que as revistas têm monopólio devido à qualidade de seu papel, seja pela reprodução em nacional de tudo quanto sucede no mundo, de arte, ciência, indústria, comércio etc., concorrendo desta forma para a propagação e conhecimento úteis às classes obrigadas a viverem fora dos grandes centros.³¹

O modelo dessas revistas influenciou substancialmente a mudança de perspectiva do próprio Lima Barreto. Em primeiro lugar, a passagem conturbada pela redação do jornal *O Correio da Manhã*, em 1905, e a falta de espaço sentida pelo jornalista para publicar textos de mais fôlego, dentro da perspectiva defendida, acabou por criar um maior distanciamento da grande imprensa diária. Além disso, essas revistas atingiam um público maior, além de contarem com páginas mais diversificadas que os jornais.

E antes mesmo de trilhar pelas possibilidades mais atrativas que essas publicações conferiam a Lima Barreto, homem do seu tempo, ainda na juventude fez um registro que mostra que ele era um leitor assíduo de revistas e delas tirava recortes de figuras e textos. É de 1905 um de seus primeiros registros em seu diário sobre a influência das revistas em sua concepção.

(...)levantei-me como habitualmente às sete e meia para as oito horas. Fiz a única ablução do meu asseio, tomei café, fumei um cigarro e li jornais. Acabando de lê-los, arrumei as paredes do meu quarto. Preguei aqui, ali, alguns retratos e figuras, e ele tomou um aspecto mais garrido. Há, de mistura de

31 *Careta* 29 de novembro de 1919 *apud* Felipe Botelho, p. 20

caricaturas do *Rire* e do *Simplicissimus*, retratos de artistas e generais. (BARRETO, 1956f, p.71).

As revistas ilustradas populares citadas nesse trecho são respectivamente uma edição francesa, que circulou semanalmente e foi publicada entre 1894 e 1950. E a outra, uma alemã, que contou com colaboração de Thomas Mann.

Como citado acima, a primeira colaboração em uma revista de maior circulação se deu pela satírica *Fon-Fon*, em 1907. Escrevia ainda sob pseudônimos como “Amil, Pingente, S.Holmes, Phileas Fogg, Eran e Mié”. (CORRÊA, 2016, p.20). É dessa rede de contatos, travada dentro dessa publicação, que Lima Barreto, anos mais tarde, em 1915, vai para *Careta*. Mas essa experiência na *Fon-Fon*, o incentivou a caminhar pelo formato da revista como projeto crítico e literário. Diferente da magoada saída do Correio da Manhã, que acabou por se tornar o alvo de suas duras críticas, dirigidas à grande imprensa e que estão nas páginas de seu primeiro romance. O modelo dessa revista desembocou na breve e pobre graficamente *Floreal*, no mesmo ano. Um dos principais fatores para que Lima Barreto, mesmo sem aporte financeiro, tenha sustentado essa iniciativa, talvez tenha sido o fato de poder sair da máscara dos pseudônimos. A iniciativa de publicar uma revista na qual ele pudesse estar à frente do planejamento editorial estava intrinsecamente ligado a isso. Outrossim, essa mudança de Lima Barreto, proporcionou a luta que ele se colocava na primeira fileira: contrapor “os mandarinatos literários”.

O texto publicado por Lima Barreto na apresentação da revista *Floreal*, que estava sob sua direção, é uma amostra da aposta neste tipo de publicação. Um editorial, por assim dizer, que revela as bases que o grupo que compunha a redação pretendia seguir em contraponto à produção hegemônica, tanto da imprensa quanto dos literatos. Apesar de o grupo ter consciência dos limites gráficos e de distribuição da pequena empreitada, eles colocavam a disposição de enfrentar a poderosa máquina, seu principal alicerce.

Não é sem temor que me vejo à frente desta publicação. Embora não se trate do Jornal do Comércio nem da Gazeta de Pequin, sei, graças a um tirocínio prolongado em revistas efêmeras e obscuras, que imenso esforço demanda a sua manutenção e que o futuro lhe está reservado. Sei também quanto lhe desfavorável o público, o nosso público, sábio ou não, letrado ou ignorante. Faltam-lhe nomes, desses que enchem o céu e a terra, vibram o éter imponderável, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brasil; faltam-lhe desenhos, fotogravuras, retumbantes páginas a cores “chapadas” de vermelho - matéria tão do gosto da inteligência econômica do leitor habitual (...). É uma revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas páginas,

com a responsabilidade de sua assinatura, manifestar as suas preferências, comunicar as suas intuições, dizer sem julgamentos, quaisquer que sejam.³²

Ele sabia que a inquietação da juventude naquele momento, ainda era uma marca em sua inspiração e produção literária. Ainda nesse texto, ele deixa registrado que esse caminho era de certa forma uma imposição por não terem nascidos em berço abastado, nem figurarem entre os grandes representantes da imprensa. Além de taxar esses jornais de fúteis, para ele, chegar ao lugar consagrado de jornalista da imprensa burguesa era se curvar às regras, perder o brilho e se tornar igual aos outros. Então, a revista seria uma resposta, nas próprias palavras do escritor, de driblar a “incapacidade de tentar os meios de publicidade habituais.

Ademais, esse texto também é interessante para que se perceba a linha, ou seja, a luta travada por Lima Barreto para que seus escritos fossem conhecidos, sem o recurso dos pseudônimos que lhe era imposto. Dessa forma, uma disputa pelo consenso, por uma literatura militante e que fosse travada dentro da institucionalidade das letras. Por isso, é fato que antes de se aposentar, Lima Barreto vivia um conflito pessoal entre seus escritos e a vida de funcionário público.

Ele também tinha consciência de que a publicação representava uma ruptura, um deslocamento necessário com o que estava estabelecido, mas sem com isso ser uma negação completa com a velha forma “o antigo se encadeia no novo, o novo no novíssimo (...) ambos podem coexistir, por mais antagônicos que sejam”. Sabia Barreto que o leitor do início do século XX já estava habituado ao padrão imposto pela linguagem jornalística hegemônica.

Sobre a escolha do nome da revista, Beatriz Resende faz uma importante observação que ajuda na compreensão de interpretar o projeto editorial da revista. Na “Era da liberdade”, logo após o desfecho da Revolução Francesa de 1789, floreal foi o nome dado ao segundo mês da primavera, momento de renovação, que no hemisfério sul corresponde o período de setembro a dezembro. A revista Floreal tem seu primeiro número publicado em 27 de outubro de 1907, “pelo nome de batismo, a revista filiava-se ao ideário de liberdade, igualdade e fraternidade” (RESENDE, 1993, p. 84), bandeira que influenciou Lima Barreto.

32 Floreal, Rio, nº 1, 25/10/1907. *Impressões de leitura* V. XIII, 1956, p. 180 e 181

Beatriz Resende aponta que no terreno da prática jornalística é relevante notar também que através deste editorial, Lima Barreto direcionou sua campanha jornalística para o que Antonio Gramsci formulou como jornalismo integral.

Em sua análise sobre a imprensa, o teórico italiano, que também era jornalista, destacou que a função dos periódicos ultrapassa o sentido da esfera político-ideológica, englobando também as camadas econômicas e financeiras. Ou seja, essas empresas buscam conquistar o maior número possível de leitores, ampliando sua rentabilidade e influência. É por isso que a imprensa burguesa se desloca, procura se aproximar do gosto popular, visando “uma clientela continuada e permanente”.

Por mais que as orientações editoriais possuam uma lógica própria de demarcação e aplicação, é a base ideológica que cria estímulos e favorece as identificações entre o público leitor e os jornais. Por isso, essa definição seria “o jornalismo que não apenas quer satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, gerar seu público e aumentar progressivamente sua área”³³.

Gramsci também destaca, ao analisar a imprensa italiana do século XX, que esta é a atividade mais dinâmica da superestrutura, por se empenhar em manter e desenvolver o aporte ideológico do bloco hegemônico. Essa característica ser relativamente autônoma aos aparelhos privados de hegemonia faz com que a imprensa se apresente como uma atividade que unifica diversas concepções de mundo. Assim, favorecendo a assimilação ideológica pelos leitores, a partir da visão de mundo que o grupo jornalístico representa.

Lima Barreto percebia que era preciso organizar o grupo que estava na contracorrente do que estava posto. Organizar o grupo de intelectuais marginais e de leitores “como elementos ideológicos, “transformáveis” filosoficamente, capazes, dúcteis, maleáveis à transformação” e também como sujeitos que adquirissem a revista para torná-la economicamente viável. Porém, a revista Floreal cai no limbo que acabou se dirigindo “a todos e a ninguém”, tonando-se assim verdadeiramente inútil, “por si mesmas, as revistas são estéreis se não se tornam a força motriz e formadora de instituições culturais de tipo associativo de massa” (*Ibidem*, p.166).

2.2 A revista A.B.C. no contexto de Lima Barreto

³³ GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 161

A partir de 1915, Lima Barreto entra na fase mais madura de sua produção, com colaborações cada vez mais frequentes e longas em revistas. Em formato de folhetim, ele já tinha publicado os romances *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em 1911, no *Jornal do Commercio*, e *Numa e Ninfa*, em 1915, no jornal *A Noite*, cujo o proprietário era Irineu Marinho. É nesta fase de vida que o romancista inicia sua colaboração no semanário *A.B.C.*, de 1916 a 1922. Não se sabe ao certo, porém, como foi que o romancista popular chegou à revista do italiano Ferdinando Borla. Nessa época, as relações no meio intelectual-boêmio já eram sólidas. Há apenas um simples registro, de 1916, em seu diário sobre um jornalista que trabalhava nesta redação: “Paulo Hasslocher. Nossa Senhora de Copacabana, 72” (BARRETO, 1956f, p. 179). Mais tarde, Paulo se tornaria dono da publicação.

É certo que a revista não era nenhuma publicação de luxo, a exemplo da *Fon-Fon* e *Komos*, mas em relação à *Floreal* era um salto considerável, tanto no plano estético, quanto na diversificação do conteúdo. A publicação contava com anúncios regulares, o que lhe garantiu ser publicada de 1915 a 1930 sem interrupção, quando o periódico foi empastelado pela Revolução de 1930. Depois desse hiato de quatro anos, retorna, mas finda sua publicação no mesmo ano, em 1934. Na *A.B.C.*, existia outro atrativo particular para que Lima Barreto seguisse nela: seus textos eram assinados com o seu próprio nome. “*A Política e os Políticos de Bruzundanga*”, publicado em 21 de janeiro de 1917 está devidamente registrado com a persona do autor. E, além disso, Barreto recebia cinquenta mil réis por colaboração, tendo publicado um total de 89 textos, entre crônicas, crítica literária e contos.

De acordo com Henrique Sérgio Silva Corrêa, ao que tudo indica o primeiro texto publicado por Lima Barreto foi a crônica “*O ideal do Bel-Ami*”, publicado em 25 de novembro de 1916. Vale destacar que no acervo microfilmado da Biblioteca Nacional, a última edição encontrada é de 24 de junho de 1916, não sendo possível verificar se houve contribuição barreteana em outros números.

Esse texto foi recuperado posteriormente pelo biógrafo do autor, Francisco de Assis Barbosa, nos textos originais encontrados na casa de Lima Barreto. O texto é uma dura crítica à mediocridade dos nomes escolhidos para representar o Brasil no curso de Estudos Brasileiros, na Universidade de Lisboa, em Portugal, e na cadeira de História da Diplomacia Brasileira, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Bel-Ami era o nome de um personagem do escritor francês Guy de Maupassant, de 1885. Romancista que teve grande influência na vida literária de Lima Barreto. No livro, o escritor apresenta

um rapaz pobre, que busca, pelos meios mais sórdidos, um lugar de prestígio social em Paris. E é esse paralelo que Lima busca imprimir nesta publicação, como se o caminho de *Bel-Ami* fosse o rumo de consagrar a intelectualidade no país.

O Brasil, com esse amor aos diplomados, aos distintos, aos enfeitados com medalhinhas de solenidades de escola, acaba como a China, com seus mandarins e com a sua literatura de versos de légua. É preciso não deixar de obter umas medalhinhas nas escolas e faculdades, como as meninas das irmãs. O que nós devemos pregar aos moços não é um ideal cavalheiresco; é o ideal do *Bel-Ami*.³⁴

A revista *A.B.C.* começou a circular no Rio de Janeiro em 1915, e tinha como plano editorial discorrer sobre temas políticos ocorridos durante a semana, numa abordagem mais crítica do que se encontrava nos jornais diários. Além da política, temas como atualidades, questões sociais, letras e artes também faziam parte das seções.

Segundo a análise de Henrique Corrêa, o grupo que compunha a redação do semanal acreditava estar na vanguarda de uma abordagem que contribuiria para modificar os rumos do país, assim como a correligionária *Revista do Brasil*, de São Paulo, que contou com a direção de Monteiro Lobato, escritor que teve papel importante para disseminação da obra barreteana.

O jornalista italiano, Ferdinando Borla, que estava à frente da publicação, acreditava que a saída para os problemas do país passava necessariamente pela política e pela educação. “Assim, o semanário carioca se constituiu em um espaço democrático em que diferentes orientações políticas desfilarão”³⁵.

Na edição de estreia, precisamente num sábado, dia 27 de fevereiro de 1915, a revista revelou ao que veio. A capa contava com uma charge de Generoso Ponce Filho. Na ilustração, em preto e branco, como o resto das 16 páginas que compunham a edição, há um professor sentado à mesa, no canto esquerdo, em uma das mãos, o discente segura uma palmatória. Logo acima da cabeça dele, uma lousa e nela está escrito A.B.C. Cinco

34 BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás* V. X. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956h, p. 181

35 CORRÊA, Henrique Sergio Silva. *O A.B.C. de Lima Barreto (1916-1922)*. 2012. 328 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2012.

estão sentados e um de pé, todos homens com aparência de políticos burgueses da época. Abaixo da figura está a seguinte frase: “‘ABC’ aos homens representativos da política nacional: -Nosso programma vae ser exclusivamente didactico...”. Além da palavra “Estreando” no topo. Ou seja, seria função do semanal ensinar políticos e, conseqüentemente, leitores.

Na página 5 da edição, na seção “Factos e Commentarios”, em tom sarcástico, um texto busca explicar a que veio a revista. A citada capa já poderia ser suficiente para traçar esse perfil crítico, mas não satisfeitos, os redatores explicaram que o título era para ser vago, “um título que não explicasse cousa alguma: um título alphabetico.” O tom irônico dessa passagem está atrelado a um recém-tratado assinado pelo ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, que buscava estreitar laços com países vizinhos da América Latina. Para não ficarem com a pecha de que o semanário seria uma espécie de fruto desse caso diplomático, resolveram explicar que não se tratava de uma aproximação entre Argentina, Brasil e Chile. E aconselhava para que “os astrologos do firmamento político” ficassem sossegados, pois eles pretendiam dar compreensão ao público leitor nas questões da nacionalidade, economia, cultura, “estudaremos os problemas genéticos de nossa formação étnica, para decifrarmos, no meio desta confusa e tumultuosa e obscura alquimia de raças, o mote do porvir do país.” (Anexo).

O semanário preza sua linha editorial e se consolida como uma voz crítica dentre as revistas de menor porte. E talvez fosse exatamente esse clima que fez com que Lima Barreto permanecesse durante anos na edição.

Em 1917, o autor de *Todos os Santos* publica na revista um total de quatorze textos, além de continuar a série satírica sobre a República das Bruzundangas. Paralelo a isso, ele contribui em outras revistas de menor porte como *O Debate*, a *Revista da Época*, e o *D. Quixote*. Porém, em julho do mesmo ano passa por mais uma internação, dessa vez no Hospital Central do Exército, por conta do uso abusivo de álcool. Após a saída, se dedica à segunda edição das *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, revista e aumentada. Edição custeada com os próprios recursos financeiros, “à custa de empréstimos onerosos”. O mesmo ocorre na publicação de sua obra-prima *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em 1916. Também no mesmo ano publica no formato de folhetim o romance *Numa e Ninfa*, no jornal *A Noite*.

Com dificuldades financeiras, maiores ainda por conta dos empréstimos, Lima Barreto resolveu reunir a série satírica *República das Bruzundangas*, publicada na revista *A.B.C.*, e entrega os originais ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos. “Vendera os direitos

autorais deste livro ao velho Jacinto, ‘para todo o sempre’, por 70 mil-réis.” (BARBOSA, 2012. p. 274) Barreto chegou a contrair empréstimos junto a agiotas que operavam entre os funcionários do Ministério da Guerra. No mesmo período, o jornalista chegou a receber uma proposta, por assim dizer indecorosa, para publicar a segunda edição do *Isaías Caminha*. Como o romance tem como cerne a crítica à redação do *Correio da Manhã*, o diretor do concorrente da publicação diária, o jornal *O País*, “ofereceu” o custeio do prelo. Mas em troca ele queria que Lima Barreto revelasse a chave dos nomes que os personagens da obra cortinava. Mas o romancista recusou veementemente a proposta.

O diretor d’*O País*, João Laje, que figura em *Numa e Ninfa*, na pele do jornalista Fuas Bandeira, porta-voz do Palácio do Catete, propusera dar o romance em folhetins, publicando-o depois em volume, desde que o autor concordasse em revelar o nome dos personagens. A proposta visava, como é fácil de deduzir, a redação do *Correio da Manhã*, órgão da oposição, que vivia em polêmicas azedas com *O País*. (*Ibidem*, p.274)

O ano movimentado ainda teve uma tentativa de Lima Barreto em editar uma revista. *Marginália* nunca chegou à venda, mas vale o registro do texto de apresentação realizado em seu diário, no dia 28 de outubro. Primeiro, porque Lima Barreto, dez anos depois do fracasso da *Floreal*, mostrava que ainda tentava lutar por um espaço que pudesse ter seus textos veiculados sem qualquer tipo de amarra. E depois por evidenciar que a campanha jornalística do escritor era um projeto político. Há pouca modificação entre os textos separados por uma década. O tema da autonomia intelectual, a tentativa de organizar intelectuais entorno de um projeto contra-hegemônico, a crítica à grande imprensa, falta de recursos financeiros e a tentativa de satisfazer o gosto do público leitor estão ali. O tom é mais brando, porém deixa evidente que estar à margem era mais que uma imposição, era uma escolha.

O que nós desejamos é esclarecer fatos e opiniões, sob a luz de uma livre crítica, de forma que aqueles leitores, pouco enfronhados nos bastidores de certos aspectos da nossa vida e deles só tendo diante de si o fato bruto, possa melhor julgar o desenrolar dos acontecimentos políticos, literários e outros (...). (BARRETO, 1956f, p. 194).

Ainda em 1917, estoura a Revolução Russa que influenciará não só seus artigos, mas sua visão política. Barreto se encontrava doente nesse momento, como registro em

diário, deixando-o momentaneamente fora de combate. Talvez seja por isso que apenas ano seguinte, em maio de 1918, é que o escritor volte ao tema com mais folego e publica o seu manifesto maximalista, na *A.B.C.* No texto publicado em maio, Lima pontua uma série de medidas que deveriam ser tomadas em favor dos mais pobres, ou seja, a maioria da população brasileira. Dentre as propostas, ele citou revisão das pensões “graciosas”, reforma do ensino público, confisco de fortunas, divórcio, reforma agrária etc. Pois, as medidas do governo para conter os gastos públicos buscavam deixar “os ricos mais ricos; e fazer os pobres mais pobres (...) arranham superficialmente os ricos e apunhalam os pobres.” Era preciso deixar de enriquecer a burguesia, principalmente, a paulista. E termina seu artigo com um “Salve Rússia!”³⁶

Ainda internado, volta ao tema inspirado na Revolução Russa. Em 25 de novembro, Lima Barreto escreve sobre a insurreição do 18 do Forte, “*Da minha cela*” é um ataque à violência policial, dirigida aos revoltosos, condenando a influência maximalista nas organizações de trabalhadores da época. Afirmou nas linhas que o ofício do chefe-geral da polícia, Aurelino Leal, faltou com a verdade ao dizer “que o maximalismo não tem ‘organização de governo’”. Em seguida ele dispara: “Não pe exato. O que Lênine? O que são os soviets? Quem é Trotski?”³⁷

Este ano é bastante conturbado para Lima Barreto, mesmo doente e próximo da aposentadoria, ele continua a enviar seus textos para diversos jornais e revistas do Rio de Janeiro, São Paulo e até Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Ao mesmo tempo que intensificava sua contribuição na imprensa, os problemas de saúde também se agravavam. Por conta desses problemas, o escritor ficou mais de um mês sem aparecer no emprego, sumindo também de casa. Lima Barreto foi encontrado, pelo fiel amigo Antônio Noronha dos Santos, andando pelas ruas do subúrbio, nas proximidades da estação de Todos os Santos, sentado, jogando moedas no chão a esmo. Após uma crise alucinótica, o escritor carioca permaneceu por dois meses no Hospital Central do Exército. Deu entrada no local

36 ‘No Ajustes de Contas’, texto originalmente publicado na revista *A.B.C.*, em 11 de maio 1918. Reunido, postumamente, na coletânea *Bagatelas* de 1956.

37 BARRETO, Lima. *Bagatelas* V. IX. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956a, p. 102 e 103

com clavícula quebrada. “- Que é isso, Barreto? - perguntou-lhe o amigo. E ele sem tirar os olhos do que estava fazendo, respondeu: - É para os diabos. Para os diabos.”³⁸

Internado, após retirar o gesso, consegue fechar a publicação do único romance do autor que não foi publicado em folhetim, para se ter uma ideia da importância da imprensa para fortuna crítica da obra do autor. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* é editado pela *Revista do Brasil* e foi Monteiro Lobato o responsável pela compra dos direitos autorais da obra. Barreto revisou o texto ainda no hospital. Os artigos, crônicas e contos barreteanos chegavam ao grupo de São Paulo exatamente pela distribuição que as revistas cariocas possuíam dentro do território nacional.

Os dois não se conheciam pessoalmente, se comunicavam através de cartas. O grupo paulista convidou Lima Barreto para ser colaborador da revista “A confraria é pobre, mas paga”³⁹. Na carta, Monteiro Lobato demonstra que a revista estava à busca de um escritor interessante, que não se preocupasse com as regras que dominavam as letras da época. A participação do carioca nunca ocorreu, porém mantiveram contato epistolar.

E logo que se aposentou remete carta ao amigo das letras, Emílio de Meneses, poeta boêmio, que o escritor travou contato na juventude. Desta vez, Lima Barreto fala sobre a tentativa frustrada ao tentar se candidatar à vaga na Academia Brasileira de Letras. Apesar de ser considerado um *outsider*, Meneses conseguiu estar entre os nomes consagrados pela instituição. Seguindo os mesmos passos, Lima queria escandalizar o meio literário com essa candidatura, como assinala Francisco de Assis Barbosa. Tentou, é verdade, mas só conseguiu três votos. Dois na primeira etapa e apenas um nas duas sabinas seguintes.

O voto foi atribuído ao imortal das letras João Ribeiro, que escreveu elogioso artigo sobre *Gonzaga de Sá*. Esse fato se evidenciou pelas linhas escritas que afirmou: “Lima Barreto entraria pela porta principal (da A.B.L.)”

Na carta remetida a Monteiro Lobato, Lima explicou os motivos que o levaram a tentar uma vaga de imortal.

Nunca fui sinceramente candidato. A primeira vez que o fui, não sinceramente – é bem de ver – foi quando o Hélio (Lobo) se apresentou. Só para lhe fazer

38 Depoimento de Antônio Noronha dos Santos. *Apud*, BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. p. 282

39 Carta de Monteiro Lobato a Lima Barreto, de setembro de 1918. *Apud* BABORSA, Francisco de Assis, p. 283

mal, porque eu o atrapalhava e me vingava das desfeitas que me fizera, tendo-me tratado antes, a modos de pessoa poderosa. Sei bem que não dou para Academia e a reputação da minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. (BARBOSA, 2002, p.289)

Em 1919, Lima Barreto suspende sua colaboração da revista após a publicação de um artigo de Paulo Hasslocher, que a essa altura era diretor do periódico, por considerar o teor do texto racista. A polêmica se dá entre o descendente de alemão e um antigo colaborador, Antônio Torres.

Numa entrevista concedida anos depois sobre a contenda a Francisco de Assis Barbosa, em 1942, para o jornal *Diretrizes*⁴⁰, Hasslocher tentou explicar a história. Segundo Paulo, durante o governo de Epitácio Pessoa, começou a crescer a insatisfação com portugueses, em ataques “ferozes”, realizados por parte da imprensa, ao escritor Carlos Malheiros Dias. O semanário *A.B.C* tomou o lado do lusitano. Por causa dos ânimos cada vez mais acirrados, os apoiadores resolveram oferecer um jantar em homenagem a Carlos. Com a informação de que tal encontro ocorreria, os opositores resolveram ficar na porta do local para vaiarem os presentes. Dentre a turma dos lusófobos estava Antônio, além de Bastos Tigres, conhecido também de Lima Barreto, que na ocasião poupou o antigo amigo da redação carioca. Porém, dias depois, - continuou Paulo -, Antônio resolveu atacá-lo nas páginas dos jornais *Correio da Manhã* e *Gazeta*. Primeiro Antônio publicou um artigo criticando a posição da Alemanha, durante a Primeira Guerra e depois contra os portugueses. Por conta da descendência germânica e por ter um sogro português, Paulo se sentiu na obrigação de respondê-lo à altura nas páginas que comandava. O artigo ao qual se refere foi “*’Polarisada’ embriaguez*”. Ele começa o texto atacando seu oponente referindo-se à sua origem negra e que tal fato explicaria o caráter do mesmo, afirmando que a imoralidade e a embriaguez eram hábitos frutos da herança preta no Brasil. Afirmou também que os portugueses de baixa classe saciavam seus instintos, deixando à mulher pobre preta, “mulatinhos” que eram mercadorias valiosas na época.

Quatro dias após a essa publicação, que aconteceu em 25 de janeiro de 2019, Lima Barreto envia carta à redação pedindo para se afastar das páginas. Esse texto também foi

40 A referida entrevista encontra-se no livro Paulo Hasslocher: Fui elegante por amor ao Brasil. In: BARBOSA, Francisco de Assis. *Testamento de Mário de Andrade e outras reportagens*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e Cultura, 1954. p. 50-51.

publicado a pedido do próprio escritor, intitulada “*Por amor a velhos princípios*”. Na argumentação, Lima aventa que por não poder responder à altura, saía com mágoa do teor racista do artigo.

“Se ellas tivessem sido feitas por outrem, seria eu o primeiro a vir com um artigalhaço, contestando-as para que publicasse na *A.B.C.* Mas sendo tu que as fazes; e, não querendo eu e não podendo magoar-te de alguma maneira, despeço-me de sua brilhante revista e sigo o meu caminho.”⁴¹

Vale destacar que as teorias científicas das raças ganharam terreno na República. Marilena Chauí explica que inspirados pelo naturalismo evolucionista e pelo positivismo, os defensores da ideia, representados principalmente por Sílvio Romero, sistematizaram a estrutura da configuração social brasileira, afirmando que o caráter nacional era a combinação de condições climáticas, raciais e morais. O clima, explicava Romero, é insalubre, provocando todo tipo de doença, excesso de chuva em algumas regiões, e calor abundante em outras. A natureza é profusa, possui bons frutos, não sofria de nenhum desastre natural como terremotos, furacões e erupções vulcânicas. Em relação à raça, o autor de *O caráter nacional e as origens do povo brasileiro* deixa evidente que: “(...) o brasileiro é uma sub-raça mestiça e crioula, nascida da fusão de duas raças inferiores, o índio e o negro, e uma superior, a branca ou ariana. Para evitar a degeneração (...) será preciso estimular seu embranquecimento.” (CHAUI, 2000, p. 49) Em relação à moral, Romero julga os latifundiários como parasitas da sociedade e a solução desse problema seria o crescimento da industrialização e do comércio.

As teorias eugênicas não explicam apenas a situação precária na qual vivia a população preta nos primeiros anos da República, denotam também o descrédito intelectual da “sub-raça”. Lima Barreto, negro, tinha à sua frente a escolha de “apagar a cor” e entrar na correnteza, no fluxo dos escritores consagrados, mas escolheu o oposto.

Ao analisar o escritor, Luiz Silva afirma que ao ver incorporado em seu cotidiano o preconceito científico, Lima Barreto soube como poucos autores de seu tempo denunciar as condições de vida que os negros estavam subjugados. Ser visto como entrave ao desenvolvimento social, político e econômico do Brasil aguçou ainda mais a produção barreteana, já que sentia na pele o bloqueio que essas teorias representavam à sua pessoa e aos seus escritos.

41 *A.B.C.* Por Amor a Velhos Princípios, 29 de janeiro de 1919

No quadro de tal mentalidade que ocupava o Estado brasileiro, um escritor jamais poderia ser negro ou negrodescendente, como era o caso de Lima Barreto. Se o fosse, algo estaria errado, fora da expectativa reinante, especialmente se ele rompesse com o silêncio tácito sobre o assunto, ousando discordar das opiniões racistas então reinantes. Era preciso, então, buscar tal ‘erro’ naquele indivíduo considerado uma exceção. Sua vida deveria ser vasculhada para fornecer dados que levassem ao menosprezo à sua ousadia de ser escritor e crítico do racismo. (SILVA, 2011, p 97)

Tal “erro” mencionado por Luiz Silva era a embriaguez. Além da questão racial, outras características eram consideradas sinais de degeneração: a embriaguez, as tatuagens, os estados de alienação mental, epilepsia, loucura e até mesmo a criminalidade eram consideradas marcas da miscigenação. Essas tendências só seriam “apagadas” com o embranquecimento da população brasileira, como apontavam as teorias da época.

Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o *chopp*, o *whisky*, as noitadas (...) ⁴²

Após o epicentro dessa desavença, Lima Barreto volta à redação, em agosto. Entretanto, não há nenhum registro formal, carta, artigo ou conversa registrada que mostre os bastidores desse retorno. O texto, “*Procurem sua Josefina*”⁴³, é um manual político irônico, utilizando, como comparação, Maquiavel. Nele, Lima coloca uma conversa com um amigo Almiro Viana, no qual o interlocutor dá dicas para homens cuja ambição fosse a carreira de deputado. Publica também “*São capazes de tudo*”, que aborda o fim da Primeira Guerra e o patriotismo ardente que alguns jornais imprimiam durante as operações militares, atacando também a “superstição patriótica” da Alemanha. O artigo era um golpe frontal à criação da Liga Brasileira pelos Aliados, fundada durante a

42 BARRETO, Lima *Apud* BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, p. 221.

43 Esse texto foi reunido postumamente no volume IX da obra completa do escritor carioca, de 1956, e possui como data 04 de janeiro de 1919. Francisco Assis Barbosa encontrou-a em meio aos textos da biblioteca do escritor. Apenas na edição microfilmada da Biblioteca Nacional é que se verifica que o texto foi publicado em agosto.

Primeira Guerra Mundial e a figura de João Laje, proprietário do jornal ‘*O Paiz*’, conhecido por ser amigo de todos os governos. “*Quem será afinal?*” uma crônica em tom de alívio pela aposentadoria que o deixava livre para falar sem fumaça sobre tudo o que julgava ser de interesse do país.

Esperava desde muito estes dias de completa liberdade, de independência quase total, para dizer da minha pobreza a franca verdade aos poderosos e ricos que, assim, se fizeram por toda a sorte de maneiras, honestas e desonestas. Hei de dizer-lhe aos poucos... (BARRETO, 1956a, p.134)

No mesmo artigo, em tom de desabafo, reclamou do uso do aparato policial para recolhimento de pessoas que apresentavam transtornos mentais nas ruas do Rio, o caso dele próprio.

Na “Era dos Linchamentos”, nos Estados Unidos, de 1877 a 1950, mais de 4 mil negros foram queimados e/ou enforcados em locais públicos, de acordo com um levantamento realizado pela ONG estadunidense *Equal Justice Initiative*⁴⁴. Em alguns casos, os crimes de motivação racial, chegavam a ser publicados nos jornais, numa espécie de convocação pública. Multidões de pessoas brancas acompanhavam os linchamentos, até crianças acompanhavam as cenas. “Três mil pessoas vão queimar um negro”, afirmava uma notícia do jornal *New Orleans State*, de 1919. Esses atos eram republicados em jornais brasileiros, como demonstra o trabalho do professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Karl Monsma⁴⁵. Lima Barreto tinha acesso a esse material, e no dia 16 de agosto publica “*Considerações Oportunas*”, no qual ele ataca sociólogos, biólogos e médicos que defendiam a inferioridade do negro como algo dado pela natureza.

Esses senhores que edificaram essas teorias de irremediável desigualdade de raças são tenazes e ferrenhos em remover todas as diferenças desta ou daquela natureza que possam separar o homem do macaco; mas, em compensação, são também tenazes e ferrenhos em acumular antagonismos entre os brancos e os negros. Às vezes mesmo, fazem enormes esforços para justificar, em teorias sociais, ódios de grupos humanos contra outros que, entretanto, têm diversa

44 Acessado em <https://eji.org/projects/community-remembrance-project/>

45 Linchamentos Raciais no Pós-Abolição: Uma Análise de Alguns Casos Excepcionais do Oeste Paulista. Acessado em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos.6/karlmonsma.pdf>

origem. Nos Estados Unidos, esse ódio coletivo achou a sua aplicação no negro; como na Turquia, no armênio; como em certas partes da Rússia, no judeu.⁴⁶

Esse, ao que tudo indica, foi o único texto no qual Lima abordou o tema do racismo científico, especificamente, nesse período. Mas, por que, afinal, num momento como esse, o romancista escreveu apenas um artigo sobre o tema? É importante frisar que até a década de 1930 não existiam livros que abordassem a temática do negro em diáspora que não os colocassem no lugar do exótico ou da submissão.

De acordo com Fábio Nogueira de Oliveira⁴⁷, os primeiros círculos intelectuais-políticos começaram na França, na década de 1930, através da reunião de Leopold Senghor (1906-2001), Aimé Césaire (1913-2008) e Leon Damas (1912 -1978), com a fundação da revista *Étudiant Noir*, na esteira das lutas de independências africanas. O Decreto 847, de 1890, proibia a prática da capoeira, sob pena de prisão. O candomblé também era duramente reprimido. Ou seja, aqui no Brasil, nesse período, as lutas negras se concentravam em torno de agrupamentos culturais. Não eram ainda aparelhos privados de hegemonia. O primeiro grande movimento ideológico do pós-abolição foi a criação da Frente Negra Brasileira (1932-1938), em São Paulo. Um racha interno dá origem a Frente Negra Socialista, que é fechada enquanto partido político, em 1937, durante o governo Vargas. É a partir desse momento, por exemplo, que a luta quilombola começa a ser interpretada como luta política, de caráter classista. Lima Barreto não teve contato com esse revisionismo e falta de uma perspectiva afrocentrada fica evidente nas linhas escritas por ele. Mesmo assim, ele não assimilou a máscara branca sob a sua pele preta. A casa que morava com seu pai, que estava doente, e seus irmãos, Carlindo e Evangelina, era chamada carinhosamente de Vila Quilombo.

No mês de setembro, volta à série satírica com “*A arte na Bruzundanga*”, ironizando a poesia, a crítica literária e as demais artes em sua relação com a sociedade. Em dezembro, o jornalista retorna à internação psiquiátrica. Fora liberado em fevereiro de 1920.

46 ABC 19 de agosto de 1919

47 OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura: Trajetória intelectual, Práxis e Resistência Negra*. Salvador: EDUNEB, 2016. p. 21 - 30

Ainda em 1919, Lima publica, “*A minha Alemanha*”, em 20 de setembro de 1919, sobre a derrota do citado país e possibilidade de paz e união entre os homens. “Alemães, negros, caboclos, italianos, portugueses, gregos e vagabundo, nós somos homens e nos devemos entender na vasta e ampla terra Brasil. Não sou nacionalista”. No mesmo mês, retorna a colaborar na revista humorística *Careta*.

Em outubro, “*A tal história da aniagem*”, aborda a diminuição dos impostos sobre as embalagens de juta importadas, que serviam para empacotar café. A polêmica girava em torno das figuras do empresário industrial Jorge Street e do deputado federal e fazendeiro Veiga Miranda. O primeiro defendia a diminuição da carga tributária. O segundo, os interesses dos ruralistas. Nessas linhas, Lima se declara “inimigo irreconciliável do capitalismo”.

Em “*Variações sobre um artigo*”, de 25 do mês corrente, nota-se algo importante na prática jornalística de Lima Barreto. Desde a juventude, o escritor realizava recortes de jornais e revista e, a partir de alguns materiais recolhidos tecia comentários, ávido das leituras da imprensa diária. Esse hábito nunca foi abandonado. E estas linhas provam isso, o texto surge de uma análise do que foi publicado nas páginas do recente *O Jornal*, “*Prevenções para o futuro*”. No artigo do dia 12, o articulista escreve sobre a preocupação do país com a concorrência de produtos de vizinhos da América Latina. O Chile começaria a produzir açúcar a partir da beterraba, na América Central crescia o cultivo de café e a Argentina voltava as atenções para produção de ervas. Implicava Barreto com o tom alarmante do artigo, pois, argumentou “Se a coisa ou o produto dá dinheiro, é muito justo que os outros procurem produzi-lo também, para ganhar pecúnia.”

No fechar de 1919, Lima Barreto é conduzido mais uma vez, num carro da polícia, para a internação. Estava andando a esmo nas ruas do subúrbio em mais uma crise psicológica na noite de Natal. Carlindo, irmão do escritor, deu esse relato anos depois a Francisco de Assis Barbosa. O uso abusivo de Parati, levava a delírios alcoólicos, afirmou o alienista que o examinara. O psicanalista preto Juliano Moreira dirigia o hospital e tendo conhecimento do escritor ofereceu um quarto para que ele pudesse escrever tranquilamente. Dessa última passagem, surgem dois projetos: *Diário de Hospício e Cemitério dos Vivos*, romance incompleto, publicado apenas em 1953, pela editora Mérito. Estava num momento mais pessimista de si. Preferia a morte do que retornar mais

uma vez ao manicômio. O ser sisudo apresentava dessa vez, sem minimizar a questão do álcool, a falta de afeto como causa de seu vício⁴⁸.

Essa questão do álcool, que me atinge, pois bebi muito e, como toda a gente, tenho que atribuir as minhas crises de loucura a êle, embora sabendo bem que êle não é o factor principal, acode-me refletir por que razão os médicos não encontram no amor, desde o mais baixo, mais carnal, até a sua forma mais elevada, desdobrando-se num verdadeiro misticismo, numa divinização do objeto amado; por que – pergunto eu – não é factor de loucura também? ⁴⁹

Ao sair do hospital, dia 02 de fevereiro de 1920, dedicou-se ao romance *Cemitério dos Vivos*. Desse projeto publica o primeiro capítulo, “*As origens*”, em janeiro de 1921, na carioca *Revista Souza Cruz* e começou a enviar textos para os periódicos *Boa Noite* e *A Folha*, além do *A.B.C.* e da *Careta*. Em dezembro, sai o livro *Histórias e sonhos*, reunindo diversos contos que não foram publicados na imprensa. Livro com diversos problemas de edição, por conta do conturbado período. No prefácio, ele os justificou na publicação simples: “Dessa forma, a modesta obra saiu impressa cheia de ‘gatos’, alguns insignificantes, capazes de serem imediatamente corrigidos pelo leitor de boa-fé”. Entregou em seguida ao mesmo editor, Gianlorenzo Schettino, os textos originais publicados na imprensa para o livro de crônicas *Marginália*. Seu romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* obteve uma menção honrosa por parte da ABL.

Dando continuidade à contribuição no semanário, “*Após a guerra*”, fala da tristeza do autor sobre a maldade da espécie humana que deixou populações inteiras do pós-guerras na miséria. E mais uma vez, critica o patriotismo, sobretudo o alemão, como sendo a fonte de disputas descabidas e o espírito bélico das nações. Para ele, a inteligência humana deveria ser dotada para o bem, mas acabou se transformando em engenhos mortíferos. Ou seja, sobre as relações internacionais, o cenário sombrio daquele tempo deveria inspirar novas ideias políticas. Com o mesmo teor crítico ao nacionalismo, escreveu no dia 17 “*Extravagâncias oficiais*”, onde fala dessa questão no Brasil, já que a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro estava organizando as comemorações da Independência brasileira. Além disso, fez uma crítica ao professor da Politécnica

48 BARRETO, Lima. *Diário de Hospício*. São Paulo: Brasiliense, 1956g.

49 BARRETO, Lima *Cemitério dos Vivos* V. XV. São Paulo: Brasiliense, 1956c, p. 54

Everardo Backeuser que pretendia cobrar que seus alunos fizessem exercícios práticos de Mineralogia e Geologia na Argentina e no Chile.

É uma dolorosa verdade dizer que esse nosso ensino superior, que fornece títulos e razões para os seus portadores exercerem, sem concorrência nem justificação, os principais cargos no Estado, esteja se tomando ares de um estelionato para só reconhecer com idoneidade para tais cargos moços ricos, que possam arcar com as suas despesas.⁵⁰

A incapacidade dos dirigentes da República em conduzir a população “na direção de um relativo bem-estar” e a injustiça dirigida aos pobres, com enormes encargos de impostos, foi o mote da crônica: “*A nossa situação*”. Um verdadeiro panfleto contra a corrupção política da então capital brasileira. Onde mais uma vez Lima Barreto retomou a ideia sobre o enriquecimento de poucos e o empobrecimento de “quase todos”. É como se a pobreza fosse um sistema de controle social à brasileira, que os ricos se aproveitavam para corromper e ganharem sempre mais. As queixas do povo, o alto preço da carne e do peixe e fome de parcela dos moradores do Rio, o superfaturamento das obras públicas para enriquecimento ilícito estão expostos nesse texto: “*O Brasil é de desanimar*” (BARRETO, 1956a, p.193).

O feminicídio é uma das mais cruéis expressões do patriarcado. Estima-se, segundo a ONU Mulheres, em estudo de 2016, que o Brasil possua uma taxa de 4,8 homicídios a cada 100 mil mulheres, a quinta maior do mundo, num grupo de 83 países⁵¹. Lima Barreto, homem de seu tempo, estava atento às movimentações da sociedade brasileira. Notícias sobre uxoricídio eram corriqueiras, e quase todas defendiam a honra do companheiro “injustiçado”. O argumento de “defesa da honra” era usado desde a República Velha para justificar tais crimes.

Na crônica publicada na *A.B.C.*, “*Mais uma vez*”, em 1920, o escritor condenou a prática de assassinatos de mulheres. Nestas linhas, do crime que aconteceu na Rua da

50 Lima Barreto *apud* in *Toda Crônica: Lima Barreto* apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença Rio de Janeiro. Agir, 2004, p. 101 -103

51 http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf

Lapa, tocou na hipocrisia da sociedade que não só condenava as mulheres consideradas adúlteras, como apoiava o “matador”, na falta de compaixão entre as mulheres e sobre o silêncio do movimento feminista na época, em relação à série de crimes movidos por paixão, que ocorriam de “alto a baixo” nas camadas sociais. Não era a primeira e nem foi a última vez que Lima falou sobre o tema em periódicos. Em, pelo menos, mais cinco ocasiões ele retratou como crônicas, distribuídas em diversos jornais, a prática machista: “*Não as matem*”, de 1915, no *Correio da Noite*; “*Lavar a honra, matando?*” e “*Os matadores de mulheres*”, ambas para o jornal *Lanterna*, em 1918; “*Os uxoricidas e a sociedade brasileira*”, na *Revista Contemporânea*, 1919; e “*Coisas Jurídicas*”, na revista *Careta*, em 1921. Sobre a criminalização do aborto escreve “*A Lei*”, no *Correio da Noite*, em 1915⁵².

Ao analisar a mulher na obra de Lima Barreto, Eliane Vasconcellos afirma que o escritor percebeu, pelo apuro crítico, que os julgamentos dos uxoricidas não tinham a ver com os crimes praticados. Era a conduta sexual das mulheres o objeto em questão. Ou seja, de vítima, elas passavam a ré. “Defendendo a mulher, Lima Barreto condena a sociedade burguesa por estimular tal conduta masculina e por ridicularizar o marido traído, que, temendo ‘os cochichos’, prefere matar ‘suas mulheres infiéis’.”⁵³ Mas o próprio autor confessa ter sido júri de um crime passional e na ocasião, cedendo a pressões da mãe do uxoricida, acabou absolvendo-o: “Eu me arrependo profundamente” (BARRETO, 1956a, p.131)

Em constante rusga com o movimento feminista de seu tempo, Lima Barreto também não poupava de sua ácida pena as figuras aristocráticas que comandavam esses círculos. Vasconcellos detalha as principais características do levante feminino que nada favorecia as operárias. “Apesar das feministas defenderem os interesses das trabalhadoras, não houve um entrosamento entre elas.” (VASCONCELLOS, 1999, p. 327). Era tamanha a ojeriza da “política do oportunismo”, que o escritor fez uma caricatura de uma das figuras mais proeminentes da elite carioca, Leolinda Daltro, líder do Partido Republicano Feminino, no romance *Numa e Ninfa*, como Dona Florinda

52 Toda Crônica: Lima Barreto volumes I e II

53 VASCONCELLOS, Eliana. *Entre a agulha e a caneta: A mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999. p. 286

Seixas. Lima Barreto, porém, não era contra a emancipação da mulher, “O que recrimina enfim é o feminismo burocrata dirigido às elites.” (*Ibidem*, p.333)

Em fevereiro, encontram-se nas páginas da *A.B.C.*, a crônica, “*Habeas corpus curioso*”, um imbróglio, envolvendo um pedido de casamento que acabou nos tribunais da justiça de São Paulo. Um pai pede a anulação do casamento da filha. A justiça então revoga o enlace nupcial e manda a jovem para um convento e o genro para cadeia. Arrependido com a sorte da filha, o pai entra com um pedido voltando atrás na decisão, mas o Tribunal Superior de São Paulo mantém a sentença. Lima explicou o caso para demonstrar que as leis só serviam para complicar a vida e “esmagar os fracos”.

Mais uma vez retoma sua atenção para a questão da luta de classes. O *Rio-Jornal* veiculou uma entrevista com Sousa Leite, no qual ele falava sobre a situação do proletariado na Europa, afirmando que a retirada do ensino religioso da grade curricular acabou dando espaço para certa aspiração de igualdade entre os pobres. Lima Barreto considerou o argumento um disparate e escreveu “*Simples reparo*”, colocando na ganância dos ricos a fonte da miséria humana. “Tudo encareceu devido à ganância dos ricos, sem que os salários e ordenados subissem proporcionalmente. Isto que é verdade, aqui, na Europa, na Conchinchina, em toda parte.” O luxo dos ricos era uma ostentação ofensiva à miséria geral, com o empobrecimento de quase toda a população.

E é assim, tecendo seus textos, retornando a assuntos já abordados, que Lima Barreto vai dando nitidez ao mosaico da sociedade brasileira, através de sua atividade jornalística. E por essa linha seguiu com sua contribuição à imprensa. Em “*Duas relíquias*”, do mês de fevereiro, ironiza a helenizante Academia Brasileira de Letras. “*Limites e protocolo*”, sendo que no último o escritor chega a definir suas análises literárias de “crônicas literárias”.

Nesse momento, de acordo com Beatriz Resende, apesar de ter certo estereótipo de “escritor maldito”, pelos constantes embates com a gente graúda, Lima Barreto também era conhecido por ser “detentor de um estilo pessoal, único, facilmente reconhecível, mesmo quando apresentado sob pseudônimos.” Com sólidas relações na imprensa alternativa carioca, essa característica, de uma escrita mais coloquial, que despertava cada vez mais a admiração dos jovens escritores paulistas que buscavam romper com o padrão literário vigente. A troca epistolar com Monteiro Lobato já estava consolidada. E após a recusa de colaborar na *Revista Brasil*, os jovens liderados por Mário

de Andrade, através de Sérgio Buarque de Holanda, realizam contato com o jornalista carioca, deixando uma edição da revista *Klaxon* para o escritor de Todos os Santos (BARRETO, 2004, p. 20-22)⁵⁴. Foi por esse entusiasmo que o autor de *Ideias de Jeca Tatu* (1918) foi ao Rio, em 1921, para conhecer pessoalmente Lima Barreto. Ao avistá-lo alcoolizado, num estado lastimável, numa mesa de bar, no Centro da cidade, não teve coragem de se apresentar.

Apesar da admiração crescente da intelectualidade da “Terra da Garoa”, Lima Barreto percebeu o caráter elitista branco do grupo. E responde nas páginas da *Careta*, cheio da ironia típica, da seguinte forma:

Recebi, e agradeço uma revista de São Paulo que se intitula *Klaxon*. Em começo, pensei que se tratasse de uma revista de propaganda de alguma marca de automóveis americanos (...) Foi, então, que descobri que se tratava de uma revista de Arte, de Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive Judéia e a Bessarábia.⁵⁵

Em abril de 1921, Afonso Henriques de Lima Barreto é convidado por um jovem médico de São Paulo a passar uma temporada na cidade de Mirassol, no interior do estado. A intenção de Ranulfo Prata era afastar o escritor carioca do álcool. Prata não o havia convidado para ficar em sua residência apenas para uma tentativa de tratamento, mas ele próprio ambicionava a carreira literária, e tinha em Lima Barreto um exemplo. Acreditando que essa proximidade faria bem simultâneo aos dois, resolveu abrir a residência para criar e estreitar laços de amizade.

De acordo com Robert John Oakley (2011), logo após a chegada do autor de *Policarpo Quaresma* à cidade, um pequeno alvoroço se formou e o círculo de escritores locais convidaram Lima Barreto para uma conferência. Ao aproximar da data, o romancista entra em crise e acaba sendo encontrado embriagado, momentos antes da palestra. O que ninguém sabia é que apesar da ativa e permanente atividade militante jornalística e literária, Lima Barreto nunca havia realizado uma fala em público e era completamente tímido.

⁵⁴ Lima Barreto *apud* in *Toda Crônica: Lima Barreto* apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença Rio de Janeiro. Agir, 2004, p.20-22

⁵⁵“*O futurismo*”, *Careta*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 735, 22 julho de 1922. In: Beatriz Resende e Rachel Valença (Orgs.), *Lima Barreto: Toda crônica — Volume 2, 1919-1922*, op. cit., pp. 538 -9.

Entretanto, dessa história, ficou o registro do texto que seria apresentado ao público. O roteiro originalmente não tinha título, mas foi publicado no mesmo ano na revista de São Paulo *Souza Cruz*, sob o nome de “*O destino da Literatura*”. O eixo central, do que seria a apresentação oral, nos revela o questionamento do autor: “em que pode a literatura, ou a arte, para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim?” E, em seguida, a defesa de seu ponto de vista sobre a construção do amálgama de uma sociabilidade, no qual as mazelas humanas encontrassem nas letras o mediador do destino da humanidade.

Desta maneira, Lima Barreto busca defender que a literatura é um caminho para a construção de um comum humano. Cada indivíduo se identificaria com um problema e conseqüentemente enxergaria na vicissitude alheia como um espelho. E ponto a ponto, a humanidade se ligaria para um caminho de superação coletiva. Assim, afirmou em um dos trechos que enxergava na função social do escritor, uma espécie de sacerdócio:

(...) a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.⁵⁶

De volta ao Rio, após essa conturbada passagem, em julho, Lima Barreto se candidata para a vaga de João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, na ABL, mas retira a candidatura no final de setembro, antes mesmo do início do escrutínio, alegando motivos particulares. Em agosto entrega ao editor os originais de *Bagatelas*, publicado apenas em 1923.

De dezembro a janeiro do ano seguinte, se dedica ao romance *Clara dos Anjos*. História ambientada no subúrbio, de uma mulher negra, que vê no sonho de se casar com um homem branco, a oportunidade de melhorar de vida. Grávida e deixada para trás por Cassi Jones, a protagonista desabafa ao final do livro, em diálogo com a mãe: “-Nós não somos nada nesta vida.”⁵⁷ Ou seja, essa observação feita por Lima, através de Clara

56 BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura* Vol. XIII, São Paulo: Brasiliense, 1956i. p. 51

57 BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo Brasiliense, 1956b. p. 196

“transcende a individualidade das personagens e aponta para o coletivo do qual elas fazem parte: o racialmente discriminado.” (SILVA, 2011, p. 94)

Pela *A.B.C.* veicula a crônica "*D'Annunzio e Lenine*". Com o fim da Primeira Guerra, o Estado Livre de Fiume ficou num impasse com a derrota do Império Austro-Húngaro, Iugoslávia e Itália competem pelo domínio da região. O poeta italiano d'Annunzio então resolve invadir o local e proclamar a regência da Itália. Insatisfeitos com a dominação, a população local rebela-se. E Lima Barreto contestou essa atitude que ia contra os princípios de Lenin e Trotsky.

Durante alguns meses, concentra sua atenção na crítica literária, com comentários de livros e escritores, numa série que ele mesmo denominou de "*Impressões de Leitura*". Em "*Um romance de Botafogo*", de setembro, e "*Um livro desabusado*", de dezembro, analisou os tipos romanescos e trata de problemas de forma e conteúdo das obras literárias. No primeiro trata ironicamente o romance de costume "*Virgens Amorasas*", de Teo Filho. Tendo o bairro da Zona Sul e a "gente especial" como paisagem literária, Lima Barreto não poupou o jovem escritor por fazer um livro que parecia "uma crônica de jornal ultragovernista". (BARRETO, 1956i, p.226). No último citado, analisa o romance *à clef* "*Homem sem Máscara*", de Vinício da Veiga, afirmando que o autor "esqueceu que era preciso retratar o personagem, dar-lhe fisionomia própria, fotografá-lo, por assim dizer. Julgou que era bastante por um pseudônimo transparente para que os leitores nas suas criações certos e determinados cidadãos(...)" (*Ibidem*, p.198). Esse trecho é importante, pois parece que ele retoma a crítica que José Veríssimo fez em relação ao Isaías Caminha.

O ano de 1922 é menos corrido para Lima Barreto, ficando cada vez mais recluso na Vila Quilombo. Dos poucos amigos próximos, Francisco Schettino se dispunha em ajudá-lo em quase todo o contato com a vida externa. Era ele quem entregava os textos originais do escritor às revistas e aos jornais, recebia os vencimentos da *Careta*, *A.B.C* e *Gazeta de Notícias*, a pensão da aposentadoria e entregava os periódicos. Mas a vida política agitava-se com as comemorações do centenário da Independência e a corrida à presidência da República, na disputa Artur Bernardes, governador de Minas Gerais, e Nilo Peçanha. O Clube Militar tomou posição contrária ao primeiro, "acusando-o de ter escrito cartas ofensivas ao Exército.",(BARBOSA, 2012, p.351) no episódio que ficou conhecido como as "Cartas Falsas", publicadas no *Correio da Manhã* e atribuídas a Peçanha. Das eleições burguesas, Barreto afirma que tanto faz esse ou aquele, porque no

final das contas, os candidatos queriam apenas os “proventos que os altos cargos dão” e arranjar vantagens a parentes e amigos.

Esta aí, em que consiste a política do Brasil; Bernardes briga com Vertenza, soltam ambos belas palavras, pelos seus jornais e pelos seus oradores, os bobos tomam partido, levam chanfahadas da polícia, vão para o xadrez e... os chefes embarcam para Europa. Viva a política!⁵⁸

Na revista de Paulo Hasslocher contribuiu pouco. As últimas linhas escritas aparecem no mês de agosto. Retornando suas atenções ao futebol, em “*O nosso esporte*”, na qual desaprova o investimento público na modalidade, em detrimento de “Uma alimentação sadia, uma habitação higiênica” e o espaço concedido ao “esporte bretão”, dado pelos jornais, que enchiam suas páginas de “assassinatos, anúncios e *football*”. Não havia “nem rico nem pobre, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha” que não estivesse rendido aos encantos da arte de “servir-se com os pés.”⁵⁹

De acordo com o biógrafo do escritor, a implicância com o entretenimento mais popular do país tinha lá suas razões. A atividade ainda era aristocrática e, conseqüentemente, um tanto, eugênica. Em 1921, seria realizada uma partida entre Brasil e Argentina, na capital dos vizinhos. O então presidente, Epitácio Pessoa, interveio na escalação do time, ponderando “que não fossem incluídos nem pretos nem mulatos na delegação.” (BARBOSA, 2012, p.298).

Doía na pele do negro intelectual as expressões do genocídio epistemológico dos afrodescendentes durante a Velha República. Partiu mais uma vez para o *front*, dessa vez com uma crítica literária, para refletir sobre o descrédito do livro do simbolista Nestor Vitor, “*Elogio do Amigo*”, que retratava a amizade do paranaense com o Dante Negro, Cruz e Sousa. A encrenca começou quando seu colega de *A.B.C* Orestes Barbosa publicou um texto atacando o simbolista. Lima, que era amigo de Nestor, e ao que pareceu, não perdeu tempo e creditou a ofensa realizada, ao fato de a obra ser um elogio a um escritor negro. Assim, fez um artigo homônimo ao título do livro, em agosto, último mês de colaboração no semanal, defendendo que Cruz e Souza foi um “pobre preto que teve

58 O texto foi publicado apenas no dia 05 de janeiro de 1924, na revista *Careta*, ou seja, após a morte do autor. A crônica também se encontra reunida no volume VIII da Obra Completa, *Coisas do Reino de Jambon*, p. 118

59 BARRETO, Lima. Apud in: *Toda Crônica* Volume II. Apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 551

audácia de fazer versos, e foi excomungado por ser preto e fazer versos, como se neste país todos nós não fôssemos mais ou menos pretos e todos nós não fizéssemos versos.”⁶⁰ O clima estranho entre os colegas de redação permaneceu, mas a essa altura, Lima Barreto estava mais abatido e não teve fôlego para continuar na disputa e demonstra essa posição em duas cartas. A primeira, em setembro, endereçada a Lucilo Varejão ao comentar sobre dois romances que havia recebido para escrever críticas literárias: “estou disposto a retirar-me aos poucos da imprensa, quer diária, quer periódica. Dá muito trabalho, provoca aborrecimentos e nenhum proveito se tira. Por isso não escreverei mais os artigos.”⁶¹ A outra, do mesmo mês, ao alagoano Olívio Bezerra, que acabara de tirar do prelo o romance *Os Irmãos Marçal*:

Tinha intenção de escrever um pequeno artigo sobre a sua obra, em algum jornal ou revista daqui, mas devido à minha resolução de abandonar a imprensa de qualquer período, não o faço. A imprensa esgota, não dá remuneração que valha a pena, e desperta invejosos de maus bofes. Escreverei, de agora em diante, na *Careta*, que é imprópria para dar certas notícias que valham a pena! (*Ibidem*, p.267).

Pode ser que esse incidente tenha favorecido o desligamento da revista poucos meses antes de seu falecimento. Mesmo assim, com o pouco vigor que tinha, entregou ao editor Schettino os textos originais de *Feiras e Mafuás*, mais uma coletânea de crônicas. Porém, as páginas só vieram a público em 1953.

Faleceu, na Vila Quilombo, à Rua Major Mascarenhas, 26, em primeiro de novembro, às 17h. Dois dias depois, João Henrique, pai do jornalista, também falece.

Na *A.B.C.*, Lima Barreto era estimado pela sua categórica contundência, seu radicalismo, suas polêmicas. De acordo com Henrique Silva Corrêa, Lima pareceu ter percebido na folha uma possibilidade de tratar suas ideias políticas e literárias para um público leitor mais amplo, diferente dos leitores da imprensa libertária e das revistas ilustradas e humorísticas da época. Além de ter sido um auxílio ao parco vencimento da aposentadoria.

2.3 A *Careta*

60 “Elogio do Amigo”, *A.B.C.*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 387, 5 de agosto de 1922

61 BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Correspondência* – tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1956e. p. 229

De acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, a revista ilustrada semanal foi fundada pelo jornalista e empresário Jorge Schmidt, no Rio de Janeiro, em 6 de junho de 1908, e extinta em novembro de 1960. Uma parcela do grupo que conduziu essa nova publicação, fez parte da redação da *Fon-Fon*. A redação situava-se na Rua da Assembleia, 62, no Centro. Além de Schmidt como proprietário-editor, o periódico tinha J. Carlos como diretor e ilustrador. Em 1921, J. Carlos deixou a revista para assumir a direção das publicações de *O Malho* - que também contou com colaboração de Lima Barreto - retornando em 1935 à *Careta*. O semanário também teve papel importante na consolidação das ilustrações e contou com outros artistas gráficos conhecidos na época, como Belmonte, Malagute, Raul Pederneiras e Theo⁶².

Como era de costume, a primeira edição da revista anunciava seu caráter satírico e humorístico, como o próprio nome sugeria, “Quem vê caretas, não vê corações”. No editorial de estreia, o “Artigo de Fundo”, evidenciava a intenção de atingir “o Público, o grande e respeitável Público com P. grande.” A capa continha uma caricatura do presidente Afonso Pena, com uma expressão emburrada⁶³.

A revista chegava aos leitores no sábado e contava com boa qualidade gráfica, tinha capa colorida e variava de 30 a 40 páginas por edição, com formato médio de 30cm de comprimento por 20cm de largura. Ao analisar o perfil da edição, o CPDOC afirma que as seções passavam pela “crônica, poesia, opinião, notícia, piada, concurso, crítica e sátira política e de costumes e coluna social”. Ao conjugar de forma ágil, texto e imagem, *Careta* foi um importante suporte das expressões da modernidade artística, da *belle époque*, e intelectual cariocas, nas primeiras décadas do século XX. Mas, diferentemente da revista mensal *Kosmos* (1904 a 1909), uma revista de luxo, de propriedade de Jorge Schmidt –, mantinha uma postura mais independente na prática jornalística.

De acordo com Sheila do Nascimento Garcia, o periódico foi um empreendimento após o fracasso de experiências anteriores, a *Kosmos* e *Fon-Fon*. A primeira possuía um

62 Fundação Getúlio Vargas. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARETA.pdf>

63

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1908/careta_1908.htm

custo de investimento alto para o empresário da imprensa. A opção por uma publicação mais simples e popular foi a aposta que acabou dando certo⁶⁴.

Segundo o CPDOC, de início, a *Careta* contou com a colaboração de alguns renomados literatos da época, identificados com a escola Parnasiana “o culto pela forma”, como define Alfredo Bosi. Exemplo destes que participaram da *Careta* foram “Olavo Bilac, Martins Fontes, Olegário Mariano, Aníbal Teófilo, Alberto de Oliveira, Emílio de Meneses, Bastos Tigre e Luís Edmundo”. A revista teve grande alcance de público no Rio e chegou até a Argentina, a partir de 1921.

Lima Barreto teve duas passagens na *Careta*: de março de 1915 a junho de 1916; e setembro de 1919 a 1922. Neste espaço, a inserção do autor de *Isaias Caminha* era mais profissionalizada, ocupava a função de redator efetivo, com vencimento mensal fixo, de 50 mil réis, o que de acordo com Beatriz Resende não era de todo inexpressivo.

Ainda de acordo com Resende, na primeira fase, numa revista de maior vitrine, o cronista teve a oportunidade de acompanhar os principais acontecimentos dos jogos políticos da então capital, como as eleições municipais. Porém, foi o trajeto entre Todos os Santos e o Centro, e sua moderna Avenida Central, com observações dos diálogos corriqueiros, com o olhar atento ao movimento humano, das figuras simples à sua volta, foi o que mais chamou atenção do escritor e inundou os principais temas de seus escritos. De uma conversa com um senhor aparentando ser um “espertalhão de marca”, de fala coloquial, que o havia interpelado para saber como se chegava ao morro da Graça, Lima fez “*Um candidato*” (RESENDE, 2004, p. 184).

Ao pesquisar a trajetória satírica do jornalista, Felipe Botelho Corrêa afirma que existe substancial diferença entre o estilo dos textos publicados nos dois períodos. No primeiro momento as crônicas e contos são escritas em terceira pessoa. Após a aposentadoria o “eu” estava mais presente. Além disso, o uso de pseudônimo era frequente. A isso, o estudioso atribui o fato de Jorge Schmidt ter sido preso durante o

64 GARCIA, Sheila do Nascimento. Revista *Careta*: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-1945). 2005. 239 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93407>

estado de sítio, em 1914, decretado pelo então presidente Hermes da Fonseca e essa seria uma estratégia para defender seus colaboradores.

De modo geral, o perfil dos escritos de Lima Barreto não se diferenciava em sua prática, mesmo quando escrevia sob pseudônimos. Não era, por assim dizer, “as pessoas do Pessoa.” Porém, percebe-se nuances, além da que já foi apontada, quando esses textos são lidos em conjunto nos periódicos nos quais trabalhou. Se na *A.B.C* o tom da crítica política ficava mais em evidência, como por exemplo na série satírica sobre os Bruzundangas, na *Careta* sobressaía a zombaria. Era a literatura “sorriso da cidade”, de Afrânio Peixoto, versus o “riso subversivo” de Lima Barreto.

Não quero fazer revoltas; não as aconselho e não as quero; mas não devemos dar o nosso assentimento tácito a todas as extorsões que andam por aí. A troça é a maior arma de que nós podemos dispor e sempre que a pudermos empregar, é bom e útil. Nada de violências, nem barbaridades. Troça e simplesmente troça, para que tudo caía pelo ridículo.

É assim que Lima Barreto defende sua contra-hegemonia satírica: matar pelo burlesco, pois “mata sem sangue”. O texto é de setembro de 1919, “*Negócio de maximalismo*”, na qual descreve um diálogo com um amigo sobre a extinção da dívida pública. Fazendo um paralelo com Mikhail Bakhtin, ao analisar a cultura popular na Idade Média, o jornalista negro sempre se utilizava dos “ritos oficiais” sisudos da República, com a finalidade de parodiá-los, fazer troça. Contudo, aqui pode-se apontar uma inversão ao modelo proposto pelo teórico russo. Enquanto a liturgia das manifestações hegemônicas no contexto da produção da crítica de François Rebelais apontava para o passado, na intenção de consagrar o presente, na República brasileira, essas demonstrações fitavam o progresso, numa pretensa ruptura com o velho. No entanto, Lima Barreto enxergava o vazio das propostas e posturas dos homens da política e olhava para as mazelas do seu tempo, buscando com a sátira “uma segunda via que lhe permitia

estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com seus semelhantes.” Ou seja, queria tornar o riso em “patrimônio do povo.”⁶⁵

2.4 A imprensa libertária

As lutas operárias no Brasil, no início do século XX, tiveram forte caráter anarquista e foram responsáveis pelo início da organização e luta da classe trabalhadora nacional, em torno das pautas de melhoria das condições de vida. O incentivo à migração de trabalhadores europeus, na maioria italianos, mas também espanhóis e portugueses, foi responsável pela expansão e consolidação da mão de obra industrial.

Além disso, esse estímulo fazia parte da estratégia das políticas eugênicas, que buscavam embranquecer a população. O genocídio sistêmico, que tinha em seu ideário a completa extinção dos afrodescendentes e indígenas em 100 anos, como previa João Batista de Lacerda, após participar do Congresso Universal das Raças, de Londres, em 1911, completava o cenário.

De acordo com Joel Rufino dos Santos⁶⁶, de 1870 a 1930, três milhões de imigrantes chegaram ao Brasil com a nítida intenção de associar o preto a “mau trabalhador”, pois o negro não poderia ser alçado ao lugar de “trabalhadores livres”.

Sobre essa política de Estado, Lima Barreto ironiza o investimento público, tocado pelo Ministro das Relações Exteriores, Rio Branco (1902 a 1912), que buscava fazer o país se transformar em um novo Eldorado. “É assim o governo: seduz, corrompe e depois... semicadeia.” Além de escancarar o caráter racista da medida, afirmando que o Rio de Janeiro que havia trazido à força do tráfico negreiro, durante séculos, “milhões de pretos, não deve ter pretos.” E usa de maneira sarcástica o slogan da reforma urbana carioca “O Rio civiliza-se!”⁶⁷

65 BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2013. 8ª ed. p 9 a 14

66 SANTOS, Joel Rufino. *Saber do negro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015, p., 161

67 Crônica *A volta*, publicada no jornal “Correio da Noite”, de 26 de janeiro de 1915, reunido em Lima Barreto: toda crônica v.1, p. 166

No livro “*Comunicação dos Trabalhadores e Hegemonia*” (2014), o pesquisador Vito Giannotti destaca que na esteira do processo migratório começou a se organizar a imprensa anarquista. De 1875 a 1930, circulou no Brasil aproximadamente 500 jornais operários, inspirados na corrente progressista. A primeira experiência mais significativa foi o diário *Avanti!*, de 1901, em São Paulo, e tinha como diretor de redação, o imigrante italiano Alcebiades Bertolotti. O jornal rodou sem interrupção até 1909, sendo relançado em 1914, com periodicidade semanal. Sofreu, entre 1916 e 1918, diversas quebras, em decorrência da censura e do estado de sítio, decretado pelo Governo Federal. Mas teve papel importante na greve paulista de 1917.

Ainda de acordo com Giannotti, a comunicação era uma estratégia central para se construir a possibilidade de uma revolução. Para isso, os periódicos possuíam objetivos específicos, pautados a partir de dois eixos: informar e formar a classe trabalhadora para ações revolucionárias. E os jornais operários concentraram suas ações panfletárias a partir desses dois blocos temáticos. Com o primeiro, buscava-se diretamente os assuntos relacionados a reivindicações do dia a dia: “salários, condições de vida e de trabalho, redução da jornada e conquista de direitos que começavam a ser reconhecidos” (*Ibidem*, p. 82). E do outro, conteúdos teóricos e políticos dos pilares anárquicos, e seu programa antissistema capitalista.

Sobre esse período, Nelson Werneck Sodré destaca que após o I Congresso do Partido Socialista Brasileiro, em 1902, surge o jornal *O Amigo do Povo*, dirigido pelo português Neno Vasco, em São Paulo. Em agosto, na capital, era fundado o Partido Socialista Coletivista, iniciativa do jornalista Gustavo de Lacerda, que mais tarde seria responsável pela fundação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). No entanto, não foi apenas a chegada de imigrantes que explica a tomada crítica dos trabalhadores. A lenta e tardia industrialização do Brasil é o que propicia pela primeira vez a aglomeração de assalariados. E era de se esperar, cedo ou tarde, que a ascensão da burguesia brasileira trouxesse consigo o germe da luta entre estes e a classe subalterna.

Ainda de acordo com Werneck Sodré, essa movimentação toda não passou despercebida por parte do poder republicano e, em setembro de 1903, foi criada a primeira lei para expulsar estrangeiros que ameaçassem “a segurança nacional ou a tranquilidade

pública⁶⁸.”, e para que a medida fosse colocada em prática, não era necessária a comprovação de tais fatos, apenas o relato policial servia como prova. A perseguição a membros da imprensa libertária e o conseqüente fechamento das redações também se tornaram frequentes. A polícia chegou a invadir a redação do *Avanti* e de *La Bataglia* e apreendeu as edições que estavam na composição gráfica. “A vida sempre curtíssima, de jornais desse tipo, não era fácil(...)” (*Ibidem*,p.312). Ou seja, estavam sempre às voltas das perseguições, censuras e forte repressão policial. A maior parte deles não chegava a um ano consecutivo de publicação.

Antes de ter contato efetivo com esses periódicos, Lima Barreto dividia a repartição pública, desde 1903, com o militante anarquista Domingos Antônio Ribeiro Filho, homem das letras e do jornalismo, e que fez parte do grupo que fundou a efêmera *Floreal*. Lilia Schwarcz aponta essa como sendo a gênese das inspirações libertárias do cronista. Porém, mesmo com essa aproximação, o jornalista de Todos os Santos demonstrava uma postura de total independência em relação à participação política organizada na sociedade civil, e nunca foi um militante efetivamente orgânico de sequer um movimento, sindicato ou partido. Deste círculo de contato, outro personagem importante era o jornalista e crítico literário, José Oiticica. Figura proeminente dos círculos anarquistas, foi professor do Colégio Pedro II, a partir de 1917 e participou da insurreição anarquista de 1918, no Rio, e foi “considerado o principal articulador e líder político da tentativa frustrada de tomada de assalto do Palácio do Catete, em novembro daquele ano⁶⁹.”

Os trabalhadores começaram a se organizar em torno dessas novas ideias; com isso, o clima se tornava cada mais tenso. Em 1906, aconteceu o I Congresso Operário Brasileiro, no Rio de Janeiro, e de lá surgiu a Confederação Operária Brasileira (COB). Dois anos depois, em julho, a COB criou o jornal *A Voz do Trabalhador*⁷⁰, que teve participação ativa de amigos de Lima Barreto, como Astrogildo Pereira, Pausílipo da

68 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 4ª ed., 1999. p. 310

69 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª Ed., 2017, p. 347

70 O jornal encontra-se disponível em:
http://www.mundosdotrabalho.com.br/p/jornais_17.html

Fonseca, Domingos Ribeiro Filho e João Crispim. A tiragem não era inexpressiva e chegou a ter 4 mil exemplares. No periódico, Lima escreveria apenas em 1913.

São Paulo se destacava por ser o maior parque industrial do país, e em 1912, afirma Schwarcz, do total de trabalhadores do setor, a cidade contabilizava 60% da mão de obra de imigrantes italianos. Os primeiros anos do século XX também ficaram marcados pelo aumento de greves. Estima-se que entre 1900 e 1920 foram organizadas mais de 400 paralisações nos grandes centros industriais. Trabalhadores das pedreiras do Rio de Janeiro cruzaram os braços, em 1901, pela redução de carga horária. No mesmo ano, em São Paulo, houve mobilizações de sapateiros, tecelões e vidraceiros. Em 1902, na capital federal, foi a vez dos funcionários de uma fábrica de sapatos interromperem as atividades por melhores condições.

No ano seguinte, a primeira greve multiprofissional aconteceu e reuniu gráficos, chapeleiros, pintores paulistas etc. Também em São Paulo, mais precisamente em Santos, em 1904, greve puxada pelos funcionários da Companhia das Docas suspenderam as atividades e tiveram apoio dos gráficos da capital paulista e dos marítimos do Rio. A primeira greve geral em defesa da jornada para oito horas diárias, aconteceu em 1907, no maior parque industrial do país, “A agitação tomou conta das indústrias de alimentação, da metalurgia, e alcançou sapateiros e gráficos, chegando a atingir 20 mil operários.” (SCHWARCZ, 2017, p. 350). Os primeiros passos que desembocaram em sindicatos, partidos políticos e outras entidades de classe seguiram nesse clima de “O Leão e o coelho Saltião”⁷¹, a astúcia estratégica contra a “fome” dos poderosos.

Isaias Caminha, ou melhor, Lima Barreto analisou as raízes da luta operária no Brasil, no artigo “Palavras de uma *snob* anarquista”, em 15 de maio de 1913, no panfleto da COB. A máscara ainda era necessária, mesmo que não escondesse totalmente seu rosto, por nessa altura ainda ser funcionário de um órgão público militar. Partindo do hábito de construir textos baseados nas publicações das grandes gazetas, o escritor analisa a repercussão midiática sobre o 1º de Maio daquele ano.

Os jornais defenderam que a existência de anarquistas na Europa era compreensível pelo nível de industrialização do velho continente, mas no Brasil, essa luta

71 Fábula do escritor angolano Ndalu de Almeida, conhecido como Ondjaki, com base num relato tradicional do povo Luvale (região leste de Angola).

parecia uma anomalia. A tese defendida por Lima contra o “jornalista conservador” foi a de que a sociedade brasileira, através de suas instituições, da organização social, das ideias e outros, era fruto do domínio do agente colonizador. Contudo, ao afirmar que não existiria nenhuma “diferença de tempo” entre o desenvolvimento capitalista brasileiro e o europeu, Lima cometeu um equívoco. A linha de desenvolvimento da burguesia nacional não representou uma ruptura com as velhas instituições, foi um “reformismo pelo alto”. Mesmo assim, o apuro crítico do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* demonstra, a partir da argumentação esquematizada, que os mesmos problemas enfrentados pelo operariado europeu, como a miséria e o desemprego, encontravam-se aqui, alhures, pela avidez por lucro da classe burguesa. Ele queria mostrar que “a civilização do Brasil não é essencialmente diferente da Europa (...)”. Reclamou também no artigo, sobre a insistência dos jornais e dos jornalistas em quererem reduzir a luta da classe trabalhadora a “uma simples questão de salário”. Afirmando em seguida que “Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas (...)”⁷²

Segundo Lilia, este artigo destoava do resto da edição do jornal por ter uma pegada mais pessoal. Mas era fato que fosse jornal, revista ou romances, Lima Barreto sempre imprimia sua característica literatária combativa, “Sua ação se dava nas letras.” (SCHWARCZ, 2017, p. 363)

No ano seguinte a essa publicação, estoura a I Guerra Mundial, o que deu novo ânimo aos anarquistas no Brasil. A posição anticonflito do grupo logo aparece nas páginas. Surgiram mais duas revistas que Lima Barreto era assinante: *A Vida* e *Na Barricada*, ambas de vida efêmera.

De acordo com Werneck Sodré, em abril de 1915, os protestos ganharam novos contornos, e apareceu um documento assinado por diversas entidades da sociedade civil como a Federação Operária do Rio de Janeiro, o Sindicato dos Panificadores, a Sociedade União dos Estivadores, dentre outros, denunciando as condições precárias dos trabalhadores, o desemprego, a fome, e a miséria. Além disso, estas diversas instituições criaram a Comissão Internacional Contra a Guerra.

72 BARRETO, Lima. Apud in: *Toda crônica – Lima Barreto*. Apresentação e notas de Beatriz Resende. Org. de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 1 v., p 110 a 114

Lima Barreto demonstrou a posição contrária ao conflito nas páginas do jornal *Correio da Noite*, já em 1914, onde atacou o patriotismo e o serviço militar obrigatório num evidente conflito com Olavo Bilac, defensor ferrenho da medida. “A pátria é uma ideia religiosa e de religião que morreu, desde muito”⁷³. Se queixou ainda dos sucessivos cortes no número de funcionários públicos, usados para contenção de verba do governo: “uma verdadeira injustiça.”. (*Ibidem*, p.117). Contudo, estes foram textos mais breves, o jornalista só retorna ao tema em 1917. Pode-se apontar dois motivos principais para tal fato: o primeiro era o emprego numa repartição militar e a outra seria a neutralidade brasileira diante da disputa que foi quebrada apenas no ano citado.

O movimentado ano de 1917 começou com os desdobramentos da Primeira Guerra Mundial em solo tupiniquim, após o navio brasileiro Paraná ser bombardeado, em 04 de abril, por alemães. A investida à embarcação causou protestos públicos a favor da declaração de guerra contra o país europeu. Em decorrência disso, aconteceram diversos ataques a estabelecimentos comerciais e propriedades de imigrantes alemães, no Sul do país, em Petrópolis e na capital federal.

De acordo com Carlos Dároz⁷⁴, Rui Barbosa discursava a favor da declaração de guerra, indagando se a vida dos brasileiros possuiria menor valor. A imprensa também logo tomou partido, e passou a pressionar o governo, com publicações que cobravam um posicionamento mais firme, como foi o caso do *Correio da Manhã*. Passaram assim a colocar contra a parede o ministro das Relações Exteriores Lauro Müller, acusado de ter tal postura por ser descendente de alemães, defendendo a neutralidade do Brasil. Encurralado, mesmo depois do ataque ao navio brasileiro, Lauro pede demissão, em maio.

Para piorar a situação, - relata Dároz -, a embarcação “Tijuca” que partiu do Rio com 37.500 sacas de café fora atacada. O destino final seria a França, porém, em 20 de maio, quando cruzava as águas do canal da Mancha, um torpedo atingiu a carcaça do navio. O país ainda estava atordoado com as notícias do naufrágio do “Tijuca”, quando dois dias após esse episódio, um submarino alemão afundou o cargueiro “Lapa”. Nilo Peçanha, que entrara na vaga deixada por Lauro, publicou o Decreto nº 12.501, no dia 2

73 BARRETO, Lima. *Toda crônica – Lima Barreto*. Apresentação e notas de Beatriz Resende. Org. de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 1 v., p 125

74 DÁROZ, Carlos. *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia* (Locais do Kindle 1960-1963). Edição do Kindle.

de junho, acabando com a neutralidade do Brasil. Além disso, as embarcações germânicas, que estavam na costa brasileira, foram confiscadas. É estranho de se notar que Lima Barreto não tenha escrito uma linha sobre esse momento.

Na contramão do apoio à posição bélica do país, Werneck Sodré destacou que operários e sindicalistas se posicionaram contra a entrada do Brasil na guerra, o que ocasionou a prisão de diversos militantes. Nesse clima, a classe trabalhadora ganhava folego mais uma vez, deflagrando a greve de 1917 em São Paulo, que foi violentamente reprimida pela polícia.

Após sair de cima do muro, o presidente Wenceslau Braz autorizou a utilização dos portos brasileiros a atracagem de navios de guerra estadunidenses. Em maio de 1917, a Marinha dos EUA enviou uma equipe, comandada pelo almirante Caperton, de patrulha para o Brasil, numa demonstração de força.

O “Gigante” numa conversa com Lima Barreto admitiu nunca ter visto o desembarque de tropas militares estrangeiras nas terras da “Musa nacional”, a cidade do Rio de Janeiro, sem que fossem expulsos. “- Naqueles tempos, meu caro senhor, não havia Estados Unidos.”, ponderou, um tanto aborrecido, o carioca de “Pedra”. O texto “O que o ‘Gigante’ viu e me disse” (RESENDE, 2004, p. 273) foi publicado no breve jornal anarquista *o Debate*, que contava com a direção de Astrogildo Pereira. Foi ele o responsável pelo convite para que o romancista colaborasse no periódico, como indica Werneck Sodré.

A submissão ao país dos vizinhos do norte deixava Lima Barreto inquieto. E a permanência do grupo militar que tinha sido responsável pela invasão na República Dominicana colocava mais lenha na posição do escritor. Em um artigo, dividido em duas partes, “Coisas americanas I e II”, não poupou o governo brasileiro que cobria o militar estadunidense de pomposa subserviência.

Colocou o dedo na ferida mais uma vez para lembrar como os americanos lidavam com a questão racial no território deles, ao ponto de abordar uma notícia de 1909 do jornal francês *Petit Journal* para falar da história da filha de um juiz, que apesar do fenótipo de branca, confessou ter “traços de sangue negro”. Ela acabou sendo processada pelos tribunais do Mississippi por ter violado a lei que proibia casamentos interraciais. E o ex-presidente Nilo Peçanha, “o mulato do Morro do Côco”, foi lembrado ironicamente pelo jornalista, como um aviso sobre qual era o tratamento destinado aos pretos e

mestiços, dado pelos ianques. Aqui, Lima Barreto adiantou um debate que aconteceria anos mais tarde quando Abdias do Nascimento tentou pesquisar as origens afro do campista.⁷⁵

É preciso lembrar, para provocar o amor dos brasileiros, de todos eles, pela grande república dos dois oceanos, que a teoria *yankee* a respeito é a mais simples possível; e pode ser resumida naquela frase nossa e muito comum nos bate-bolas jornalísticos e de estalagem: quem escapou de branco, negro é. Booker Washington (citado por Finot no seu *Préjugé des Races*) refere-se de modo divertido à atitude hamléctica dos condutores de trem, em certas ocasiões, quando desconfiam das origens raciais de certos viajantes: será negro ou não? Quando se convence que é, põem o *gentleman* da primeira classe para fora, aos pontapés, aos cachações, enfim, empregam todas as usanças da galanteria *yankee*, em cujo código muito temos que aprender⁷⁶

Apesar da vida curta, o jornal vermelho pôde contar com as produções jornalísticas mais revolucionárias de Lima Barreto, que manteve a mesma característica nos escritos e rixas pessoais, como um artigo que escreveu sobre Hélio Lobo. Mas foi a partir de setembro que o anarquista de Todos os Santos realizou as mais contundentes análises sobre as questões sociais e a necessidade de uma revolução popular. A falta de bens essenciais à sobrevivência e as greves que estalavam “em vários pontos do país” seriam a fagulha próxima a colocar o país em combustão.

Para Lima Barreto, no artigo “Sobre a carestia”, os capitalistas valorizavam os produtos de “primeira necessidade” de maneira artificial para o mercado interno, enquanto vendiam os mesmos itens “pela metade do preço por que as vendem aqui.” À ganância dos poderosos industriais brasileiros, Lima aponta como a única saída: empregar a violência. “Só com a violência os oprimidos têm podido se libertar de uma minoria opressora, ávida e cínica.” Na visão dele, a máquina estava dominada de cabo a rabo pelos

75 NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Abdias do Nascimento: Grandes vultos que honraram o Senado*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014, p. 261

76 BARRETO, Lima. Apud *Toda crônica – Lima Barreto*. Apresentação e notas de Beatriz Resende. Org. de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 1 v., p. 295-298

interesses dos de cima. As leis, a religião, a moral, ou seja, tudo estava esquematizado para explorar e saquear a miséria da população.

A nossa República, com o exemplo de São Paulo, se transformou no domínio de um feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se pode lutar com armas na mão. Deles saem todas as autoridades; deles são os grandes jornais; deles saem as graças e os privilégios; e sobre a Nação eles teceram uma rede de malhas estreitas, por onde não passa senão aquilo que lhes convém, Só há um remédio: é rasgar a rede à faca, sem atender a considerações morais, religiosas, filosóficas, doutrinárias, de qualquer natureza que seja. (*Ibidem*, p. 285-287).

A República, na visão de Lima Barreto, havia acentuado a pobreza, tinha chegado ao poder uma casta de plutocratas que só visavam o lucro. Ao colocar o maior parque industrial do país no eixo de suas avaliações, demonstrou como funcionava a relação da teia de poder “político-agrícola-industrial de São Paulo”, no Brasil. Estes não pouparam nenhum esforço para além de se manterem enquanto classe dominante e exemplo “de sabedoria governamental”, comprarem a opinião pública a seu favor. Um dos artificios era colocar os migrantes italianos como “inimigos da ordem social”, para justificar a expulsão dos que não se integravam ao sistema; o outro era utilizar subsídios à imprensa e literatos do eixo Rio-São Paulo, “trataram de conseguir que o país ficasse crente de que todos esses panegíricos jornalísticos eram verdadeiros, absolutamente verdadeiros. Alcançaram-no...” (*Ibid.*, p. 288-294)

No fundo de cena destes escritos está a influência dos desdobramentos da Revolução Russa no Brasil. Os ecos da tomada do poder pela classe operária, no país do leste, europeu agitou o movimento brasileiro. Um folheto, *A Revolução Russa e a imprensa*, defendendo o levante começou a circular em 1918, com assinatura de Alex Pavel, mostrando os falsos argumentos utilizados pelos jornais comerciais. A polícia correu atrás do agitador, que supunham ser um estrangeiro. A procura foi em vão, o aparato militar não encontrou o autor por se tratar de um pseudônimo utilizado por Astrogildo Pereira.

A atitude do comunista era uma resposta a uma série de notícias que começaram a circular nas gazetas cariocas na tentativa de qualificar “o perigoso Lênin” como um agente alemão. No livro “*O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*”,

os autores trazem uma sequência de notícias traduzidas de agências internacionais que circularam à época e que demonstram essa tentativa. “A guerra não tinha trégua. Era a propaganda sistemática para desmoralizar os revolucionários russos como agentes da Alemanha.”⁷⁷ Pois, apesar das greves que eclodiram em 1917 e 1918, em São Paulo, Rio, Salvador, Recife etc., figuras como a de Rui Barbosa afirmavam que a Revolução Russa “inverteria a obra do criador.” (*Ibidem*, p.212) Era a imprensa cumprindo seu papel de aparelho de Estado.

E era o clima de subversão que animava Lima Barreto, pois percebia nesse movimento a possibilidade da população se libertar de uma minoria opressora. Com o fechamento de *O Debate*, ele continuou a contribuir em outros periódicos, levado pelo mesmo grupo de intelectuais da esquerda, como *A Lanterna* que mais tarde se transformou em *A Plebe*, de São Paulo, a partir de 1918. Nas páginas do jornal anticlerical, editado pelo maçom e militante anarquista Benjamim Mota, Afonso Henriques defendeu a literatura como uma prática política. O literato precisava descer ao chão, ser orgânico ao movimento da sociedade, e aos interesses dos oprimidos. Mas a atmosfera de constante apreensão dos colaboradores, desses jornais, segundo Schwarcz, e o conseqüente empastelamento, fez Lima se valer, principalmente, das páginas da *A.B.C.* para criar o seu mosaico revolucionário.

Lima não poderia se mostrar mais afinado com a *A.B.C.* Mas o semanário combinava com ele ainda em outros aspectos, de mais largo alcance e projeção, especialmente em sua defesa aos anarquistas amotinados, presos ou desterrados durante a insurreição carioca de 1918. A revista também compartilhava com o escritor a adoção das teses maximalistas e boa parte do radicalismo que ia se impregnando à figura dele. Se na colaboração na *Careta* Lima dava vazão a sua verve bem-humorada, na *A.B.C.* ele se dedicaria às questões políticas do momento, produzindo artigos de análise. (SCHWARCZ, op. cit., p. 364)

Os acontecimentos do Ano Vermelho se desdobravam. Em julho do ano corrente, na revista *Brás Cubas*, o escritor do subúrbio confessou ter esperança de ver em solo

77 ANDRADE, Aristélio T. de; MELO, Clovis; MONIZ, Luiz Alberto Bandeira. *O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 91

nacional o modelo russo. Era a “grande simpatia” nutrida pelo jornalista negro que tinha a finalidade de “acabar com essa chusma de tiranos burgueses.” A ponto de refletir sobre a necessidade que a Revolução se espraiasse pelo resto do mundo. “Não há quem, tendo meditado sobre esse estupendo movimento bolcheviquista, não lobrigue nele uma profunda e original feição social e um alcance de universal interesse humano e de incalculável amplitude sociológica.” A humanidade, segundo Lima Barreto, precisava deixar as medidas de conciliação com o capitalismo e partir para “medidas radicais.” (BARRETO, 1956a, p. 72)

A defesa rubra do programa máximo de reformas sociais abraçada por Lima Barreto era nas letras, e permaneceu somente nelas. Mas nem por isso deixou de usar o seu prestígio de cronista contra as arbitrariedades dos poderosos contra a imprensa anarquista e contra-hegemônica de sua época. Lembrou, utilizando a Constituição Federal de 1891, que era livre a manifestação de pensamento por parte destas mídias e mesmo assim jornais como *Spartacus* e a *Plebe* foram fechados pelo governo. “O caso da A Folha”, jornal dirigido por Medeiros e Albuquerque, relata a truculência policial ao apreender das mãos dos vendedores que estavam na Avenida Central (atual Rio Branco) os folhetos por conter artigos contrários a venda dos navios alemães, tomados durante a guerra, aos Estados Unidos. “O que se deve indagar primeiro é se todo o ataque a um jornal ou à sua liberdade de circulação não é uma ameaça a outros.” (BARRETO, 1956h, p. 253).

O mesmo ponto foi defendido, em 1922, nas páginas da *Careta*. Dessa vez, Lima protestou “contra a censura policial feita à revista de Humberto de Campos, em nome da liberdade de pensamento e tendo em vista a incompetência literária da polícia para fazer censura de escritos (...)”. Segundo Aline Haluch (2016), *A Maça*, revista ilustrada de conteúdo considerado imoral para época, falava sem reboliços sobre mulheres, as “melindrosas”, termo utilizado na época; das prostitutas, mas de forma positiva. Esse motivo levou a polícia a rondar a redação da provocadora edição.

Capítulo 3 - O jornalismo de Lima Barreto: um projeto político

Apesar de o período compreendido entre 1915 e 1922 ser o mais profícuo na produção de Afonso Henriques de Lima Barreto, a colaboração na imprensa, lida em ordem cronológica e pulverizada nos diversos veículos, não dá, a priori, a sustentação

necessária na busca da compreensão do que representa a campanha jornalística dentro do projeto do articulista. E ao que tudo indica é a própria preocupação do cronista que sustenta essa hipótese. Segundo o biógrafo do autor de Policarpo Quaresma, a partir de 1917, Lima começou a reunir seus artigos, crônicas e contos nos seguintes volumes: *Histórias e Sonhos*, *Marginália*, *Feiras e Mafuás*, *Bagatelas* e o já citado *A República dos Bruzundangas*. Em vida, viu apenas *Histórias e Sonhos*, publicado em 1920, e chegou a revisar as primeiras provas de *Feiras e Mafuás*.

Na “Limana”, biblioteca pessoal do romancista, estavam dispostos os projetos que buscava realizar. “Originais publicados”, “Originais a aproveitar”, “Papeis vários”, “Originais a organizar”, estava tudo pré-organizado. Além disso, nos cadernos, com as etiquetas “Retalhos de jornal”.

Em meio aos mais de 600 volumes da coleção pessoal, os autores que mais citava tinham destaque: Rousseau, Spencer, Taine, Guyau, Brunetière; socialistas e anarquistas como Kropótkine e Malato. Da literatura, constavam Balzac, Dostoiévski, Tolstói etc. Dentro desse ecletismo teórico, Lima Barreto articulava suas ideias sócio-literárias.

De acordo com Beatriz Resende, o jornalismo barreteano é a possibilidade de uma leitura dos fatos políticos e literários da produção à margem do estabelecido no século XIX, no Rio de Janeiro. Atento e leitor voraz de revistas, periódicos e romances fora do eixo Rio-São Paulo, Lima nos permite realizar uma leitura do não hegemônico. Era frequente que seus textos surgissem como comentários e análises das publicações dos grandes jornais. Por esse motivo, o próprio escritor denominou sua prática como “marginália”, que mais tarde se tornou uma reunião de crônicas e artigos, como uma atividade de quem estava fora do centro.

A possibilidade de leitura da contribuição de Lima Barreto para a imprensa carioca (...) nos permite acompanhar melhor as preocupações que o tomavam, as *campanhas* jornalísticas que levava adiante, a persistência de seus pontos de vista e, em alguns casos, as modificações que sofriam (...) os textos se transformam, para além de produção literária, em documentos. Nas crônicas de Lima Barreto temos registros da ‘história dos vencidos’ (...) história construída por vozes não oficiais. São a voz de alguém à margem, de um membro da *marginália*, fora do eixo do poder, do centro hegemônico das decisões políticas (...) (RESENDE, 2004, p.11).

Ou seja, na visão da pesquisadora, a obra de Lima Barreto se apresenta como uma das experiências marginais de comunicação mais significativas da primeira República.

A intenção do romancista em criar uma comunicação de valores efetivamente humanistas, a insistência em tocar em pontos da vida dos políticos, dos escritores, da dominação imperialista, aparece como a base constituinte, que pudesse retirar do homem o peso das mazelas sociais. Certamente que a forja de crítico surge de sua posição no campo social e do compromisso que ele sempre deixou evidente na função social de escritor.

Nessa mesma linha de abordagem, Maria Cristina Teixeira Machado diz que um escritor não consegue se ver totalmente livre dos conflitos de seu mundo. Seria o artista, nesse caso o escritor, através da sensibilidade aguçada, o ser capaz de imprimir na forma estética as angústias das experiências sociais. “O intelectual deve ser pensado não somente do ponto de vista de sua origem social, mas também sob a ótica da sua localização no campo em que atua, uma vez que o campo da produção intelectual é um espaço social de relações objetivas.”⁷⁸ E a posição de Lima Barreto deve ser traduzida pela marginalidade.

É consenso dentre as diversas abordagens da obra barreteana o lugar de marginal à produção. No entanto, é importante que seja apontado o como essa visão foi sistematizada pelo autor. Concebida de forma geral como um humanista, Lima Barreto criou sua base contra-hegemônica em diversas fontes e algumas destas sendo inclusive contraditórias entre si. Anarquismo, solidarismo, bovarismo e até fontes religiosas orbitam em suas sanguíneas defesas para um destino da literatura.

3.1 As ideias sócio-literárias de Lima Barreto

De acordo com Anuar Aiex, o trabalho de Lima Barreto, tanto na ficção, quanto no jornalismo, tem como fundamento os acontecimentos históricos, políticos e sociais de seu tempo. Mesmo assim, apesar de o autor apresentar um vasto repertório literário, a obra barreteana está marcada por um fio condutor que confere certa homogeneidade à sua produção.

⁷⁸ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. Lima Barreto: um pensador social na Primeira República. São Paulo: Edusp, 2002, p. 65

Essa abordagem fica mais nítida pois o próprio escritor demonstra essa intenção, de que o conjunto de sua obra representasse uma totalidade coesa. Em uma nota em seu diário, provavelmente de 1916, Lima escreve a um destinatário sem identificação sobre o que ele pretendia com o seu trabalho: “Mas como te dizia... desde o meu Isaías Caminha, que só trato de obedecer à regra de meu Taine: a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem.” (BARRETO, 1956f, p. 136).

Certamente, não há como analisar a produção jornalística de Lima Barreto através dos padrões atuais. Porém na reunião de artigos publicados em jornais e revistas apresentados sob o título de *Bagatelas*, o escritor adverte que sua prática de homem de imprensa são “reflexões sobre fatos, coisas e homens de nossa terra, que julgo, talvez sem razão, muitos próprios de mim.” (BARRETO, 1956a, p. 33).

Esses trechos destacados, de maneira geral, nos dá a noção da intenção do autor com sua obra. Ancorado num ecletismo teórico, como sugere Anoar, Lima Barreto construiu seu arcabouço teórico através de “um grupo heterogêneo de autores.”, mas nem por isso sua pegada crítica se perdeu. Ainda de acordo com o pesquisador, do anarquismo a maior influência parece ter sido de Kropotkine, um dos principais pensadores políticos do anarquismo no fim do século XIX.

Segundo Aiex, do filósofo russo, Lima Barreto absorveu o conceito de solidarismo, a “dependência mútua entre os homens, em virtude da qual uns não podem ser felizes e desenvolver-se, sem que outros também o possam” (1990, p. 17). Essa visão foi formulada após a difusão da obra de Darwin, ‘*Origem das Espécies*’, no qual o britânico afirmava existir uma competição entre animais da mesma espécie pela existência, caracterizando assim a luta como o principal motor da evolução. Ao levar esse conceito para sua pesquisa empírica, o anarquista verificou que ao invés do embate mortal entre os seres, o que existia era a cooperação entre os membros. A conclusão final foi de que a sobrevivência era maior entre os animais que agiam solidariamente. Lima se mostrou bastante entusiasmado com essa perspectiva. “Aceita dele que, ‘na marcha da evolução’, a ‘luta’ pela existência aos poucos vai sendo substituída pela ‘solidariedade. A solidariedade humana permeia toda a manifestação política e social de Lima Barreto” (*Ibidem*, p. 17). Em artigo, nesta mesma linha, em 1919, Lima escreve ‘*Sobre Maximalismo*’, onde defende o anarquismo como o caminho possível para solidarismo humano.

Mas é em um de seus últimos textos que Lima Barreto defende de maneira mais incisiva a sua concepção de literatura militante, termo que o próprio Lima confessa ter absorvido do escritor português Eça de Queiroz.

No livro homônimo ao texto de 1921, *'O Destino da Literatura'* (2011), o pesquisador R.J. Oakley destaca as fontes teóricas que surgem na defesa do romancista popular. De acordo com Oakley, em sua base, o texto está ancorado nas ideias sociais de Taine, Brunetière e dos escritos “anarco-estéticos” de Jean-Marie Guyau e do ensaio *O que é a arte?* do escritor russo Liev Tolstói. Desse cruzamento, Lima Barreto formula que a substância de uma obra seria o pensamento, a visão de mundo, que cada escritor investe nos textos.

Lima ainda se baseia em mais duas distinções necessárias ao ofício do escritor. A primeira, possuir um desejo “ardente de comunicar uma ideia, ou ideias, à humanidade e pela humanidade” (OAKLAY, 2011, p.5). A outra a inteligência, pois, os seres humanos pela “superioridade sobre os animais”, por ser um animal social, e possuir a habilidade de se comunicar através da linguagem permitiria ao ser humano multiplicar “a força do pensamento do indivíduo, da família, das nações e das raças, e, até, mesmo das gerações passadas graças à escrita e à tradição oral que guardam as cogitações e conquistas (...)” (BARRETO, 1956i, p. 120). Ou seja, caberia ao literato, ao escritor ser o representante dessas duas características humanas, numa espécie de sacerdote. “Inteligência e felicidade que Lima Barreto assevera que caminham juntas e supõem duas finalidades: penetrar o sentido da vida e, mediante tal compreensão, promover a solidariedade humana.” (OAKLAY, 2011, p.7)

Desta maneira, Lima Barreto busca defender que a literatura é um caminho para construção de um comum humano. Cada indivíduo se identificaria com um problema e conseqüentemente enxergaria na vicissitude alheia como um espelho, para assim criar caminhos possíveis para superação das questões que deixava a maior parte da população apartada das promessas republicanas. Para isso, ele coloca na função social do escritor uma espécie de condutor dessa transição individual para o coletivo. “(...) a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.” (*Idem*), afirma em um dos trechos.

Antes da análise desta proposta barreteana, faz-se necessário alguns apontamentos que contribuiriam para que o escritor criasse sua visão de comunidade universal dos homens. Para que os indivíduos criem suas concepções de mundo - as ideologias - é necessário um tipo de saber, proveniente da realidade social. Elas são o conjunto das relações sociais. E Lima Barreto compreendeu esses atravessamentos pelos valores de seu tempo, pelas condições sociais, raciais e econômicas de sua família, e pela conturbada vida política carioca. E sua escrita é o tempo inteiro um convite a esse universo, mesclagem de suas memórias articuladas às fortes críticas construídas pelo autor. Dessarte, Lima consegue apreender que os limites que ele enxergava na sua vida não era um mero jogo do destino e sim fruto das relações concretas estabelecidas pelos homens, por quem comandava o país. Assim como Marx destacou que a vida de cada indivíduo não poderia ser analisada de forma isolada: “A realidade social não é feita de partes autônomas, que possam ser compreendidas isoladamente.” (MARX; ENGELS, 2012). E é esse mergulho na realidade social brasileira que Lima Barreto leva como norte para defender a literatura como uma esfera de luta política.

Para Arnoni Prado, a função social da literatura defendida pelo jornalista volta-se contra o distanciamento academicista dos homens das letras.

(...) ao perceber o momento da virada, Lima Barreto insiste na necessidade de alterar a consciência criadora nacional e sob este aspecto sentiu como poucos a força integradora da literatura: ao mesmo tempo em que assinala o limite inadiável da mudança através da literatura, mostrando exatamente que nunca o seu papel poderia ser tão decisivo no Brasil quanto agora, insiste na urgência de integrar as realidades ilhadas e marginalizadas dos outros Estados (...) ⁷⁹

Outro importante trecho no qual Lima reafirma que as letras deveriam estar numa posição crítica à realidade foi o texto publicado na revista *A.B.C.*, em setembro de 1918, ‘*Literatura Militante*’. Nele, o jornalista faz considerações acerca de um artigo publicado pelo colega Carlos Malheiros, no jornal *O País*, afirmando que a obra do autor francês Anatole France deveria cair no gosto das elites sociais brasileiras. Lima Barreto corre em apontar que o escritor europeu nada tinha de contemplativo em suas obras. Elas tinham um “escopo sociológico. Militam.” E define qual seria o sentido militante da literatura brasileira:

⁷⁹ PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: O Crítico e a Crise*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976, p. 96

Nós nos precisamos ligar; precisamos nos compreender uns aos outros; precisamos dizer qualidades que cada um de nós tem, para bem suportarmos o fardo da vida e dos nossos destinos. Em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos nós. (BARRETO, 1956i, p. 72-73)

Teoricamente, Lima Barreto ancora seu ponto de vista na distinção sobre a beleza plástica na literatura, colocando de um lado escritores que para ele apenas se preocupavam com a forma da obra, como Rui Barbosa, e escritores que possuíam uma concepção de mundo, que levasse a humanidade a um comum universal, por exemplo, o escritor russo Liev Tolstói. Ou seja, Lima Barreto não concebia o belo na arte como a pura harmonia das formas, a perfeição exterior das composições. Mas como um catalisador, o elemento estético (dos sentidos) dotado de potência transformadora dentro da obra literária, que liga as pessoas através de uma autoidentificação com o problema apresentado por cada escritor e suas respectivas obras. Essa concepção, Lima retira do filósofo Ferdinand Taine. “É a substância da obra, não são suas aparências.” (*Ibidem*, p.58). Portanto, para que isso aconteça, a ligação das almas, o leitor precisava se identificar com o problema, a questão apresentada pelo autor e conseguir, por consequência, compreender que não está sozinho. As questões enfrentadas pelos indivíduos fazem compreender melhor as dos outros.

É a partir dos desdobramentos desses fatos, que Lima Barreto constrói a base de sua militante literatura. E são as fissuras das mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais que ele vai perceber como há a possibilidade de se romper de vez com a velha ordem estabelecida. E esse momento marcado pelo crescimento (produção e divulgação) e surgimento de novas técnicas jornalísticas e da literatura davam a esse novo sentido social, percebido por Lima Barreto, a possibilidade assinalada por Muniz Sodré na qual a comunicação surge como uma forma organizativa. Era o “a priori”, era o comunicar, o agir em comum para a formação “de um novo ecossistema existencial em que a comunicação equivale a um modo geral de organização.”⁸⁰

Para defender seu ponto de vista, Lima Barreto recorre ao livro *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, como um modelo de literatura que se preocupa com as condições gerais

⁸⁰ SODRÉ, Muniz. A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 14

da humanidade, como um modelo de concepção de mundo ao qual um escritor deve sempre estar a serviço.

Na obra, o escritor russo apresenta a seguinte questão: de um lado, uma velha senhora que usurpa a fragilidade e a miséria das pessoas, penhorando bens pessoais. E do outro, um jovem estudante que enfrenta toda sorte de problemas provenientes da falta de dinheiro. A história dos personagens se cruza, e Raskolnikoff percebe que a agiota possui uma quantia considerável em espécie em sua gaveta. E ele começa a pensar que esse dinheiro seria suficiente para “acabar com as misérias dos homens” (BARRETO, 1956i, p.60). Ao concluir que ele possui um grande ideal para o destino da humanidade, o estudante acredita que matá-la não seria uma questão. Já que seu feito seria infinitamente maior perante à vida de uma senhora avarenta.

Lima Barreto vai conceber seu ponto de vista a partir desses mecanismos, não do assassinato, da violência como prática de mudança social, mas da concepção de mundo de forte caráter humanístico, de uma missão. E a essa tarefa de ser uma espécie de parteira das ideias, cabe ao escritor, ao literato que transforma um argumento em sentimento, “a literatura salutar tem o poder de fazê-lo, de transformar a ideia, o preceito, a regra, em sentimento (...) convencemo-nos de que já havíamos sentido a sensação que o outro nos transmitiu (...)”. (*Ibidem*, p. 61).

Para ele mais do que nenhuma outra expressão artística, a literatura possui esse poder de contágio, pois algum sentimento se apossou anteriormente do autor, e ao passar isso para a escrita transforma a obra em traço de união:

uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por elas, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos.

É nessa perspectiva que Lima Barreto defende a literatura como “o poder de contágio que a faz passar de um simples capricho individual, em traço de união, em força de ligação entre os homens”. (BARRETO, 1956i, p. 62).

Bovarismo

Outra chave para a compreensão sociológica de Lima Barreto é o conceito de bovarismo. Inspirado na obra do escritor francês Gustave Flaubert, principalmente *Madame Bovary*, o filósofo Jules de Gaultier, assumidamente um nietzschiano e jornalista

da revista *Mercure de France*, publicação que Lima tinha acesso, cunhou este termo definindo-o como a capacidade do homem em se definir como outro que não é. De acordo com Aiex, esta definição a princípio se aplicaria à “psicologia individual”, porém o termo em sua essência não ficaria restrito ao campo do indivíduo, porque aos poucos esta distorção da realidade também teria influência no grupo social, na humanidade. Pois a imitação seria uma tendência geral do homem, o que o levaria a se comportar segundo a conduta do outro.⁸¹ O bovarismo seria uma atitude de fuga da realidade.

Em ‘*Casos de Bovarismo*’, de 1904, o próprio Lima Barreto dissecou essa teoria como sendo uma espécie de “Mal do Pensamento”. A personagem que dá nome ao conceito é Emma Bovary “pequena burguesa, educada num estabelecimento aristocrático, casada com um estúpido médico (...) faz de si um retrato de grande dama, talhada para altas cavalarias e satisfações”, o que a fez, segundo Barreto, criar uma imagem deformada da realidade. E para exemplificar os casos sociais de bovarismo, Lima rememora uma de suas viagens de trem até o Méier. Observou, certo dia, que dois homens ao tomar a condução não possuíam os bilhetes de passagem que eram apresentados ao condutor. Sem a comprovação em mãos, os homens realizaram a famosa “carteirada”. Um disse ser delegado e outro um ministro. “Ao olhar de quem não estiver armado do binóculo bovarico, não se apresentarão os dois atos como idêntico. Ambos são, entretanto, idênticos; partem do mesmo fato os dois; o comum delegado e o poderoso ministro se concebem outros que não são.” (BARRETO, 1956a, p. 58-60). O nosso bom e velho bovarismo social.

Lima Barreto não foge a essa regra. O próprio autor identifica o bovarismo em sua vida. No seu diário, o bovarismo aparece como estudo da obra francesa e em certos momentos identificando certas características comportamentais que se encaixariam no conceito. A anotação é de janeiro de 1905, voltava ele para casa após um encontro com amigos, um deles Noronha dos Santos. Era dez horas da noite quando chega em Todos Os Santos e encontra em casa uma festa.

Havia canto, dança etc. Ora, no estado que meu pai está, com poucos recursos que temos, positivamente aquilo me aborreceu. Como permitia meu orgulho que eu recebesse gente, sem oferecer-lhes boas coisas? Como? Demais, meu pai, aluado, na saleta, e o baile, a roncar na de visitas. Não me contive e manifestei logo meu descontentamento. (...) A minha vida de família tem sido

⁸¹ AIEEX, Anoar, *As Ideias Sócio-Literárias de Lima Barreto*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 30

uma atroz desgraça. Entre eu e ela há tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar-me. Será o meu bovarismo? (BARRETO, 1956f, p. 91).

Mas é no “Iaquismo” que Lima Barreto percebe o maior bovarismo brasileiro. Segundo Aiex, após a leitura de um artigo publicado na Revista do Brasil, de São Paulo, “*Um confronto infeliz*”, no qual o articulista critica a postura do governo brasileiro em adotar, ou melhor, querer copiar o modelo econômico estadunidense, Lima faz um elogioso artigo: “*O nosso iaquismo*”. Porque a tentativa de igualar os modelos acabou por criar um sentimento de inferioridade brasileira frente aos vizinhos do norte. E era essa insistente tentativa de imitar os EUA que colocava a política nacional frente ao seu maior desafio: tentar superar uma visão distorcida da realidade sobre si. “Substituir o ideal coletivo que é espontaneamente o nosso, por um outro que vai de encontro à nossa mentalidade e ao nosso temperamento, é suicidar-se.” (BARRETO, 1956a, p. 186).

Nas letras, por essa mesma ótica, pode-se ampliar essa distorção para o que Lima Barreto interpretava sobre os escritores brasileiros de seu tempo. Ao não poupar críticas à literatura “Sorriso da Cidade”, onde Coelho Neto e Afrânio Peixoto eram alguns dos alvos prediletos, por considerá-los vazios e afastados da realidade do povo brasileiro, era o bovarismo das letras. O jornalista H. Pereira da Silva ao analisar a trajetória barreteana, nos apresenta um trecho de uma carta trocada entre Lima e o amigo Austregésilo de Athayde, onde ele deixa evidente que esse divórcio entre literatura e realidade social jamais poderia ser um referencial:

Sempre achei no Machado muita secura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirou. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet – vá lá, mas Machado nunca! Machado escreve com medo de Castilho e escondendo o que sentia para não se rebaixar: eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou me exalto.⁸²

Para Lima Barreto, a influência estrangeira nas letras brasileiras não trouxe em si nenhuma inovação ou algo que contribuísse para refletir os problemas do país. O estrangeirismo era uma invasão, ao ponto de confessar que “(...) tenho notado nas rodas

⁸² BARRETO, Lima *Apud* SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto Escritor Maldito*. Rio de Janeiro: 1976, p. 41.

que hei frequentado, (...) uma nefasta influência dos portugueses (...). Ajeita-se o modo de escrever deles, copiam-se-lhes os cacoetes, a estrutura da frase (...)" (BARRETO, 1956f, p. 121). Lima Barreto acreditava que a literatura era conteúdo, forma; buscava comunicar-se com a humanidade devia estar a serviço do bem e não estar a serviço do ego, da fama. Ele via exatamente isso em seus contemporâneos, uma literatura que não olhava para o seu tempo, "muitos escritores brasileiros são notáveis por sua frivolidade."⁸³

O Belo como fator de união

De acordo com o escritor carioca, o fenômeno artístico "é um fenômeno social". Portanto, o valor do belo não reside na forma, no encanto estético, na proporção harmoniosa das partes, "como querem os helenizantes de última hora". A importância da obra literária que se quer bela, sem deixar de levar em conta dimensões da forma, do estilo, do equilíbrio das partes em vista de um fim, e de obter unidade na diversidade é que

uma tal importância deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do nosso destino em face do Infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda às questões de nossa conduta na vida. (BARRETO, 1956i, p. 60).

É preciso que o argumento apresentado pelo autor se transforme em sentimento, através da catarse.

Segundo a visão barreteana, o leitor ao se deparar com um texto "verdadeiramente artístico" acontece uma transmissão afetiva que conduz o indivíduo a compreender a finalidade do livro como prática voluntária para o bem comum.

É por aí, segundo a minha humilde opinião, que devemos orientar a nossa atividade literária e não nos ideais arcaicos e mortos, como este, variável e inexato, que a nossa poesia, tanto velha, como nova, tem por hábito atribuir à Grécia. Insisto neste ponto porque ele me apaixonou, tanto assim que, aqui e ali, sempre que posso, tenho combatido esse ideal grego que anda por aí." (*Ibid.* p. 66)

Ou seja, não há maneira de se realizar uma arte unicamente por sua beleza plástica.

⁸³ BARRETO, Lima. *Apud* OAKLEY, Robert John. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Unesp, 2011, p.32.

Se dissermos que o fim de uma certa atividade humana é unicamente o prazer, e só sobre ele fizermos repousar a nossa definição, será ela evidentemente falsa... examinando-se as questões de nutrição, por exemplo, ninguém se atreverá a afirmar que o prazer de comer é a função principal da nutrição. (TOLSTÓI apud BARRETO, 1921, p.?)

O visionário Lima Barreto ainda se arrisca ao afirmar que: “o homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo.” Continua o autor na defesa da literatura que o homem possui um meio quase perfeito de comunicação, através da linguagem, que permite aos seres “somar e multiplicar a força de pensamento do indivíduo”. E quanto mais perfeito for o poder associativo, no qual a literatura se apresenta como esse meio, “mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só a coletiva como a individual.” (*Ibidem*, p. 66).

Ela sempre fez baixar das altas regiões, das abstrações da Filosofia e das inacessíveis revelações da Fé, para torná-las sensíveis a todos, as verdades que interessavam e interessam à perfeição da nossa sociedade; ela explicou e explica a dor dos humildes aos poderosos e as angustiosas dúvidas destes, àqueles; ela faz compreender, umas às outras, as almas dos homens dos mais desconhecidos nascimentos, das mais diversas épocas, das mais divergentes raças; ela se apieda tanto do criminoso, do vagabundo, quanto de Napoleão prisioneiro ou de Maria Antonieta subindo à guilhotina; ela, não cansada de ligar as nossas almas, umas às outras, ainda nos liga à árvore, à flor, ao cão, ao rio, ao mar e à estrela inacessível; ela nos faz compreender o Universo, a Terra, Deus e o Mistério que nos cerca e para o qual abre perspectivas infinitas de sonhos e de altos desejos. (*Ibid.*, p. 67).

O problema dessa formulação barreteana de literatura como lugar de disputa de projetos de sociedade e da reconfiguração do comum é a hiper valorização dessa dimensão, das letras. Porém, não à toa, o escritor percebia na literatura e no jornalismo uma certa autonomia em relação ao poder hegemônico da época, ao ponto de afirmar que os jornais eram “O quarto poder fora da constituição”. No entanto, nesse texto de maturidade, escrito um ano antes de seu falecimento, ele não coloca essa disputa pelo consenso nas dimensões econômicas e políticas do país. E estas fundamentais camadas aparecem em diversos textos escritos pelo autor.

Apesar dos diversos problemas em defender a literatura como um plano de ação concreta de uma sociedade, nesse texto de 1921 em que ele defende o destino da literatura, como não levar elementos históricos em consideração, Lima Barreto consegue imprimir à essa concepção um forte caráter humanitário, de uma comunidade transnacional. Construída a partir de uma identificação mútua entre os seres humanos. “A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende-se ao futuro. Eu consumo a minha energia sem recear que este consumo seja uma perda estéril, imponho-me privações, contando que o futuro as resgatará – e sigo o meu caminho.” (BARRETO, 1956i, p. 69).

Além disso, essa ideia ainda está ligada a uma compreensão de um emissor para um receptor. Uma via única de produção de sentidos. Nessa perspectiva, Lima Barreto fica preso à ideia de quanto maior for a produção de informação maior será o alcance.

Raquel Paiva realiza uma crítica exatamente a esse tipo de visão ao afirmar que “contrário do que comumente se pensa, a produção de mais e mais informação não acaba por conscientizar as massas”⁸⁴. E soma-se a isso que Lima Barreto não enxerga a literatura como uma lógica mercadológica e isso estava ocorrendo exatamente no período de vida do autor. E pensar a produção literária fora das relações de poder enquanto um produto mercadológico, é deixar de fora um elemento importante de análise. Ele acaba centrando sua crítica ao escritor de maneira individual, como bastasse um certo despertar para realidade e tomada de consciência crítica da realidade. E parte das obras literárias daquele momento buscava exaltar a modernização do período conhecido como *belle époque* por exatamente cumprirem uma função social organizativa baseada no poder hegemônico. E essa interação, dessas esferas da produção de sentido da realidade, não aconteciam à toa. A luta pelo consenso se fazia também através dos aparelhos de imprensa.

Porque ao supor a literatura como uma “investida de poder de resgate da solidariedade humana ou da organicidade perdida”, ele precisaria apontar nesse texto essas questões, as diversas camadas da concretude da vida, as partes de um todo. E isso

⁸⁴ PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Rio de Janeiro: MAUD, 2003, p.

fica frágil no texto. Ainda de acordo com a formulação proposta por Paiva, por outro lado, é importante destacar que essa proposta barreteana está em sintonia com a ideia de que a comunidade seja “uma verdadeira estratégia dos que, por viverem na escassez ou à margem, constroem um saber particular de convivialismo e experiência local.” (*Ibidem*, p.24).

Essa dimensão de entender que as questões humanas em certa medida são comuns, e por isso criam laços que levam os seres na direção coletiva, é a grande chave do destino da literatura, do comum proposto por Lima Barreto.

Apesar da dimensão político-social não aparecer fortemente como um dos pontos fundantes do comum barreteano nesse texto, o próprio autor viveu e sofreu as mazelas sociais dos marginalizados. E na sua escrita, Lima Barreto dá voz, ouvido e espaço aos marginalizados, aos guetos, aos negros. Os cenários escolhidos em muitos romances e crônicas, como no caso de *O triste Fim de Policarpo Quaresma*, era o subúrbio carioca. Lima fala do racismo, da falta de socialização da política e da falta de uma ideia de nação brasileira. E essa solidariedade que ele acreditava ser capaz a literatura é uma espécie de comunicação comunitária, contra-hegemônica ao levar em consideração que o surgimento de um novo sistema passava necessariamente pelas dos que não estavam no centro do poder.

O poder de associação da arte, por transmitir sentimentos e ideais, concorre para o bem maior que seria a “união da espécie”. Através da beleza, “a literatura nos permite um entendimento mútuo, uma comunhão de pensamentos diversos, através do compartilhamento de experiências, possível pela imersão do leitor na visão de mundo de personagens múltiplos. Não estaria nisso, verdadeiramente, o destino e a beleza da literatura?”. (OAKLAY, 2011, p.110).

3.2 O lugar de Lima Barreto na literatura

A falta de socialização da política no Rio de Janeiro do século XX fazia as incipientes organizações estarem mais próximas do conceito althusseriano de “aparelhos ideológicos de Estado”. Pois não havia na relação entre a esfera política e as instituições, uma distinção de limites de atuação, autonomia de poderes de maneira geral. Ou seja,

escola, igreja etc., ainda estavam amarrados aos interesses de Estado, enquanto “sociedade política”. No entanto, Lima Barreto percebia de maneira empírica na literatura e no jornalismo - mesmo que de forma incipiente para época - instituições próximas aos “aparelhos privados de hegemonia”. Ou seja, entidades da sociedade civil que mesmo atravessados pela lógica dominante ainda podiam gozar de certa autonomia em sua prática.

Essa distinção entre os conceitos de Althusser e Gramsci se faz necessário pela seguinte questão: em primeiro lugar, pela própria característica peculiar do capitalismo brasileiro, que sem a efetiva quebra da classe dominante, não permitiu uma (re) organização da sociedade civil. Como critica Machado de Assis no romance *Esaú e Jacó*, apenas a placa da padaria foi trocada, mas a lógica interna permaneceu a mesma. Por outro lado, o jornalismo conquistou certa liberdade em relação aos interesses do Estado.

Para Lima Barreto, a política já havia falhado quando a República brasileira não foi sequer capaz de abrir espaço, democraticamente, às diversas vozes reivindicatórias que se levantavam naquele momento, de maneira que conseguisse garantir a participação efetiva dos grupos sociais que já se encontravam à mingua durante o Império. Ele percebia que as instituições nacionais eram meros títeres dos interesses da classe dominante.

Apesar dos limites da atuação da imprensa no século XX, como destaca Eduardo Granja Coutinho, a aproximação do jornalismo a temas populares e ao cotidiano da cidade realiza um giro não apenas no plano discursivo. Essa nova forma de comunicar cria o *medium social* por ter certa autonomia em relação ao Estado, mas era dependente do capital estrangeiro, principalmente o estadunidense. E essa característica da imprensa como mediador social o destaca como um campo de disputa pela hegemonia.

Jornalismo e literatura andavam juntos. Todos os grandes homens de imprensa também eram, simultaneamente, escritores consagrados. Eram agentes coletivos capazes de aglutinar prestígio em torno de suas ideias junto a parcelas significativas da sociedade. Lima Barreto demonstra ter consciência de que era preciso modificar as práticas de saberes das instituições para que se chegasse à transformação concreta da realidade. O Brasil não contava com experiência de grandes proporções que pudesse fazer um contrapeso ao jornalismo comercial. E Lima Barreto arriscava assim resistir nas

trincheiras e brechas surgidas nas tentativas de publicações mais à margem, ou até mesmo dentro da grande imprensa. A falta de uma sociedade civil organizada e forte, asfixiava a necessária articulação entre a produção barreteana e um público leitor com mais expressividade no número de alcance. Vale destacar que após a publicação de seu primeiro romance “*Memórias do escrivão Isaías Caminha*”, em 1909, Lima Barreto sofreu forte boicote por parte dos círculos intelectuais dominantes. O que o afastou da colaboração na grande imprensa e, conseqüentemente, de tentar, mesmo com todos os contratempos, esses jornais como um lugar de disputas de projetos jornalísticos.

Mas Lima Barreto estava correto em direcionar sua crítica a esse alicerce, ao universo das letras, para o elitismo vazio de parcela dos escritores. E esse posicionamento do homem-de-imprensa apontava para a certeza da capilaridade social que a tomada de posição que um jornal, por exemplo, o jornal ‘*Correio da Manhã*’, possuía dentre a população carioca. Os temas dos jornais facilmente se transformavam em tema de discussões e conversas nos famosos cafés, nos círculos universitários etc. E é por identificar a imprensa como a primeira organização da sociedade civil brasileira de seu tempo é que Lima Barreto vai insistir na literatura enquanto caminho possível de transformações sociais. “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela”. Para ele, a literatura não deveria ser o “sorriso da cidade”.

Apesar de se situar no período conhecido como jornalismo literário, caracterizado pela linguagem mesclada da observação direta de *factos* (do quotidiano), com a utilização de recursos da literatura para contar as histórias, mesmo com traços considerados fictícios, o gênero informativo não se perdeu e hoje é considerado fonte de pesquisas científicas. A crítica dirigida por Lima Barreto aos intelectuais brasileiros tinha na formação histórico-social sua principal fonte.

O destaque da obra de Afonso Henriques de Lima Barreto deve ser contextualizado pela carência de uma rede de produção intelectual, identificada com o universo popular, no período em que viveu o escritor. Dentro de uma época, marcada pelo domínio de uma literatura elitista, incapaz de construir uma consciência crítica no Brasil e de Brasil, o literato se apresenta como o porta-voz de uma prática contra-hegemônica.

E é este trabalho intelectual que surge como representação da tentativa de renovação de nossa literatura, buscando na imersão em meio à realidade social do Rio de

Janeiro, do início do século XX, para ressignificá-la; extrair daí um novo caminho para o povo brasileiro e para a política do país, que Lima Barreto vai levar como uma missão de sacerdote. O que ele buscava através do conjunto de sua obra, seja na literatura seja no jornalismo, era criar os vínculos comunicacionais necessários para que a população tivesse a compreensão de seus problemas concretos, criando assim uma consciência de mundo capaz de produzir as condições para superação de questões históricas nacionais. Lima Barreto buscou elaborar uma concepção de mundo, de vida, portanto de comunicação e cultura, onde houvesse efetivamente a participação de quem não era protagonista na história nacional. Bandeiras as quais defendeu em seus mais de 20 anos de atividade.

E a imprensa e a literatura eram consideradas por Lima, naquele momento, o lugar das disputas de ideias. Não é à toa que o escritor percebia isso ao ponto de afirmar que a imprensa era “O quarto poder fora da constituição”.

De acordo com Carlos Nelson Coutinho, o termo que Lenin cunhou “via prussiana” se refere ao modelo de evolução no qual a alteração social ocorre com a conciliação entre o “velho” e o “novo”, ou seja, ao invés de ocorrer a fissura entre formas políticas distintas, há um tácito acordo entre frações, que a princípio representam concepções de mundo antagônicas. Ocorrendo assim um reformismo “pelo alto”, sem a participação popular. No cenário desse tipo de evolução está a passagem da Monarquia à República brasileira. “No quadro desse profundo divórcio entre povo e nação, torna-se assim particularmente difícil o surgimento de uma autêntica consciência democrática-popular”⁸⁵. Parece que exatamente essa característica de evolução à brasileira recaiu significativamente na produção dos escritores. Somado a esse fator, os intelectuais tinham no Estado uma das principais formas de sustento e rede pessoal para o prestígio necessário, com o intuito de alcançar o tão sonhado lugar de escritor consagrado.

Então, não seria difícil de verificar que a produção literária desses escritores, conseqüentemente a concepção de cultura, estivesse totalmente amarrada aos interesses dos aparelhos ideológicos dominantes. O “intimismo à sombra do poder”⁸⁶ foi o caminho

⁸⁵ COUTINHO, Carlos Nelson. *O significado de Lima Barreto em nossa literatura*, in *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*, p 93. São Paulo: Ed Expressão Popular, 2011.

⁸⁶ Termo de Thomas Mann que Carlos Nelson se utiliza para apontar o tipo de condução literária que predominou no Brasil, distanciado da vida social, aristocrático.

de nossa literatura, da nossa cultura e da nossa comunicação. Como consequência dessas linhas gerais de desenvolvimento, os intelectuais brasileiros foram conduzidos a um determinado isolamento em relação a este processo. Determinado, porque, como enxerga Lima Barreto, essa direção não foi tomada sem o consentimento e consciência dos homens das letras. Esse intimismo fez com que os literatos, que também eram homens da imprensa, dirigissem suas penas à criação de um ambiente fetichizado, idealizado e distante da realidade nacional popular, representado por duas principais correntes: o romantismo e o naturalismo.

O que Lima Barreto busca criticar na intelectualidade brasileira com insistência é justamente esse distanciamento, essa relação de poder dos escritores em relação à vida concreta da população. Em seu plano estético, da concepção comunicacional, ele defende a função social do escritor como a figura responsável pela condução da construção de uma alternativa democrática, que levasse em conta, de fato, o povo brasileiro. “Tanto em sua obra estética, quanto em sua produção jornalística, o romancista carioca rompe decisivamente com qualquer versão do ‘intimismo à sombra do poder’, afirmando com clareza a dimensão humanista do ofício literário” (COUTINHO, 2011, p. 140)

Por esse motivo, ainda de acordo com Carlos Nelson, a obra de Lima Barreto se liga ao conceito de “nacional-popular”. Porém, é preciso destacar que essa característica geral de sua obra não está ligada a uma tomada consciente de uma ideologia ou concepção progressista de sociedade predeterminada do autor ou como imposição de uma determinada vertente estilística. O DNA dessa prática reside na angulação, no posicionamento pessoal do escritor ou artista, perante o seu tempo histórico.

Enquanto o realismo como método (e não como estilo) pode ser considerado o fator que unifica *a posteriori* o nacional-popular no terreno estético, no caso do pensamento social esse fator me parece residir numa concepção *humanista* e *historicista* do mundo, ou seja, numa concepção que afirma o papel da práxis na transformação das estruturas sociais e que concebe a ciência como um dos instrumentos para iluminar e guiar essa práxis transformadora (...). (*Ibidem*, p. 57).

De forma empírica, Lima Barreto parece distinguir, através de seu forte caráter humanista, a diferença entre o intelectual tradicional e o intelectual orgânico de Gramsci. Lima se apresenta imediatamente como esse intelectual que percebe nas novas

configurações das relações sociais, a necessidade de “organizar uma nova cultura”. Vemos essa linha do intimismo ser criticada pelo escritor, no seu romance inaugural *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909, “O pensamento comum dos empregados em jornais é que eles constituem, formam o pensamento do nosso país, e não só formam, mas são a mais alta representação dele” (BARRETO, 1956j, p. 235). Esse trecho do livro está em sintonia com a concepção gramsciana sobre a importância da criação de uma nova camada de intelectuais, ligada à vida prática, como construtores e organizadores sociais. “O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas – que creem ser literatos, filósofos, artistas – creem também ser os ‘verdadeiros’ intelectuais” (GRAMSCI, 1968, p. 8).

Através de seus textos temos a possibilidade de analisar o passado nacional, num sentido diferente ao que foi imposto pela classe dominante. O intelectual orgânico nos oferece a trilha para a compreensão de determinações que perduram até os dias de hoje. Nesse sentido, a obra do autor adquire a dimensão política formulada por Gramsci de superação da “mera recepção passiva” à “conscientemente para a totalidade das relações subjetivas e objetivas”. É pensar sua visão de mundo como ferramenta de uma práxis transformadora.

O fenômeno artístico-ideológico da obra de Lima Barreto deve ser contextualizado pela carência de uma rede de produção intelectual, identificada com o universo popular no período em que viveu o escritor. Dentro de uma época, marcada pelo domínio de uma literatura elitista, incapaz de construir uma consciência crítica no Brasil e de Brasil; é aí que se evidencia a importância da produção de Lima Barreto para a cultura brasileira. Ou seja, a importância do caráter *nacional-popular*⁸⁷, a articulação orgânica entre intelectual e massa, da obra barreteana para a cultura brasileira.

Trabalho intelectual que surge como representação da tentativa de renovação de nossa literatura, buscando na imersão em meio à realidade social brasileira, do início do século XX, ressignificá-la e extrair daí um novo caminho para o povo brasileiro e para a

⁸⁷ Conceito de Antonio Gramsci que o formula como via alternativa à cultura elitista italiana, por conta da característica de implementação do capitalismo em seu país, numa revolução que aconteceu “pelo alto”, sem que os intelectuais criassem um vínculo com o povo. Ou seja, na visão do pensador, esse distanciamento entre literatos e artistas, se deve a não participação da população nesse período transitório. Carlos Nelson Coutinho se apropria dessa categoria ao analisar as linhas de evolução da literatura nacional.

política do país. Como nos aponta Carlos Nelson Coutinho, uma literatura que criasse os vínculos comunicacionais necessários para que a população tivesse a compreensão de seus problemas concretos, criando assim uma consciência de mundo capaz de produzir as condições para superação de questões históricas nacionais. Esse é o ponto de análise do intelectual Lima Barreto, como representante dos marginalizados buscou elaborar uma concepção de mundo, de vida, portanto, de comunicação e cultura, onde houvesse efetivamente a participação do povo.

A produção intelectual do escritor/jornalista se apresenta como alternativa à “via prussiana”⁸⁸ dos literatos de sua época. A intenção de criar uma democracia popular, defendida pelo autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, merece a análise dentro de uma perspectiva totalizante do significado de sua obra, dentro da cultura brasileira. A crítica dirigida aos literatos de sua época e a busca por apresentar personagens à margem fazem parte de um projeto social que seguia na contracorrente, onde a participação efetiva da população e a construção de uma literatura que refletisse reais valores humanistas fossem possíveis.

Considerações finais

Percorrer o pensamento e obra de um escritor não é das tarefas mais fáceis. Parece que estamos o tempo inteiro a andar numa corda bamba, porque inevitavelmente temos a tendência de olhar para um texto buscando encaixá-lo dentro de um caminho teórico que nem sempre contempla a profundidade ou o próprio caminho percorrido pelo escritor. E, em certas ocasiões, podemos ser arrastados por certo fascínio pela obra, sem que se realizem análises e críticas que também são pertinentes a qualquer produção humana. E no caso específico de Lima Barreto isso não é diferente.

Mesmo que ele tenha ao longo de sua vida pontuado diversas vezes o desejo de tornar seus escritos um grande quadro marginal da sociedade carioca do início do século XX, a contribuição irregular na imprensa no período da juventude, mais tarde os

⁸⁸ Carlos Nelson Coutinho se utiliza deste termo de Lenin para designar o caminho lento e irregular do progresso social brasileiro

problemas de saúde, familiares, financeiros tornaram por assim dizer esse plano irregular, sem um escopo necessário para sistematizar a própria concepção. Esse foi um dos pontos mais difíceis para analisar o jornalismo de Lima Barreto enquanto um projeto político. Também não menos importante a dificuldade encontrada pelo jornalista em publicar, principalmente os seus romances, o fez algumas vezes perder o fôlego necessário para a construção de um trabalho mais homogêneo.

Porém, esse trabalho teve essa preocupação: tentar agrupar seus principais textos jornalísticos publicados num período de sete anos, de 1915 a 1922, tendo como base os temas que mais rondavam sua prática. Mas foi a concepção que Lima Barreto teve de sua obra o principal fio condutor para confirmar a hipótese de que seus textos representam um projeto político nessas linhas monográficas. A tentativa barreteana de agrupar suas crônicas em torno de temas mais específicos também foi fundamental para que esse caminho fosse seguido. E apesar do eixo central percorrido aqui ser os textos jornalísticos, há de se pontuar que parte considerável da pena crítica encontrada na imprensa, também estava em seus romances. Na verdade, pode-se afirmar que não há uma linha que separe esses polos, foram apenas diferentes plataformas de divulgação.

Isso não retira o caráter dissonante de algumas abordagens temáticas “Sua posição, todavia, nem sempre está isenta de inflexões contraditórias” (AIEX, 1990, p. 48), afirma Aiex. A crítica à República, um dos pilares mais contundentes de seus escritos, por vezes era calcado num sentimento nostálgico em relação ao período Imperial. Pode-se dizer que esse saudosismo era um de seus bovarismos.

Mas, o que é mais significativo, em sua obra romanesca a sociedade não é retratada em termos de luta de classes. Não é a burguesia como classe social que lhe interessa, mas o aspecto moral-psicológico do burguês: indivíduo unicamente preocupado com seu bem-estar pessoal, de espírito vulgar e estreito. O que lhe interessa, pois, é a relação entre indivíduo e sociedade, a luta do indivíduo em busca de seu lugar no seio da coletividade. (*Ibidem*, p. 50).

Ou seja, é apenas através da leitura e da ligação temática de seus textos que a intenção, forma e conteúdo, barreteana de criar um sistema social baseado na ligação entre as almas que o contraste em relação aos escritores contemporâneos do século XX, aparece. Sobretudo, pelas fontes teóricas bizarras citadas pelo jornalista, que ia do

anarquismo ao niilismo de Nietzsche, o que diversas vezes dificulta a compreensão do caminho do projeto político de Lima Barreto.

O estilo de escrita de Afonso Henriques é considerado autobiográfico em determinados pontos, como descreve Cavalcanti Proença, no prefácio da coletânea de artigos, *Impressões de Leitura*, destacando-o como um “memorialista”. Até porque, a invasão dos problemas raciais, por exemplo, encontrada em sua produção jornalístico-literária reflete muito do que o próprio autor viveu. Para Proença, esses traços seriam as características principais que nos permitem identificar um escritor consciente das imposições formais à escrita, mas ao mesmo tempo “as oscilações do temperamento” transcorrem sua produção.

No entanto, apesar das posições oscilantes, são por esses prismas que Lima Barreto enxergou seu mundo. Mundo que representou para ele a impossibilidade de ascensão social dos mestiços e pobres. Morador do subúrbio carioca, Lima Barreto descrevia o local como o cemitério dos infelizes, só ia para lá os derrotados na sociedade. E não teria como ser diferente: esse sentimento perpassou sua pena.

Sobre o racismo, vale destacar dois pontos da obra barreteana. A primeira é em relação ao tratamento destinado pelo visionário de Todos os Santos. Ao perceber sem muitas delongas que o racismo, travestido de bases científicas, era uma das mais incompreensíveis visões absorvidas por intelectuais brasileiros, como demonstrado ao longo deste trabalho. A outra e não menos importante, é o racismo estrutural pela qual a vida e obra de Lima Barreto acabaram sendo interpretadas. E nesse ponto, de maneira extremamente sutil, a maior parte de seus pesquisadores colocam o preconceito racial como uma espécie de apêndice. Ora atribuindo a Lima apenas uma insistência em tocar nesse ponto e em certas vezes exaltando a obra do escritor, colocando o racismo como uma espécie de pano de fundo.

Lilia Schwarcz, por exemplo, usa o termo “pirraça” (SCHWARCZ, 2017, p. 417) para falar sobre a insistência de Lima Barreto em abordar a questão racial em seus textos. Acerta, é verdade, em dizer que o escritor revela toda uma hierarquia racial que não era presente em outros literatos, colocando assim os afrodescendentes representados no romance brasileiro da época. Mas ao qualificar essa temática na obra do jornalista com

um termo que infantiliza essa visão, é diminuir o impacto do racismo estrutural (também no campo do) como literário-estético.

Mesmo Carlos Nelson Coutinho esbarra nesse limite quando analisa as pesquisas realizadas em torno da obra barreteana de que o caráter biográfico dele decorreria da “amargura de um homem de cor” ou o “ressentimento de um derrotado”. Certamente, Coutinho não afirma que a leitura possível da obra do jornalista deve ser feita sem a abordagem racial. Mas quando o caráter nacional-popular surge sem que essa dimensão esteja em pé de igualdade com as outras formas, cria-se um apagamento epistemológico da experiência concreta sobre o que é ser negro no Brasil.

Apesar de os dois exemplos acima parecem distintos tanto na forma quanto na abordagem, não há como estudar o trabalho intelectual de um afrodescendente na sociedade brasileira sem que o racismo seja uma esfera, de certa maneira, autônoma a um projeto proposto por seu produtor. Ou seja, o traço nacional-popular de Lima Barreto tem no racismo uma base, o “ressentimento de um homem de cor” é uma prática de catarse política. Infelizmente, este é um traço do racismo institucional que possui capilaridade até os dias de hoje.

Silvio Almeida destaca que para o domínio branco se perpetuar nas instituições da sociedade civil, é preciso que um grupo detenha o poder de exercer sobre a organização política, universidades, legislativo, judiciário e econômica da sociedade, mesmo sofrendo resistências, o controle da produção de consensos. E para a manutenção que certos controles sociais se perpetuem na sociedade, esse poder adquirido depende da capacidade do grupo hegemônico em institucionalizar seus interesses, “impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos da racionalidade que tornem ‘normal’ e ‘natural’ o seu domínio.”⁸⁹

Nesse sentido, por fim, enegrecer os referenciais teóricos sobre os estudos da obra de Lima Barreto, parece um caminho necessário para que outros pontos de sua produção possam ser justamente colocados ao lado da importância de sua contribuição para a cultura nacional, o lugar ocupado por este autor. Além disso, é escasso no campo da comunicação social, pesquisas. Quase toda a bibliografia produzida a partir da obra dele

⁸⁹ ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019, p. 40

concentra-se no campo das letras. E este estudo, apesar de incipiente, se propõem trilhar nesse sentido.



⁹⁰ Os dois periódicos utilizados como fonte de pesquisa para estudar o jornalismo de Lima Barreto nesse trabalho foram *A.B.C.* e *Careta*. Durante o processo de pesquisa foi verificado alguns problemas referentes aos cruzamentos de datas entre as edições de 1956, organizadas por Francisco de Assis Barbosa. Pois este se utilizou das datas dos originais encontrados na casa de Lima Barreto. Ou seja, muitos textos estavam com as datas de término e não da publicação. E em outros casos, apenas o

texto sem nenhum tipo de referência a periódico ou data. Trabalho de datação que depois foi sistematizado por Beatriz Resende nas crônicas completas. Mesmo assim, alguns textos ficaram de fora. Então, trabalhei da seguinte forma: cruzei as informações dos autores citados com os arquivos da Biblioteca Nacional. Porém, alguns arquivos mesmo microfilmados não estavam disponíveis na versão online. Com o fechamento da biblioteca por causa da pandemia provocada pela COVID-19, tive que interromper esse trabalho.

B
3891
N

ANNO I

N. 1

FLOREAL



Publicação bi-mensal
de critica e litteratura



DIRECTOR
Lima Barreto

REDACÇÃO
Rua Sete de Setembro, 89
1º Andar

Rio de Janeiro — Brazil — 1907



SEMANARIO ALEGRE, POLITICO, CRITICO E ESQUISANTE.

Noticiario Avariado, Telegraphia sem Arame, Chronica Epidemica

Tiragem: 100.000 Kilometros, por ora.

Collaboração de graça, isto é, de Espirito.

AVULSO

Capital rs. 400
Estados rs. 500

ASSIGNATURA ANNUAL

Capital 20\$000
Estados 22\$000



FREGUEZIA:

gaiata dos velhos habitos e dos velhos costumes, com o commentario leve ás cousas de actualidade.

Em todo o caso, isto já é um programma, felizmente, facil de cumprir, muito mais facil do que qualquer outro, com considerações a attender e preconceitos a respeitar.

Para os graves problemas da vida, para a mascarada Politica, para a sisudez conselheiral das Finanças e da intrincada complicação dos Principios Sociaes, cá temos a resposta propria: aperta-se a "sirène", e... "Fon-Fon!", "Fon-Fon!".

Se a cousa for grave de mais, com feições de Philosophia, com dogmas de ensinamentos, aperta-se demoradamente a "sirène" e ella responderá por nós, profunda e lamentosamente; "Fô... ôh. Fô... ôh. Fô... ôh."

E prompto. Não haverá assumpto mais sobrecasaca preta, mais cartola, mais Instituto Historico, que resista á ferina expressão desta "sirène" bohemia.

Assim, leitor amigo, cá estamos nós promptos para o successo e... para a gloria.

POUCAS

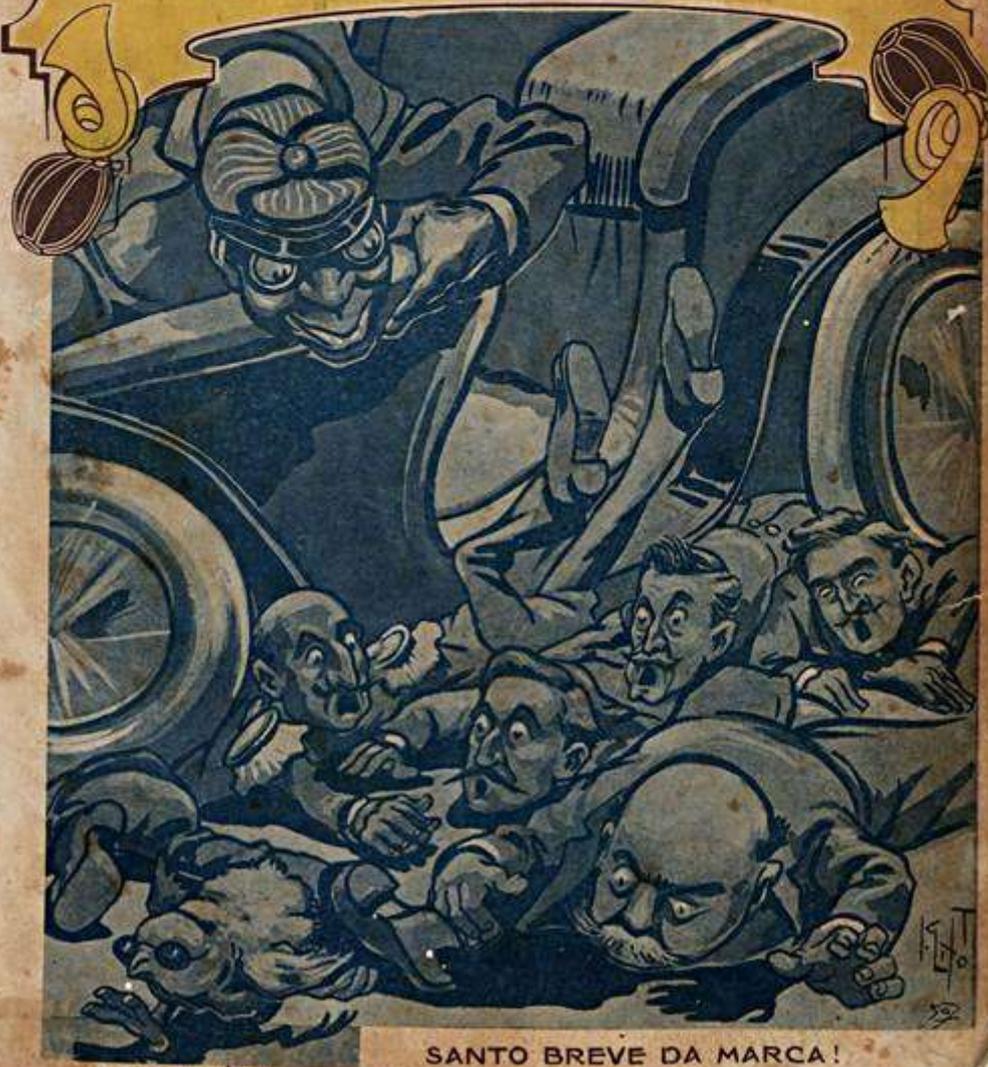
palavras apenas, á guiza de apresentação.

Uma pequena... "corrida", sem grandes dispendios de "gazzolina", nem excessos de velocidade.

Para um jornal agil e leve como o FON-FON!, não póde haver programma determinado (deviamos dizer distancia marcada).

Queremos fazer rir, alegrar a tua boa alma carinhosa, amado povo brasileiro, com a pilheria fina e a troça educada, com a gloza inoffensiva e

FONEFON!



400 RÉIS

SANTO BREVE DA MARCA!
QUE MARCA É ESTA!

A política e os políticos da Bruzundanga

A minha estadia na Bruzundanga foi demorada e proveitosa. O paiz, no dizer de todos, é rico, tem todos os mineraes, todos os vegetaes uteis, todas as condições de riqueza, mas vive na miseria. De onde tm onde, faz uma parada feliz e todos respiram. As cidades vivem cheias de carruagens; as mulheres se arretam de joias e vestidos caros; os cavalheiros chric se mostram, nas ruas, com bengalas e trajes apurados; os banqueiros e as recepções se succedem.

Não ha amantense do Ministerio do Exterior de lá que não offereça banquetes por occasião de sua promoção ao cargo immediato.

Isso dura dois ou tres annos; mas, de repente, todo esse aspecto da Bruzundanga muda. Toda a gente começa a fixar na miseria. Não ha mais dinheiro. As confeitarias vivem ás moscas; as casas de elegancias põem á porta verdadeiros recrutadores de freguezes; e os judeus do assucar e das casas de prego começam a enriquecer doidamente.

Porque será tal cousa, hão de perguntar.

E' que a vida economica da Bruzundanga é toda artificial e falsa nas suas bases, vivendo o paiz de expedientes.

Entretanto, o povo só accusa os politicos, isto é, os seus deputados, os seus ministros, o presidente, enfim.

O povo tem em parte razão. Os seus politicos são o pessoal mais mediocre que ha. Apegam-se a velharias, a causas extranhas á terra que dirigem, para achar solução ás difficuldades do governo.

A primeira cousa que um politico de lá pensa, quando se guinda ás altas posições, é suppôr que é de carne e sangue differente do resto da população.

O vallo de separação entre elle e a população que tem de dirigir se faz cada vez mais profundo.

A Nação acaba não mais comprehendendo a massa dos seus dirigentes, não lhe entendendo estes a alma, as necessidades, as qualidades e as possibilidades.

Em face de um paiz com uma população já numerosa em relação ao territorio occupado effectivamente na Bruzundanga, os seus politicos só pedem e proclamam a necessidade de introduzir milhares e milhares de forasteiros.

Dessa maneira, em vez de procurarem encaminhar para a riqueza e para o trabalho a população que já está, elles, por meio de capciosas publicações, mentirosas e falsas, attraem para a nação uma multidão de necessitados cuja desillusão, após certo tempo de estadia, mais concorre para o máo estar do paiz.

Bossuet dizia que o verdadeiro fim da politica era fazer os povos felizes; o verdadeiro fim da politica dos politicos

da Bruzundanga é fazer os povos infelizes.

Já lhes contei aqui como o Dr. Felismino Carrapatão, tido como grande financista naquella paiz, se saiu quando se tratou de resolver grandes difficuldades financeiras da nação. Pois bem: esse senhor não é o unico exemplo da singular capacidade mental dos homens publicos da Bruzundanga.

Outros muitos eu poderia citar. Ha lá uns que, depois de umas exhibições vaidosas de retratos nos jornaes e cousas equivalentes, se casam rico e deo para ser catholico praticante.

Eu, quando frequentei a Universidade da Bruzundanga, o conheci como adepto do positivismo do rito do nosso Teixeira Mendes. Quiz metter-se na politica, fagu do positivismo e, antes de 10 annos, eu-o de balandráo e opa a acompanhar proissões.

Dahi em diante, foi eleito definidor, fabricanteiro, escrivão de varias irmandades e ordens terceiras.

Este homem, ou antes este rapaz, que tão rapidamente se passou de uma idea religiosa para a outra, esse rapaz cuja insensibilidade é evidente, é ajudado em todas as suas pretensões, veleidades, desejos pelos bispos, frades, padres e irmãs de caridade.

As irmãs de caridade gozam, lá na Bruzundanga, de uma influencia poderosa. Não quero negar que, como enfermeiras de hospitales, ellas prestem serviços humanitarios dignos de todo o nosso respeito; mas não são a essas que os ambiciosos da Bruzundanga cortejam. Elles cortejam aquellas que dirigem collegios de meninas ricas. Casando-se com uma destas, obtêm elles a influencia das collegas, casadas tambem com grandes figurões, para arranjarem posições e lugares rendosos.

Toda a gente sabe como o pessoal ecclesiastico consegue manter a influencia sobre os seus discipulos, mesmo depois de elles abandonarem os seus cursos. Anatole France, em *L'Eglise et la République*, mostrou isso muito bem. Os padres, freiras, irmãs de caridade não abandonam os seus alumnos absolutamente. Mantêm sociedades, recepções, etc., para os seus antigos educandos; seguem-lhes a vida de toda a *fora*, no casamento, nas carreiras, nos *seus* lutos, etc.

De tal fórma fazem isso que constituem uma especie de maçonaria a influir no espirito dos homens, atravez das mulheres que elles esposam.

E os malandros que sabem dessa teia formada acima das mesias, das sinceras e das honestas de pensamento, tratam de cavar um dote e uma menina

das irmãs, o que vem a ser uma e unica cousa.

Disse-nos um velho que conheceu escravos na Bruzundanga que foram ellas, as irmãs dos Collegios ricos, as mais tenazes inimigas da abolição da escravidão. Dominando as filhas e mulheres dos deputados, senadores, ministros, dominaram de facto os deputados, os senadores e os ministros. *Ce que jenne vent.*

Na Bruzundanga, onde os casamentos desastrosos abundam como em toda a parte, não é lei o divorcio por causa dessa influencia hypocrita e tola, provindo dos ricos collegios de religiosas, onde se ensina apagar o francez e acompanhar a missa.

Essa disserção não foi á toa, em se tratando de politica e politicos da Bruzundanga, porque estes ultimos são em geral casados com moças educadas pelas religiosas e estas fazem a politica do paiz.

Com esse apoio forte, apoio que resiste ás revoluções, ás mudanças de regimens, elles tratam, no pòder, não de atender as necessidades da população, não de lhes resolver os problemas vitaes, mas de enriquecerem e firmarem a situação dos seus descendentes e collateraes.

Não ha lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes occupando cargos do Estado; não ha lá politicos influentes que não se julgue com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Thesouro da Republica.

No entanto, a terra vive na pobreza; os latifundios abandonados e indivios; a população rural, que é a base de todas as nações, opprimida por chefes politicos, inuteis, incapazes de dirigir a causa mais facil desta vida.

Vive sugada, esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarella, para que na sua Capital algumas centenas de parvos, com titulos altisonantes disso ou daquillo, gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afóra rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres.

A Republica dos Estados Unidos da Bruzundanga tem o governo que merece. Não devemos estar a perder o latin com semelhante gente; eu, porém, que me propuz a estudar os seus usos e costumes, tenho que ir até o fim.

Não desanimarei e ainda mais uma vez lembro, para bem esclarecer o que fica dito acima, que o grande Bossuet disse que a politica tinha por fim fazer a felicidade dos povos.

Num. 341

Sabbado 2 de Janeiro de 1915

Anno VII



Carta

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908



A NOITE DE REIS

Francisco José — O' Guilherme, parece que a nossa estrella já não brilha tanto.
Moamed — Guiar-nos-hemos pelas luzes do crescente.

“Polarisada” embriaguez

O desembaraço com que certos jornalistas envolvem as famílias dos adversários nos seus escriptos e polémicas trahe de uma maneira flagrante a sua origem geneologica.

Pésa, e não sabemos por quanto tempo ainda pesará, na nossa civilização irregular e abracadabrante o phenomeno da escravidão.

A immoralidade de costumes e a subserviencia em politica explicadas apressadamente pelo clima tropical e pela inexistencia de partidos politicos são outras tantas consequencias da formação do lar brasileiro.

Quando um jornalista negro mesmo depois de ter frequentado um seminario e se ter ordenado padre, vem a publico trazendo de cambulhada com os nomes dos seus desaffectedos as senhoras, os parentes, emfim, a familia daquelles, fal-o com a simplicidade de quem não póde possuir a noção eleva-

da do que seja familia pela simples e unica razão de a não ter conhecido jamais...

Os portuguezes de baixa classe, aventureiros e scelerados jogados ao Brasil pelo degredo ou aqui vindos ávidos de dinheiro, mal conseguiam accumular algum peculio não pensavam senão na patria e nas cachoupas e com a mais profunda e justificada saudade. A America estava feita... E no balanço, antes da partida, figuravam os “mulatinhos” — mercadoria valiosa — unica recompensa á pobre negra escrava que compraram e em quem sa-ciaram os instinctos famintos.

Dahi o odio cultivado ainda hoje contra o portuguez trabalhador e honesto que collabora comosco, odio que vae ao delirio dos bebedos e á sargeta das ruas quando o portuguez tem a mentalidade universal de um Malheiro Dias.

Na audacia com que escrevem nomes de senhoras, na preocupação em fallar daquillo que para elles é o impossivel — a familia, esses jornalistas expandem a saudade retrospectiva e cutanea da vergasta. Como em certa mulher publica a sensibilidade vaidosa não desapareceu deante de versos máos com titulos latinos e os recompensou “com ternos de roupa e nickéis”, é muito possivel em exemplares typicos de degenerescencia a cachaça não seja alimento completo...

O azorrague faz coegas a muita gente, sobretudo quando a comichão já produziu feridas e quando o acido urico apodrecendo pouco a pouco o pobre diabo ainda não o affastou da chacota dos moleques — da sua mesma cór. E' por isso que ainda os vemos cambaleando bebedos pelas ruas e vomitando como Antonio Torres.

PAULO HASSLOCHER.

Uma vida encerrada que recomeça

A INVOLUÇÃO POLITICA DO DR. BRICIO FILHO

O primeiro gesto do Dr. João Ribeiro, ao assumir a pasta da Fazenda, foi convidar para seu auxiliar de gabinete o Sr. Bricio Filho, um homem de integridade indiscutivel e uma das mais apreciaveis tradições politicas e jornalisticas do regimen republicano. Quanto á felicidade da escolha, o Sr. Ministro da Fazenda não podia ser melhor inspirado...

Mas acontece que este acto encerra um alcance de imprevisto e de pittoresco verdadeiramente inesperado. Vem quebrar a uniformidade das praxes officiaes e accender de novo, no animo já cangado do Dr. Bricio Filho, novas esperanças e novos sonhos, por lhe abrir, improvisadamente, o juiçio da carreira publica, que já percorreu com brilhantismo. Não foi, pois, um acto de mera sympathia e confiança pessoal, o do Sr. João Ribeiro. Foi, antes de tudo, um *surge et ambula* inesperado...

E' que os cargos de secretarios e auxiliares de gabinete de ministros são conferidos, invariavelmente, a jovens bisonhos, que vivem a arder no desejo insensato de entrar para a politica. E' por ahi que todos começam, por este primeiro degrão, onde termina o illustre jornalista,

E tanto é verdade, que o proprio Dr. Bricio Filho, comprehendendo a exquisitice da posição honrosa em que foi collocado, sentiu-se na necessidade de explicar-se.

Todos se espantaram, e os commentarios, pendendo para o humorismo, fervilhavam nas rodas de jornal:

— O Bricio secretario particular de Ministro! O Bricio Filho!...

E, então, o ex-director do “saudoço” *Seculo*, definiu-se:

— Meninos, para servir a Republica com o João Ribeiro não ha logares pequenos ou grandes!

Foi esta a formula sincera que encontrou para legitimar o phenomeno desse novo caso.

Formula tanto mais excellente quando se considera que o experimentado homem publico não tem o direito, pela confiança que a todos inspira o seu longo passado politico, de comprometter, agrá que reinicia a sua carreira já feita, o seu futuro, já percorrido e vivido com honradez e com independencia.

E mais ainda: — retrilhando o caminho conhecido, o Dr. Bricio Filho não cairá

mais nos possiveis erros que haja porventura praticado, na outra *étapa*, em tão boa hora encerrada com esta *rentrée* jovial da sua idade madura...

E quem sabe lá si este criterio, pela primeira vez adoptado na Republica pelo Dr. João Ribeiro, não será uma norma magnifica para a consolidação dos creditos abalados do regimen?

Porque os moços, como vemos a todo instante, falham de maneira lamentavel. Os velhos, estes — coitados! — não resistem ás tentações, ás ambições desenfreadas e ao dalirio das bambochatas administrativas.

Assim, devemos recorrer aos que, tendo attingido posições sem se equilibrarem nelas por muito tempo, devido a invejas ou a imprevidencias de tatica, ainda possuem fibra e vontade de recomeçar.

E' o caso do Dr. Bricio Filho.

Adoptemos, pois, o processo das involuções politicas. Para a defesa da nossa democracia avariada, entreguemos as armas aos soldados postos á margem pela compulsoria.

Convem esperar pela lição desta experiencia pittoresca...

O Brasil contra o Brasil

Uma palestra com o Senador Eloy de Souza sobre a concentração dos Estados pequenos

Si os empreiteiros da mascarada politica a que se deu o nome de "Concentração dos Estados Pequenos", estivessem agindo com a mais leve sombra de sinceridade, as palavras pronunciadas na reunião de terça-feira ultima pelo senador Eloy de Souza seriam sufficientes para dissolver o perigoso ajuntamento, mesmo depois da resposta indecisa, manhosa, mas inconsistente, que lhes oppoz o Sr. Lauro Muller.

Essas palavras, que definem luminosamente uma attitude, aliás coerente com o passado do representante norte-riograndense, causaram a melhor impressão aos verdadeiros republicanos.

Fiel a nobres principios e sem interesses inconfessaveis que o levem a fechar os olhos deante de situações que se impõem justamente por sua clareza, o culto e honesto politico deu, desta feita, mais uma prova da lisura e intelligencia com que defende os altos interesses nacionaes.

Que significa, realmente, uma alliança de Estados da Federação nos termos em que a propuzeram os Srs. Azeredo, Jeronymo Monteiro "et cetera"?

O Sr. Eloy de Souza mostrou com bom senso e lealdade que se quer apenas destruir os laços de fraternidade que prendem os Estados da Federação. Simplesmente isso.

As suas proposições, porém, francas e iniludiveis, têm dado margem a mal-entendidos que não podem nem devem prevalecer. Para desfazê-los, fomos procurar S. E. e pedimo-lhe que nos desse uma interpretação mais lata de seu pensamento. O illustre senador nos diz:

— O que eu affirmei na reunião de terça-feira foi o que já tenho affirmado varias vezes. Seria um perigo para a Federação si, ou sob o aspecto geographico ou sob qualquer outro, um grupo de Estados se congregasse permanentemente para defender os seus interesses regionaes. Essa alliança de alguns Estados, com caracter definitivo, determinaria necessariamente a união dos outros. E teriamos então, não a solidariedade, a fraternidade em que se baseia o nosso regimen, mas a rivalidade, a lucta, a separação...

— Em que termos foi feito o convite para a reunião do Senado?

— O convite falava de uma concentração dos pequenos Estados, para a defesa de seus interesses regionaes.

— Não se alludia a questão das candidaturas presidenciaes?

— Si a concentração fosse apenas para que determinados Estados esco-



Senador Azeredo, pae putativo da Concentração dos Estados pequenos

lhessem um candidato á presidencia da Republica, nada haveria a oppôr. Não ha inconveniente nenhum em semelhante alliança. Seria uma situação temporaria e teria por objecto a solução de um problema nacional. Nos termos, porém, em que se apresentou a questão é que está a sua gravidade.

Isso que lhe estou dizendo, eu o disse francamente aos meus collegas do Senado. A synthese publicada em alguns jornaes está certa. Não vejo, portanto, como, em boa fé, possa encontrar alguma nas minhas palavras outros intui-

tos senão os que ahí estão claramente expostos.

De resto, assumindo a attitude que assumi, eu não podia ter surpreendido a ninguém, pois todo o mundo deve saber que sempre fui contrario a allianças de Estados dentro da União, a não ser temporariamente e tendo por objectivo os interesses nacionaes.

Por amor a velhos principios

Uma polemica com a qual o illustre escriptor nada tem a ver pessoalmente, affasta, entretanto, Lima Barreto da collaboração que vinha mantendo, com brilho, ha longos mezes, neste periodico. Os motivos desse afastamento, o festejado romancista de "Isaias Caminha", nol-os fornece em carta que publicamos a seguir.

Tratando-se de um ponto de vista paramente contrinario, abstemo-nos de discutir as razões de Lima Barreto lamentando apenas e com sinceridade que taes razões nos privem das paginas fortes com que o grande romancista honrava semanalmente o "A. B. C."

Eis a carta de Lima Barreto e que é dirigida ao sr. dr. Paulo Hasslocher, um dos nossos directores:

"Amigo Paulo. A vista do teu artigo no "A. B. C.", de 25 do corrente, venho dizer-te, muito contrariado e sinceramente, que não continho a collaborar no teu semanario.

Não sou propriamente um jornalista; e, antes, tenho exprimido o meu pensamento, bem ou mal, em livros.

Seria negal-os, elles que me têm tanto custado e tanto os amo, deixar passar em silencio as tuas affirmações.

Se ellas tivessem sido feitas por outrem, seria eu o primeiro a rir com um artigalhaço, contestando-as, para que o publicasses no "A. B. C."

Mas, sendo tu que as fazes; e, não querendo eu e não podendo magoar-te de alguma maneira, despeço-me de tua brilhante revista e sigo o meu caminho.

E' com magua que faço isto e minha magua é tanto maior por não poder dizer francamente que as tuas palavras me suscitam revidar.

Uma cousa eu te lembro, para que não incorras em um erro vulgar de apreciação: todos os povos e raças passaram pela escravidão; a questão é de tempo e o tempo, para o philosopho não existe.

Adeus, saudades; e espero da tua lealdade, a publicação desta. Do teu amigo de para sempre, Lima Barreto.

Rio, 29—1—1917.

Referência bibliográfica

ADCHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AIEX, Anoar. *As Ideias Sócio-Literárias de Lima Barreto*. São Paulo: Vértice, 1990

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019

ARNT, Hérís *A influência da Literatura no Jornalismo: O Folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: e-papers, 2001.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAHIA, Juarez. *História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo, volume 2*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

BARBOSA, Marialva. *História da Comunicação no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima *Contos Completos; organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima *Contos Completos; organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima. *Bagatelas V. IX*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima *Cemitério dos Vivos V. XV*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva, primeiro tomo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Correspondência – tomo II*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Diário íntimo: memórias*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1956f. vol. XIV

- BARRETO, Lima. *Diário de Hospício*. São Paulo: Brasiliense, 1956g.
- BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás V. X*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956h.
- BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura* vol XIII São Paulo: Brasiliense, 1956i.
- _____. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1956j, vol.I.
- _____. *Lima Barreto: Romance*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Toda Crônica*. Apresentação e notas Beatriz Rezende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, Volumes I e II
- BARTHES, Roland. *Análise Estrutural da Narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1982
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. Ática: São Paulo, 2007.
- COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Ciências Humanas LTDA, 1979.
- CORRÊA, Felipe Botelho. *Lima Barreto Sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. São Paulo: Ed Expressão Popular, 2011
- _____. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Civilização Brasileira, 1999
- COUTINHO, Eduardo Granja. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (org) *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.
- _____. *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- _____. *Os cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- DÁROZ, Carlos. *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia* (Locais do Kindle 1960-1963). Edição do Kindle.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FEIJÃO, Rosane. *Moda e Modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Nilo Peçanha e o Rio de Janeiro no cenário da federação*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2010. Org. CÔRTE, Andréa Telo da.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. Ática: São Paulo, 2007.

GIANNOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1968

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *Linguagem Jornalística*. Ática: São Paulo, 2006.

LEVIN, Orna Messer. *João do Rio, antologia de contos*. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, 2010.

LUKÁCS, György. *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Expressão Popular. São Paulo, 2012

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

“*O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*”

Oakley, R.J. *Lima Barreto e o Destino da Literatura*, São Paulo: editora Unesp, 2011

OLIVEIRA, Eduardo de. *A francesa História do Brasil*. Rio de Janeiro: Multitype, 2009.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura: Trajetória intelectual, Práxis e Resistência Negra*. Salvador: EDUNEB, 2016.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Rio de Janeiro: MAUD, 2003.

- PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: Literatura Comentada*. São Paulo: 1981: Abril Educação, 1980.
- RANGEL, Monique Benati. *Profissionalização Jornalística: Identidade, Anonimato e Autoridade*. Brasília: 2006.
- RESENDE E VALENÇA, Beatriz e Rachel, organizadoras. *Lima Barreto: Toda a crônica, vol. II*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- RESENDE, Beatriz. Intr. *O Subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese de Doutorado, em História da Imprensa. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, 2000.
- RIBEIRO, João Junior. *O que é positivismo?* São Paulo: Brasiliense, 1982.
- RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e esfera pública: o processo de institucionalização do jornalismo no Brasil (1808 -1964)*. São Paulo: 1998.
- SANTOS, Joel Rufino. *Saber do negro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Além do visível: o olhar da literatura*. 7 Letras: Rio de Janeiro, 2007.
- SCHWARCZ, Lilian Moritz, organização e introdução. *Contos Completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1992.
- SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto Escritor Maldito*. Rio de Janeiro: 1976
- SILVA, Luis. *Retratos do Brasil Negro: Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro
- SILVA, Luiz. *Lima Barreto (Retratos do Brasil Negro)*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

SODRÉ, Muniz. *A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

VASCONCELLOS, Eliana. *Entre a agulha e a caneta: A mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VAZ, Ana Lucia. *Jornalismo na correnteza: senso comum e autonomia na prática jornalística*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

SITES:

CORRÊA, Henrique Sergio Silva. O A.B.C. de Lima Barreto (1916-1922). 2012. 328 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/99621>.

Equal Justice Initiative

Disponível em: <https://eji.org/projects/community-remembrance-project/>

Linchamentos Raciais no Pós-Abolição: Uma Análise de Alguns Casos Excepcionais do Oeste Paulista. Acessado em

<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos.6/karlmonsma.pdf>

Diretrizes nacionais feminicídio.

Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf

Fundação Getúlio Vargas. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARETA.pdf>

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1908/careta_1908.htm

m

1 GARCIA, Sheila do Nascimento. Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-1945). 2005. 239 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93407>